

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MICHEL DE PAULA SOARES

**“Boxe é compromisso”**  
**Políticas do corpo, territórios e histórias de vida de**  
**boxeadores na cidade de São Paulo**

Versão corrigida

São Paulo

2018

Michel de Paula Soares

“Boxe é compromisso” :  
Políticas do corpo, territórios e histórias  
de vida de boxeadores na cidade  
de São Paulo

DISSERTAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA SOCIAL  
2018



MICHEL DE PAULA SOARES

**“Boxe é compromisso”**  
**Políticas do corpo, territórios e histórias de vida de**  
**boxeadores na cidade de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

Versão corrigida

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S626. Soares, Michel de Paula  
. "Boxe é compromisso": Políticas do corpo,  
territórios e histórias de vida de boxeadores na  
cidade de São Paulo. / Michel  
de Paula Soares ; orientador José Guilherme C.  
Magnani. - São Paulo, 2018.  
174 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Antropologia. Área de  
concentração: Antropologia Social.

1. Boxe. 2. Corpo. 3. Território. 4. Antropologia  
urbana. 5. Movimento. I. Magnani, José Guilherme C.,  
orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

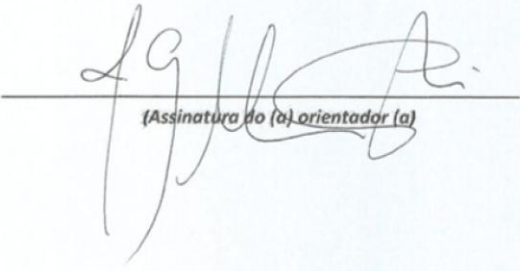
**Nome do (a) aluno (a): Michel de Paula Soares**

**Data da defesa: 22/11/2018**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): José Guilherme Cantor Magnani**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/03/2019

  
\_\_\_\_\_  
{Assinatura do (a) orientador (a)}

SOARES, Michel de Paula. **“Boxe é compromisso”**: Políticas do corpo, territórios e histórias de vida de boxeadores na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Jose Guilherme Cantor Magnani	Presidente	FFLCH - USP	Não Votante
Silvana de Souza Nascimento	Titular	FFLCH - USP	Aprovado
Alexandre Barbosa Pereira	Titular	UNIFESP - Externo	Aprovado
Osmundo Santos de Araujo Pinho	Titular	UFRB - Externo	Aprovado


**Resultado Final:** Aprovado

#### Parecer da Comissão Julgadora \*

A banca destaca a qualidade da pesquisa etnográfica e a clareza e profundidade do texto. Ressalta ainda a originalidade da pesquisa que articula as políticas do corpo com os usos do espaço da cidade. O Prof. Dr. Osmundo Santos de Araujo Pinho participou da defesa por meio de videoconferência.

Eu, Marcos Aurelio Nogueira Lourenço MANhourenço, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 22 dias do mês de novembro de 2018.

  
Silvana de Souza Nascimento

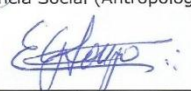
  
Alexandre Barbosa Pereira

  
Osmundo Santos de Araujo Pinho

  
Jose Guilherme Cantor Magnani  
Presidente da Comissão Julgadora

\* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 22/11/2018 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Mestre em Ciências obtido no Programa Ciência Social (Antropologia Social) - Área de concentração: Antropologia Social.

  
Presidente da Comissão de Pós-Graduação  
Prof. Dr. Edécio Gonçalves de Souza  
Presidente da CPG  
FFLCH-USP

*Em memória de João Batista dos Santos,  
o Jotabê.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador José Guilherme C. Magnani, pela confiança, paciência, respeito e humildade. Minha mais profunda admiração por tudo que tens me ensinado.

À CAPES e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2016/01619-2, pela concessão da bolsa, imprescindível para que eu pudesse me dedicar de forma integral à pesquisa.

Aos funcionários do PPGAS, em especial à Juciele Borges Cristovão.

Aos professores e professoras do PPGAS, em especial João Felipe Ferreira Gonçalves, Marta Rosa Amoroso, Laura Moutinho e Heloísa Buarque, fundamentais para muitas das ideias aqui tratadas.

Aos professores e estudantes com quem divido tempos e espaços nos eventos acadêmicos em que estive nos últimos dois anos.

Aos professores Alexandre Barbosa e Silvana Nascimento, membros de minha banca de qualificação, pelas dicas substanciais para o desenvolvimento da etnografia.

Aos meus colegas da turma de mestrado 2016, em especial Carlos Gimenez e Gabriela Leal, pelas interessantes conversas de corredor.

Aos amigos e amigas do PPGAS, em especial Lucas Lopes, Ana Fiori e Renato Jacques.

Aos membros do LabNAU, professores, professoras, estudantes e monitores.

Aos amigos e amigas Yuri Tambucci, Rodrigo Chiquetto, Mariana Hangai, Enrico Spaggiari, Mariana Machini, Leslie Lopes e José Agnello, pelo apoio, cooperação e incentivo.

A todos os membros da equipe Boxe Tatuapé, em especial Assolam, Linguíça, Ronaldo, Aline, Cléber, Beto, Gigante, Rodrigo, Vinícius, Mestrão, Rogério, Marcelo. Kiko, Marcelo e Rogério.

A todos os membros do Boxe Autônomo, em especial Jacopo, Gabriel, Rafael, Guilherme, João Porreta, Fernando, Jefão, Elisa, Caio, Matteo, Victor, Mariga, William e às crianças da Comunidade do Moinho.

À Casa do Povo.

A todos meus companheiros e companheiras do fazer artístico, em especial Thiago Pereira, Thiago Babalu, Renato Ribeiro, Fernanda Broggi, Bianca Vijunas, Júlio de Oliveira, Fernando Fidura, Rafael Tosta, Acauã Capucho, Aline Mareá, Bruno Barros, Carlos Simão e Mariana Campos.

Essa dissertação não se concretizaria sem o apoio de Breno Macedo, Raphael Piva, Isafas Minotauro e Pathy Maitre. Tenho profundo respeito e admiração por vocês, verdadeiros boxeadores.

A todas as equipes, atletas e treinadores, heróis anônimos que não esperam por representações e fazem do boxe uma prática de respeito, afeto e colaboração.

À minha companheira Ana Flora e à minha família, pelas horas roubadas.

A todas essas pessoas, e muitas outras que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento da dissertação, devo agradecer profundamente.

## RESUMO

SOARES, Michel de Paula. **“Boxe é compromisso”**: Políticas do corpo, territórios e histórias de vida na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A presente dissertação parte de meu engajamento como aprendiz de boxe em três diferentes equipamentos na cidade de São Paulo. Uma etnografia emaranhada em narrativas viscerais sobre uma prática corporal eficaz, complexa, coletiva e contraditória. Para isso, procurei um olhar *de perto e de dentro*, convivendo solidariamente com meus colegas, desde a rotina das academias aos torneios e competições. Histórias de vida, corpos em metamorfose, olhares e gestos que representam, como mímica da violência, a postura da agressividade, se entrelaçam no limite entre o fantástico e o cotidiano. Boxe é “movimento”, “compromisso” “matemática”, “dor”, “sacrifício”, “amor”, “dança”, “é sério”, é “pensar com as pernas”, é “roubar no olho”, é para “existir em outro lugar”, é “ritmo, tempo e barulho”. Busquei compreender como se dá a construção de territórios, corpos e relações a partir do comprometimento em *calçar as luvas*. O mundo do boxe envolve uma emaranhada e complexa trama política-social, justapondo masculinidades conflitantes e contraditórias, utopias e reterritorializações, significados sobre racismo e violência, disciplina e sacrifício, espaços urbanos e fronteiras simbólicas, resultando em dinâmicas históricas singulares e carregadas de significação para as pessoas envolvidas.

Palavras-chave: Boxe; Corpo; Território; Antropologia urbana; Movimento.

## ABSTRACT

SOARES, Michel de Paula. **"Boxing is compromise": Body politics, territories and life stories of boxers in the city of São Paulo** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The present dissertation starts from my engagement as boxing apprentice in three different equipments in the city of São Paulo. An ethnography entangled in visceral narratives about an effective, complex, collective and contradictory body practice. For this, I sought a look *from near and within*, living together with my colleagues, from the routine of the academies to the tournaments and competitions. Life stories, bodies in metamorphosis, looks and gestures that represent, as a mimic of violence, the posture of aggression, are intertwined in the limit between the fantastic and the everyday. Boxing is "movement", "compromise", "math", "pain", "sacrifice", "love", "dance", "serious", is "think with legs", is "steal in the eye", is to "exist elsewhere", is "rhythm, time, and noise". I have tried to indicate how the construction of territories, bodies and relationships is given from the commitment *to put on the gloves*. The *boxing world* involves a complicated and complex political-social fabric, juxtaposing conflicting and contradictory masculinities, utopias and reterritorializations, meanings about racism and violence, discipline and sacrifice, urban spaces and symbolic frontiers, resulting in unique historical dynamics and charged with significance for the people involved.

Keywords: Boxing; Body; Territory; Urban anthropology; Movement

## RESUMEN

SOARES, Michel de Paula. **"Boxeo es compromiso": Políticas del cuerpo, territorios e historias de vida de boxeadores en la ciudad de São Paulo.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

La presente disertación parte de mi compromiso como aprendiz de boxeo en tres diferentes equipamientos en la ciudad de São Paulo. Una etnografía enmarañada en narrativas viscerales sobre una práctica corporal eficaz, compleja, colectiva y contradictoria. Para eso, busqué una mirada *de cerca y de dentro*, conviviendo solidariamente con mis colegas, desde la rutina de los gimnasios a los torneos y competiciones. Las historias de vida, cuerpos en metamorfosis, miradas y gestos que representan, como mímica de la violencia, la postura de la agresividad, se entrelazan en el límite entre lo fantástico y lo cotidiano. El boxeo es "movimiento", "compromiso", "matemática", "dolor", "sacrificio", "amor", "danza", "es serio", es "pensar con las piernas", es "robar en el ojo", es para "existir en otro lugar", es "ritmo, tiempo y ruido". Busqué indicar cómo se da la construcción de territorios, cuerpos y relaciones a partir del compromiso en *calzar los guantes*. El *mundo del boxeo* envuelve una enmarañada y compleja trama política-social, yuxtapuesta masculinidades conflictivas y contradictorias, utopías y reterritorializaciones, significados sobre racismo y violencia, disciplina y sacrificio, espacios urbanos y fronteras simbólicas, resultando en dinámicas históricas singulares y cargadas de significación para las personas implicadas.

Palabras clave: Boxeo; Cuerpo; Territorio; Antropología urbana; Movimiento

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>14</b>
Esboços preliminares sobre uma etnografia do boxe .....	15
Uma prática para “existir em outro lugar” .....	19
Loïc Wacquant e o boxe nas ciências sociais .....	20
Alguns pressupostos teóricos .....	26
Estrutura da dissertação .....	28
<b>Capítulo 1: O boxe como construção de si .....</b>	<b>32</b>
Prólogo – Boxe e o “espaço maldito da cidade” .....	33
Capítulo 1.1 – Início da trajetória: a “quebrada no centro” .....	34
O boxe em uma “quebrada” no centro .....	38
Capítulo 1.2 – Meu “pai africano”: o corpo-território dos boxeadores angolanos .....	45
Brasil e Angola, entre <i>um rio chamado atlântico</i> .....	46
“O tempo todo saindo fora!” – o corpo-boxeador na cidade .....	49
Veena Das e a cicatriz de Leon .....	52
Afonso, o ex-boxeador .....	54
Jonas, cosmopolitismo e vulnerabilidade .....	55
Capítulo 1.3 – “O corpo pede”: morte e vida de um “guerreiro” .....	58
A última batalha .....	58
Rua Bahia, 329 .....	59
Guerreiro .....	61
Carandiru, memórias de terror .....	62
Futebol, “uma das coisas mais sérias da detenção” .....	65
Pedagogia de um corpo-testemunho .....	65
Síndico do <i>pedaço</i> .....	67
Notícias sobre sua morte .....	69
Rua Sete de Abril, 127 .....	71
<b>Capítulo 2: “Para arrancar a cabeça” – O boxe como território de/em disputa .....</b>	<b>77</b>
Prólogo – “O jeito certo de gritar” .....	78
Capítulo 2.1 – Uma ilha de <i>marginalidade</i> .....	79
Um cosmopolitismo selvagem .....	83
“Boxe profissional não é esporte” .....	87
“Perder me jogando jamais!” .....	90
“Vou pra cima dela sem dó” .....	92
Ruínas do progresso .....	95
Capítulo 2.2 – O ritual de iniciação do corpo boxeador .....	99

O choro de Cléber .....	99
“Adrenalina na ponta do punho” .....	104
“Você é assassino mano!” .....	107

### **Capítulo 3: “Ensinar boxe, aprender política” – o boxe como técnica, “valor” e relação .....116**

Prólogo – “Colocando vida através do boxe” .....	117
Capítulo 3.1 – A política no ringue: o pugilismo com “valor” do Boxe	
Autônomo na Casa do Povo .....	118
“Cresci no meio do boxe” .....	119
MM Boxe – o boxe como revitalização de uma região degradada ....	121
Inventando cultura, criando tradição – a escola cubana no interior paulista .....	122
“Foi um marco para a gente: somos bons!” .....	124
“Ensinar boxe, aprender política” .....	125
“O boxe é o futebol de várzea da Itália” – Jacopo e a <i>Palestra Popolare</i> .....	127
Uma pedagogia do comprometimento .....	128
“Alegria nas pernas” .....	131
Capítulo 3.2 – “Pensar em movimento”: <i>sparring</i> , aprendizagem e o corpo em metamorfose .....	134
“Tira-sangue” .....	137
Corpo, <i>mimesis</i> e percepção .....	138
Outras <i>técnicas corporais</i> .....	140

### **Considerações finais.....150**

Notas para alguma discussão .....	151
“É preciso conhecer o mundo” .....	153
“Viajar é existir em outro lugar” .....	155
Do lado errado da história .....	156
Desvãos, espaços e presenças .....	157

### **Bibliografia .....160**

#### **Anexo 1 – Definições de boxe no *Atlas do Esporte no Brasil* .....168**

#### **Anexo 2 – Uma notável descoberta, ou, considerações sobre algumas relações em campo .....170**

## Introdução

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade – um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis de óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

João Guimarães Rosa

É conhecida a estratégia de provocar uma infecção dosada para obter o antídoto. Aqui, por meio de um erro controlado nas funções tonais, provocamos uma fermentação que, a depender do grau, fica entre a raiva e a vacina (...). Conhecemos isso no mito e no cotidiano. Seja o príncipe da Dinamarca, seja o Orestes de Ésquilo, seja Sir Patrick Spence, navegador da lendária canção escocesa, seja na vida comum de qualquer um de nós. Muitas vezes estranhemos em zonas de atrito ou até em mares tempestuosos. E, quer reajamos com um limbo de indecisões, quer nos lancemos em uma luta temerária, quer nem percebamos a virose que nos consome, a nossa vida diária está repleta dessas tonalidades conflitantes.

Tom Zé

## Esboços preliminares sobre uma etnografia do boxe

Não é preciso um grande esforço para justificar a *validade* da presente etnografia. O boxe – constantemente retratado em filmes, livros, na fotografia, na música e na dança – habita, de certo, lugar privilegiado no mapa das representações de práticas corporais complexas. “Talvez porque suas narrativas, seus personagens e ambientes (confusos, paradoxais, sombrios) sejam muito adequados à elaboração de boas histórias” (Melo & Vaz, 2006, p.143). Algumas definições preliminares: relação de oposição carnal entre adversários duais inconciliáveis no espaço-tempo do combate, “representa como mímica da violência a postura da agressividade” (Pinho, 2005, p.132) justaposta à leveza da “dança” em corpos disciplinados; limite entre a *natureza* e a *cultura*, entre o fantástico e o cotidiano; dialética do fraco e do forte. “Para saber quem está por baixo na sociedade, você tem que ver o boxe”, definiria o lendário treinador norte-americano (Dee Dee, em Wacquant, 2002, p.60). Na genealogia da disciplina em questão, devemos a popularidade de uma *etnografia do boxe* ao sociólogo francês Loïc Wacquant, com seu livro *Corpo e Alma* (2002), embora não seja o primeiro a descrever sociologicamente a prática pugilística.

Apesar de nunca haver praticado boxe em minha juventude, esta nunca foi uma atividade estranha em minha própria história de vida. O boxe era uma prática comum, pertencente ao conjunto de ocupações da classe trabalhadora, na geração de meus pais. Guardo em minha memória diversas histórias de meu pai, assim como de meu avô, sobre suas experiências em *calçar as luvas* na juventude. Na Vila Fátima, bairro operário da periferia de Guarulhos onde cresci, havia uma academia e frequentemente visitava-a para assistir os pugilistas em ação. Contudo, foi apenas em 2011, já adulto, que tomei disposição para frequentar uma academia de boxe, atividade que durou pouco mais de um ano. Em 2015, quando conheci a academia sob o viaduto do Glicério, o boxe não era para mim, portanto, uma prática desconhecida<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Vale lembrar que o ponto de vista aqui adotado parte de um homem socialmente identificado como branco, proveniente da classe trabalhadora e de um bairro da periferia de São Paulo. Mesmo que minha trajetória de vida não seja muito questionada por meus colegas de pugilismo, faço sempre questão de dizer, quando oportuno, que sou de Guarulhos, filho de pai metalúrgico e mãe dona-de-casa, e que minha renda mensal não é muito maior que a maioria deles.

Em linhas gerais, a presente dissertação, realizada a partir do projeto “*Enterrem meu coração sob o viaduto*” – a Nobre Arte e o bairro negro de São Paulo, pretende compreender como se dá a construção de territórios, corpos e relações a partir do engajamento na aprendizagem de uma técnica corporal complexa, coletiva e contraditória. Filiado à antropologia urbana que se consolidou em São Paulo a partir dos estudos de Eunice Durham e Ruth Cardoso (Magnani, 2012), exponho textualmente parte de minha própria experiência enquanto aprendiz de boxe<sup>2</sup> em três academias, instaladas em distintas regiões – Baixada do Glicério, Tatuapé e Bom Retiro – da cidade de São Paulo. Essa trajetória possibilitou, de certa forma, tomar uma posição comparatista<sup>3</sup>, mesmo que de forma experimental e especulativa, sem a intenção de dar um quadro geral sobre o pugilismo em São Paulo, mais interessado em aprofundar questões e inquietações sobre as complexas relações que permeiam o *mundo do boxe*, seus praticantes e territórios. Ao levarmos a sério a ideia de que “corpo e cidade se configuram mutuamente e que, além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos” (Britto; Jacques, 2012, p.144), trata-se de verificar de que maneira essa relação se constrói em sujeitos concretos, através de práticas de sentido e dispositivos auto-referenciais de simbolizações. Foram Gupta e Ferguson (2000, p.37) que salientaram como, “desde a época de Durkheim, a antropologia sabe que a experiência do espaço é sempre socialmente construída. A tarefa mais urgente é politizar essa observação incontestável”. Para isso, a metodologia praticada por mim, uma etnografia *de perto e de dentro*<sup>4</sup>, parte de uma perspectiva que não pretende considerar o mundo como uma objetividade a ser observada a partir de um olhar externo. Pelo contrário, busco praticar uma epistemologia que procura “reapropriar-se da imaginação necessária para se abrir às preocupações dos outros, aos seus saberes, às suas objeções”, conforme sintetizou Isabelle Stengers (2015)<sup>5</sup>.

Realizar uma etnografia sobre o boxe a partir de uma perspectiva da antropologia urbana colocou-me o desafio de relacionar a prática – seus grupos,

---

<sup>2</sup> Busco, porém, afastar-me de uma perspectiva egocentrada – não se trata de uma autoetnografia.

<sup>3</sup> Mesmo que, para Peirano (1994), toda antropologia seja comparatista.

<sup>4</sup> Para Magnani (2002, p.17), um olhar *de perto e de dentro* busca “identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei *de fora e de longe*”.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=2965>

arranjos, coletivos e sujeitos – com a cidade – os usos e contra-usos que aqueles fariam desta, para além do fato óbvio de que trata-se de uma atividade estabelecida no contexto urbano. Quais seriam os *circuitos* dos boxeadores na cidade? Como se relacionam com os equipamentos e estruturas urbanas? Foi apenas com o decorrer da pesquisa de campo que pude perceber como o boxe, longe de ser uma prática universal e homogênea, apresenta-se como um campo intrincado em complexas disputas por espaço, legitimidade e prestígio social, inserido em intensas controvérsias, ideologicamente múltiplo, com pedagogias e modos de fazer contrastantes e até mesmo discordantes. Assim, percebi que não existia *O Boxe* de São Paulo, mas sim uma pluralidade de grupos, coletivos, associações, afiliações, instituições e praticantes. Ocupando espaços em disputa – viadutos, equipamentos públicos, parques e ocupações –, a prática do boxe expõe uma cartografia conflitiva da cidade de São Paulo. Por outro lado, tais conflitos demonstram o processo, sempre inconcluso, paradoxal e fragmentário de *fazer-cidade*<sup>6</sup> (Agier, 2015) dos sujeitos, subjetividades e corporeidades imbuídos no estado de exceção em marcha – período histórico resultante do fim da era desenvolvimentista (Schwarz, 1999), caracterizado pelo avanço de forças retrógradas e conservadoras que legitimam toda forma de usurpação dos direitos democráticos.

Para além de aplicar descritivamente as categorias<sup>7</sup> consolidadas a partir das etnografias ligadas ao LabNAU (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP), núcleo de pesquisa a qual estou filiado, busquei testar outras metodologias, formas descritivas e analíticas. Assim, um dos procedimentos experimentado por mim, para compreender a conexão entre o boxe e a cidade, foi a construção, composição e descrição de *histórias de vida*. Para isso, registrei, a partir de meu lugar social no campo dessas relações, *narrativas sobre si* de pessoas comprometidas com a prática do pugilismo. Isso porque boxeadores, em suas memórias e lembranças, contadas e recontadas regularmente, falam sobre a cidade e sobre os modos como se relacionam com ela. Para tanto, essas *histórias de vida* não serão tratadas como relatos factuais, mas sim como instrumentos de (re)construção de si. “Através desse trabalho de reconstrução

---

<sup>6</sup> Para Agier (2015, p.483), esta concepção defende a ideia de uma construção/ desconstrução de seu objeto “cidade”, rejeitando qualquer definição a priori da mesma enquanto ferramenta analítica. A questão seria antes: o que faz e desfaz a cidade permanentemente? Ela conduz à divulgação de processos e portanto à política que impulsiona o movimento necessário à sua existência, às suas reprodução e transformação.

<sup>7</sup> A *família de categorias* – pedaço, mancha, trajeto, pórtico, circuito – pode ser encontrada nas próprias publicações de Magnani (2002; 2012).

de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (Pollak, 1989, p.14). Da mesma maneira, a *memória*, elemento constitutivo fundamental das narrativas sobre si, será analisada aqui enquanto mecanismo social capaz de se articular em processos criativos do presente. Processos estes políticos, coletivos e sem fim. Assim, sigo ao encontro da perspectiva utilizada por Didier Fassin:

Meu interesse pela memória não se dá propriamente pela busca de verdades no que está sendo narrado, mas sim em como essas lembranças se articulam com o presente para dar sentido nas agências cotidianas de meus interlocutores. Ou seja, me interesse por “aquilo que permanece ardendo” (Fassin, 2007, p.XVI, tradução minha).

Dessa forma, a presente dissertação traz, enquanto principal contribuição acadêmica, narrativas sobre a *construção de si* – tema caro à antropologia desde Marcel Mauss ([1935]; 2003) – de sujeitos históricos específicos, de *carne e osso*, com os quais convivi solidariamente, mesmo que em distintas posições de interesse-poder nas estruturas hierarquizantes sociais. Sendo uma etnografia do cotidiano, apresento pessoas comuns, como insistirei ao longo da escrita. Não campeões de boxe, mas sujeitos que têm, em comum, a prática comprometida do boxe como parte da condução da vida cotidiana. Pessoas que, “síntese de muitas determinações” (Pinho, 2003, p.15), dedicam-se rotineiramente a calçar as luvas, seja para golpear inimigos imaginários encarnados em sacos de pancada, seja para “jogar” em cima do ringue. Ou seja, o boxe é aqui uma prática corporal complexa que interessa profundamente aos seus participantes, eu inclusivamente.

Muito já foi dito sobre o sacrifício exigido pela prática comprometida do boxe. Não vou me deter por aqui, salvo quando necessário para o desenvolvimento da narrativa. Quero apenas registrar que no auge de minha forma física cheguei a treinar quatro vezes por semana, realizando combates em pelo menos um dos dias. Assim, participei de diversas sessões de *sparring*<sup>8</sup> com novatos, atletas amadores e profissionais, alguns muito mais jovens e melhor preparados que eu. Busquei prestar atenção em cada ensinamento, tanto verbal com gestual, tanto diretamente direcionados a mim como orientados a meus colegas de treino. Acompanhei campeonatos, disputas de títulos, viajei para ver combates em outras cidades, fiz amizade com atletas,

---

<sup>8</sup> Nome dado à prática da simulação de combates durante os treinos, como veremos no terceiro capítulo.

dirigentes, treinadores e dezenas de praticantes. Enfim, engajei-me de forma abrangente, afetado e instigado pelas novas relações que se abriam com o decorrer da pesquisa. Como pretendo demonstrar, em uma academia de boxe subjaz uma hierarquia que categoriza os corpos de acordo com suas disposições e comprometimentos. Diversos marcadores sociais atuam nessa hierarquização. Passei pelo ritual de iniciação, sangrei, tive alguma coragem, muito medo. Diferente de Wacquant, nunca “cheguei a pensar em interromper minha carreira universitária para *passar para o lado* dos profissionais” (Wacquant, 2002, p.20). As exaustivas sessões de treinamento, pelo contrário, fizeram-me pensar e repensar minha *participação observante*, visto o intenso sacrifício envolvido na prática da aprendizagem do boxe.

### **Uma prática para “existir em outro lugar”**

O boxe tem muitos nomes, entre oficiais e ocasionais. Pugilismo, Nobre Arte, Doce Ciência, combate, luta, entre outros. Prática social que acompanha a história do Ocidente, milenar portanto, (d)escrita por Virgílio em *Eneida* no século I a.C (Mammí, 2012, p.341), pelo jornalista inglês Pierce Egan em 1812 (Sugden, 1996, p.8) e pelo sociólogo francês Loïc Wacquant em 2002 (Wacquant, 2002). Denotativamente, um combate com os punhos, entre dois oponentes, dentro de um quadrado-palco chamado Ringue. Mesmo que atualmente o boxe participe do mercado de modalidades prazerosas-emagrecedoras nas academias de ginástica em diversas regiões do país, transfigurado em modalidade *soft* de prática corporal complexa isenta de combate, o “boxe de verdade”, “boxe de rua”, como denominam alguns de meus colegas de treino, permanece estigmatizado como atividade racializada (um dos argumentos defendido ao longo da dissertação), dado seu histórico de recrutamento principalmente entre a classe trabalhadora (Wacquant, 2002, Sugden, 1996), tendo enquanto *totem* homens negros e polêmicos como Muhammad Ali e Mike Tyson. No Brasil, a prática se consolidou em alguns centros urbanos durante o século XX, institucionalizando-se a partir de 1935, com a criação da Federação Brasileira de Pugilismo, após um “período de ilegalidade, perseguição e repressão” (Caratti, 2016, p.228). Contudo, diferentemente dos Estados Unidos e outros países do eixo euroamericano, fábricas de ídolos, campeões e inúmeras

produções literárias, “o boxe não possui uma tradição bibliográfica em nosso país” (Idem, p.222).

Boxe é matemática, dor, sacrifício, amor, dança, é sério, é para “arrancar a cabeça”, é “pensar com as pernas”, é “roubar no olho”, é para “existir em outro lugar”. A linguagem do boxe é carnal. Longe de ser irrelevante, o léxico verbal utilizado para denominar o pugilismo, atividade na qual meus colegas – e eu – estão comprometidos, revela pistas fundamentais sobre suas próprias maneiras de habitar o mundo. Além do mais, estar com o corpo em campo compartilhando a aprendizagem de um ofício sócio-esportivo significa que as práticas relacionais através das quais a etnografia produz conhecimento não se dão exclusivamente através da fala, mas, e principalmente, por meio de uma complexa dialética composta por interações, conversas, silêncios, observações, imitações, desafios, medos e constrangimentos. Participar com o corpo permite-nos elaborar narrativas viscerais. Como dito, o presente método parte de meu engajamento na aprendizagem da prática pugilística, “esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva” (Wacquant, 2002, p.120), possibilitando, assim, que eu conecte histórias de outras vidas à minha própria no intuito de abrir uma perspectiva singular e participativa. Portanto, as trajetórias de Jotabê, Leon, Minotauro, Breno e outros, reunidas aqui a partir de nossas convivências rotineiras e cotidianas, não são apenas histórias individuais, mas sim relatos coletivos sobre nós-aqueles que atualizam, criativamente, o fluxo da vida. O *mundo do boxe* envolve uma emaranhada e complexa trama política-social, justapondo masculinidades conflitantes e contraditórias, significados sobre racismo e violência, disciplina e sacrifício, espaços urbanos e fronteiras simbólicas, resultando em dinâmicas históricas singulares e carregadas de significação para as pessoas envolvidas. Dessa forma, apresenta-se como um campo riquíssimo para construirmos significados múltiplos e colaborativos sobre corpo, território, mobilidade e relações raciais. Vejamos.

### **Loïc Wacquant e o boxe nas ciências sociais**

Os primeiros trabalhos sociológicos sobre a prática do boxe foram desenvolvidos nos Estados Unidos. Em 1952 foi publicado *The occupational culture of*

*the boxer*<sup>9</sup>, a primeira publicação, em uma revista de ciências sociais, sobre o tema. Entretanto, foi somente nas duas últimas décadas do século XX que o boxe recebeu uma atenção mais constante como tema de pesquisa, a partir de perspectivas etnográficas. O trabalho do sociólogo inglês John Sugden é pioneiro nesse sentido. Entre 1979 e 1993, o autor realizou incursões etnográficas em três cidades de países diferentes – Hartford, Connecticut/EUA; Belfast/Irlanda do Norte e Havana/Cuba –, frequentando academias de boxe em cada um dos locais visitados, com a intenção de realizar uma pesquisa comparativa, a partir de uma perspectiva da Sociologia do Esporte, sobre o lugar do boxe nas sociedades em questão. O trabalho resultou em seu livro *Boxing and Society* (1996). Nele, o autor reconstrói o contexto histórico do surgimento do boxe, analisa o desenvolvimento do esporte moderno, enquadrando a prática em seu contexto político, econômico, étnico e racial no século XX, além de expor as contradições entre exploração e oportunidade relacionadas à ascensão social que permeia o mundo do boxe. Nos anexos, há um ensaio intitulado “Os perigos da etnografia” (Idem, p.197), onde Sugden realiza uma discussão epistemológica sobre o contexto de sua pesquisa. A academia de boxe como um “santuário dentro do gueto” (Idem, p.6) ou um “oásis de ordem e contenção social” (Idem, p.98), figuras metafóricas utilizadas para contrapor o ambiente do boxe com seu entorno, surgem, primeiramente, no trabalho de Sugden.

Contudo, devemos ao sociólogo francês Loïc Wacquant a autoria da etnografia canônica sobre/em uma academia de boxe, que resultou em seu livro “Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe” (2002), após uma série de artigos e publicações fragmentadas sobre o tema (Wacquant, 1995; 1998; 2001). A obra foi publicada originalmente em francês no ano de 2000 e traduzida, posteriormente, em oito línguas. No Brasil, foi lançado em 2002 pela editora Relume Dumará. Resultado dos mais de três anos – entre 1988 e 1992 – em que frequentou a *Woodlawn Boys Club*, um clube de boxe em Chicago/Estados Unidos, compilando aproximadamente duas mil e trezentas páginas de notas de campo, a obra tornou-se popular por sua originalidade, estilo literário e profundidade etnográfica, sendo amplamente resenhada em diversas áreas fora da sociologia. Ao longo de suas 294 páginas, “Corpo e Alma” retoma temas clássicos da antropologia social, como as técnicas corporais, as relações interétnicas e o

---

<sup>9</sup> Publicado no *American Journal of Sociology* pelos sociólogos Samuel Weinberg e Henry Arond, o artigo apresenta, em sua discussão, temas como a composição étnica dos boxeadores, controvérsias entre atletas e empresários e a relação com o Gueto, assuntos centrais que serão retomados no trabalho do próprio Wacquant (2002).

método da observação participante através de uma abordagem inovadora, colocando em questão dicotomias consagradas, como natureza e cultura, indivíduo e sociedade, ação e representação, servindo como exemplo de empreendimento etnográfico bem sucedido desde que fora lançado (Cecchetto, 2003; Vilela, 2002).

A obra é composta por três partes que podem ser lidas de forma independente, segundo o próprio autor. Logo no prólogo, Wacquant nos apresenta sua “entrada em campo”, ou seja, busca demonstrar como foi possível a um jovem branco francês praticar boxe e permanecer entre os membros do *Woodlawn Boys Club* durante todo esse tempo. Inicialmente, pretendia utilizar o clube como ponto de observação do gueto, além de local de encontro com potenciais interlocutores. Porém, logo transformou a própria prática sócio-esportiva do boxe em objeto de pesquisa, buscando apreender a lógica social de um ofício do corpo através do próprio treinamento e relacionamento com companheiros de treino, procurando responder como se fabrica e se manifesta o *habitus pugilístico*. Além disso, buscava desconstruir o discurso hegemônico de gueto como local de desorganização social.

Na primeira parte, “A Rua e o Ringue”, o autor nos apresenta – adotando uma linguagem analítica mais próxima da escrita sociológica – o cenário (o ginásio de boxe e os arredores de *South Side*, bairro de Chicago onde estava localizado o clube) e seus principais interlocutores, sempre intercalando o texto com suas notas de campo. Além disso, aponta suas principais referências teóricas – como Marcel Mauss e Pierre Bourdieu, autores fundamentais para o conceito de *habitus*, desenvolvido ao longo do capítulo – e apresenta as categorias com as quais vai dialogar, buscando explicitar ao leitor o que se passa. A segunda parte, “Uma noite no Studio 104”, apresenta, através de uma descrição densa e minuciosa, diversas situações vivenciadas pelo autor, tanto dentro como fora do ginásio, desde reuniões em um bar aos preparativos para uma luta oficial de seu companheiro de treino, Curtis Strong. Ou seja, Wacquant utiliza uma escrita etnográfica propriamente dita, por vezes considerada experimental (Durão, 2008), visto que possibilita a presença de “outras falas” em seu texto. Por último, a terceira parte, “Busy Louie nas Golden Gloves”, é uma “novela”, ou “notícia sociológica”, conforme o próprio autor. Com estilo narrativo, descreve detalhadamente a preparação e a luta do próprio Wacquant no torneio *Golden Gloves*, até hoje considerado um dos principais torneios de boxe dos Estados Unidos.

Foi a partir de sua experiência no *Woodlawn Boys Club* – principalmente após constatar que a história de vida de seus interlocutores boxeadores estava intimamente ligada às instituições penitenciárias – que Loïc Wacquant iniciou suas pesquisas sobre encarceramento e sistema prisional nos Estados Unidos. Para o autor, “o surgimento do Estado penal é o resultado de uma política de penalização da miséria, que responde ao crescimento da insegurança salarial e ao afundamento do gueto como mecanismo de controle de uma população duplamente marginalizada” (Durão, 2008, p.466). Posteriormente, os estudos que se seguiram foram sobre a relação entre pobreza e etnicidade, assim como entre Estado social e Estado penal, sempre crítico ao modelo neoliberal de administração governamental (Wacquant, 2001). Publicou dezenas de livros – entre os quais *Um convite à sociologia reflexiva* (2005), em parceria com Pierre Bourdieu, onde os autores buscam sintetizar suas perspectivas analíticas, teóricas e metodológicas –, capítulos em coletâneas e artigos nas mais conceituadas revistas acadêmicas americanas e francesas, sendo traduzidos em diversos países.

Com a publicação de seu artigo *Scrutinizing the Street: Poverty, Morality, and the Pitfalls of Urban Ethnography* (2002), lançado na *American Journal of Sociology*, Wacquant tornou-se uma figura altamente controversa na sociologia americana. A publicação, uma resenha crítica de três livros escritos por sociólogos norte-americanos, todos lançados em 1999<sup>10</sup>, inclui uma longa condenação aos pesquisadores, os quais trabalham com o tema da pobreza urbana a partir de perspectivas etnográficas. Para Wacquant, as obras possuíam, em comum, o fato de desconsiderarem os efeitos nocivos do capitalismo, sendo, de acordo com ele, cúmplices do mesmo. Em 2005, *Corpo e Alma* foi tema de um volume especial da revista americana *Qualitative Sociology*, com nove artigos dedicados ao livro, entre resenhas, críticas e comentários. Um dos maiores críticos da obra de Wacquant, contudo, é o sociólogo norte-americano Mitchell Duneier, que publicou, em 2006, na *Revue Française de Sociologie*, um artigo onde busca invalidar o próprio método de Wacquant, ao considerar sua narrativa etnográfica “totalmente inconsistente e surpreendentemente ingênuo” (Duneier, 2006, p.144) sobre o *ethos igualitário* do boxe, concluindo que Wacquant não alcançou os objetivos que estabeleceu para si mesmo. Como podemos observar, a etnografia de Wacquant permite tantas críticas quantas forem as lentes e perspectivas atuantes. Sob o olhar da sociologia

---

<sup>10</sup> São eles: *Sidewalk*, de Mitchell Duneier; *Code of the Street: Decency, Violence, and the Moral Life of the Inner City*, de Elijah Anderson e *No Shame in My Game: The Working Poor in the Inner City*, de Katherine Newman.

figuracional de Eric Dunning à análise de gênero de Kathryn Geurts<sup>11</sup>, suas descrições, análises e narrativas, excessivamente sensoriais e detalhistas, vão ao encontro da defesa de Mariza Peirano, ao constatar que “a reanálise de um corpo etnográfico é prova da adequação e qualidade da etnografia - e não, como uma apreciação imediata de senso comum poderia indicar, da incapacidade analítica do pesquisador” (Peirano, 1994, p.219).

No Brasil, a prática do boxe foi alvo de poucas investidas etnográficas. O trabalho de Flávio Pry Mariante Neto (2010), que resultou em sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, apresenta uma etnografia, realizada a partir de seu lugar como praticante e professor de boxe, em uma academia *fitness*, onde o boxe era apenas uma das modalidades oferecidas no quadro de atividades gerais. O autor compara, então, o *gym* frequentado por Wacquant – atribuindo características que seriam antagonicamente opostas – ao seu próprio campo, onde o boxe seria “reapropriado de forma desesportivizada, caracterizado pela ausência de competição, a flexibilização de regras e o objetivo, em alguns casos, de não aprender o boxe como uma luta” (Mariante Neto, 2010, p.112). O trabalho de Pedro Pio Azevedo De Oliveira Filho (2011), dessa vez uma dissertação em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, se interessa pelas representações de feminilidade entre praticantes de boxe, buscando entender, principalmente, a motivação das mulheres que se comprometiam com o pugilismo. Frequentando dois equipamentos em regiões distintas do Rio de Janeiro (Campo Grande e Cantagalo), o autor realizou uma interessante comparação entre os atributos associados ao masculino e ao feminino no cotidiano das academias, resultando em negociações e apropriações criativas por parte das frequentadoras. “São nesses exercícios em que elas constroem seus corpos; onde a dor, para umas, é um índice de que os resultados (o tônus muscular) estão por vir; e também onde as cicatrizes e hematomas não são bem vindos, pois ferem a imagem de beleza” (Oliveira Filho, 2011, p.212). Já a articulação entre boxe, modernidade, corpo e cinema é muito bem tratada nas publicações de Victor Andrade de Melo (2004; 2006), para quem o boxe inclui-se entre as

---

<sup>11</sup> Eric Dunning e Kathryn Geurts são autores de dois dos nove textos críticos pertencentes à publicação citada da *Qualitative Sociology*.

manifestações primordiais no nascimento da “sociedade do espetáculo”, diretamente articuladas com o ideário e o imaginário da modernidade por estarem plenamente adequadas aos sentidos e significados de um novo *modus vivendi* que incluía o desafio, o movimento, a exposição corporal, a velocidade, a busca do prazer e da excitação, a crença na ciência e no progresso, a ideia de multidão, um processo de formação de uma cultura construída no hibridismo urbano do gosto das camadas médias e populares (Melo & Vaz, 2006, p.143).

A mais recente publicação referente ao tema, no entanto, é a tese de Jônatas Marques Caratti, *Dentro e fora dos ringues: O processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII – XX)*, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho de fôlego do autor, além de trazer um quadro abrangente das publicações sobre boxe, tanto acadêmicas como jornalísticas, ficcionais e biográficas, apresenta o desenvolvimento do boxe moderno na Inglaterra e nos Estados Unidos, assim como sua recepção “na América Latina e sua reelaboração por parte dos moradores das capitais Havana, Santiago, Buenos Aires, Montevideú, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre” (Caratti, 2017, p. 460), argumentando sobre a importância do boxe em sua forma espetacular, ligada ao entretenimento e ao consumo, na reprodução da prática em países do sul global.

Longe de querer esgotar o quadro de referências bibliográficas a respeito do boxe, esta breve apresentação serve prioritariamente para nos situar no campo teórico-epistemológico da discussão. Outros autores interessados no pugilismo aparecerão com o decorrer da dissertação, sempre em relação à minha própria experiência etnográfica, ou quando considerar que uma discussão teórica for imprescindível. Como esperado, é com Loïc Wacquant, o autor da etnografia canônica sobre uma academia de boxe, que teço, contudo, uma relação duradoura ao longo da escrita. Minha experiência seria diferente de Wacquant? Como me descrever em campo a partir de minha própria singularidade histórica? Creio que o trabalho de Wacquant, historicamente contingente, visto como referência de um modelo singular de etnografia, a “participação observante”, pode ser tomado como paradigma para o meu trabalho somente como uma *imitação tensa*, visto que o particularismo do contexto do gueto norteamericano afasta-se de uma

universalidade possível de ser transportada integralmente para o contexto brasileiro<sup>12</sup>. Assim, as piadas de alguns colegas, de que eu pretendia ser um *Wacquant brasileiro*, foi constantemente tensionada com o decorrer da pesquisa. Busquei, ao *imitar* Wacquant, seguir ao encontro da *filosofia do corpo* de Michel Serres. Para este autor, a imitação gera um conflito capaz de ruptura e invenção. “Como a imitação se generaliza desde o nascimento dos conhecimentos, os conflitos também se ampliam do lado do saber. (...) Ao imitar os outros, nós os amamos e os odiamos” (Serres, 2004, p.94/95). A imitação, imperfeita e/ou afetada por outras dimensões, acaba por introduzir variação. Em São Paulo, cidade contextualmente marcada pela crise generalizada das instituições democráticas, resultante do golpe parlamentar de 2016, tornei-me aprendiz de boxe, também.

### **Alguns pressupostos teóricos**

Desde as “Técnicas do Corpo” de Marcel Mauss ([1935]; 2003), as ciências sociais e a antropologia, em particular, têm buscado enfrentar e discutir o complexo cartesiano mente-corpo. A lista de antropólogos, sociólogos e filósofos cujo trabalho contribuiu para esse tema é extensa e diversa: Mauss ([1935], 2003), Maurice Merleau-Ponty (1994), Thomas Csordas (2008), Loïc Wacquant (2002) e Tim Ingold (2008; 2015), entre outros(as)<sup>13</sup>. O projeto de demonstrar como a experiência humana escapa à noção de Descartes de mente e corpo separados e distintos tem sido um tema central nestes autores citados. Desse modo, em comum, creio que exista um esforço, cada um a sua maneira e perspectiva, de apontar como o dualismo cartesiano limita nosso potencial para compreender a diversidade da experiência vivida no mundo.

O conceito de pessoa aqui adotado, em suas formas indivíduo ou sujeito, diz referência a corpos, em processos de individuação, enquanto lugares de articulação

---

<sup>12</sup> Refiro-me, aqui, principalmente aos modelos de relações raciais, conforme anotado por Oracy Nogueira (2006) em seu trabalho clássico, ainda hoje referência fundamental para a discussão. Nogueira cunhou os conceitos de *preconceito de origem* e *preconceito de marca* – que elegem a ascendência e a cor da pele ou a aparência, respectivamente, como critério discriminatório – para distinguir o racismo tal como vigente nos Estados Unidos e no Brasil.

<sup>13</sup> Um levantamento bibliográfico sobre essa produção pode ser encontrada em Almeida (1996) ou em Nascimento (2016).

entre performatividades, práticas e discursos. Dessa maneira, adoto o corpo, enquanto categoria sociológica, filiado à formulação maussiana originalmente presente em *As técnicas do corpo*. E conforme nos alerta Osmundo Pinho, o corpo em Mauss “é um corpo total, social e biológico, e não uma entidade separada na qual vemos converterem-se depósitos de historicidade ou cultura” (Pinho, 2005, p.136). Dessa forma, o corpo não será pensado como a embalagem biológica, o receptáculo da identidade, do *self*, visto que “ambos se constituem em processos sociais, assim como constituem sua própria relação recíproca” (Idem, p.137). Essa perspectiva relacional sobre o corpo, que não distingue pessoa e organismo, tem apoio no trabalho do antropólogo britânico Tim Ingold (1991, p.369, tradução minha), para quem

o processo de tornar-se uma pessoa – o desenvolvimento dos poderes da consciência, da autoconsciência e intencionalidade pelos quais cada um de nós é capaz de ter um papel ativo e responsivo na formação da nossa vida e de outros – é parte de um processo biológico de tornar-se um organismo. Este processo não é interrompido em um ponto qualquer ou quando se atinge a maturidade. Ao contrário, ele permanece ao longo de todo curso da vida, sendo verdadeiramente a vida.

Paralelamente às perspectivas hegemônicas euroamericanas, outras propostas/perspectivas nos habilitam a pensar a construção do corpo. Influenciados pelos trabalhos de Pierre Clastres, embebidos pelos Mil Platôs, a etnologia brasileira e/ou a etnologia praticada no Brasil consolidou o *Corpo* como tema central, resultado de uma característica corrente encontrada entre as sociedades ameríndias: o privilégio que conferiam, em suas práticas, discursos e cosmologias, ao corpo. Foi no *primeiro* Viveiros de Castro onde vemos que, entre os Yawalapíti do Alto Xingu, “o corpo humano precisa ser submetido a processos intencionais, periódicos de fabricação (...) como um conjunto sistemático de intervenções sobre as substancias que comunicam o corpo e o mundo” (Viveiros de Castro, 1979, p.40)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> O movimento mais inusitado que pratico no âmbito dessa dissertação é a aproximação com as produções etnológicas sobre o corpo no pensamento ameríndio. Assim, pensamentos de Pierre Clastres lampejam ao longo da escrita, não com a intenção de aplicar suas ideias ao meu objeto, nem como plataforma política para nossa sociedade, mas sim enquanto perspectiva antropológica de produção de conhecimento, sendo o de “elucidar as condições de autodeterminação ontológica do Outro” (Viveiros de Castro, 2004, p.314). Ou seja, essa aproximação dá-se de forma comparativa e especulativa, com os riscos que tal intromissão expõe. Lembrem-se, “lutar boxe é se arriscar o tempo todo”, como dizia Leon.

Já o conceito de território que desenvolvo – para além do sentido sociológico-cultural de espaço físico, associado à modernização – diz respeito a *mapas de engajamento com o mundo*, que se fazem e desfazem a partir de processos relacionais complexos e multidimensionais. Apoio-me, assim, na conceitualização realizada por Guattari e Rolnik (1996, p.323):

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanta a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Outra ideia importante que se repete com o decorrer da escrita é a de *comprometimento*. Utilizo, com frequência, o nome *boxeador comprometido* para retratar aqueles que se dedicam cotidianamente ao pugilismo, independente da motivação, pois esta se confunde e se justapõe, muitas vezes, em situações específicas, assim como em discursos, como veremos. São estes, principalmente, os sujeitos que dão corpo à dissertação, em contraste com os frequentadores esporádicos e irregulares. Outros conceitos serão apresentados, discutidos e analisados no próprio corpo do texto. Entre estes, os criados, agenciados e performatizados por meus colegas boxeadores. São deles as principais ideias que motivam minha escrita.

## **Estrutura da dissertação**

A presente dissertação entrelaça múltiplos formatos de escrita: descrições etnográficas, notas do caderno de campo, análises teóricas, transcrições de entrevistas, legenda de fotos e discussões conceituais. Os três capítulos que a compõem seguem a ordem cronológica referente ao desenvolvimento da etnografia. No primeiro capítulo, descrevo minha inserção em campo, minhas primeiras interlocuções, assim como algumas considerações histórico-etnográficas sobre a Baixada do Glicério, região carregada de significações, na qual iniciei minha pesquisa. Apresento, em seguida, narrativas referentes à *construção de si*, a partir de minhas andanças com os angolanos

Leon e Jonas, companheiros de treino há mais de dois anos. Conheci-os na *Street Boxing* logo após suas chegadas em São Paulo, no início de 2016. Narrar suas trajetórias é também falar sobre Angola, a África e, de maneira geral, sobre a condição de *estrangeiro-refugiado* e suas maneiras de habitar a cidade. Na parte final, faço um esforço para *escrever uma vida* através de uma etnobiografia<sup>15</sup> de João Batista dos Santos, mais conhecido como Jotabê. A maior parte dessa dissertação foi escrita após sua morte. Carrega consigo, portanto, certa dívida, vez em quando mágoa, causada por essa interrupção em nossa amizade. Gostaria que Jotabê tivesse lido essas páginas, comentasse, sugerisse alterações, revisões, adicionasse outros detalhes. Minha dívida com ele não pode ser sanada através de uma dissertação, mas faço um esforço para que sua história, singular e coletiva, exemplar e contraditória, seja lida, ouvida e difundida. Mais que interlocutores, fomos amigos. A primeira vez que encontrei Jotabê foi marcada pelo silêncio. Lembro a forma como ele me olhava, com uma profunda desconfiança, como se eu fosse um policial à paisana. Levou tempo, cerca de um ano, para que nossa relação se estabelecesse como um princípio de amizade. Em um dos últimos encontros com Jotabê, ele disse a um conhecido: “o Michel foi um dos únicos que me ajudou quando eu fiquei doente”. Resta a saudade. E seus ensinamentos.

O segundo capítulo acompanha minha chegada, acolhimento e participação na equipe do Boxe Tatuapé, a qual modificou radicalmente a pesquisa: a aprendizagem do boxe dentro de uma equipe *comprometida* demonstrou-se fundamental para entender diversas situações, conflitos e regras, permitindo-me partir da *linguagem do boxe* – corporal, velada e subentendida – em busca de compreender as atitudes e reflexões que os próprios sujeitos davam às suas ações. Na segunda parte deste capítulo descrevo a Forja dos Campeões 2018, o maior torneio de boxe amador do Brasil. Evento conflitivo, ritualístico e performático, permitiu-me ver o boxe para além do cotidiano da academia, em seu momento fantástico e espetacular. No terceiro capítulo, apresento a Casa do Povo e sua mais recente atividade, o Boxe Autônomo, uma “experimentação de pugilismo entre militantes políticos”, conforme caracterizou Jacopo, um dos treinadores. Integrei a equipe do Boxe Autônomo a partir de abril desse ano, interessado, inicialmente, em seu discurso sobre o “boxe com valor”. Foi com Breno Macedo, fundador e treinador da equipe, filiado à tradicional escola cubana de boxe,

---

<sup>15</sup> “A etnobiografia implica uma dimensão metanarrativa da etnografia, em que o lugar da agência da própria narrativa etnográfica torna-se objeto etnográfico” (Gonçalves, 2012, p.10).

que pude entender o boxe em sua relação política com a cidade. Na segunda parte deste capítulo, descrevo minha própria experiência enquanto aprendiz de boxe, discutindo os conceitos de educação, atenção e imitação, assim como outras relações intimamente relacionadas às técnicas corporais. As considerações finais incluem ideias, debates e análises elaboradas a partir do material etnográfico presente nos capítulos precedentes. Longe de encerrar o assunto, contudo, apresento algumas discussões em caráter necessariamente preliminar e exploratório, principalmente com relação às conexões entre corpo, antropologia urbana e a produção teórica transnacional contemporânea. Temas que pretendo desenvolver em futuros trabalhos. Ainda incluo dois textos nos anexos. O primeiro diz respeito ao verbete *Boxe no Atlas do Esporte no Brasil* (2006), visto que traz uma definição denotativa, um breve histórico mundial e a inserção da prática no Brasil. O segundo é a descrição e discussão de uma situação de campo, ocorrida logo no início da etnografia, que apresenta *a descoberta* da pesquisa por Jotabê. Dessa maneira, o boxe serve aqui como guia de acesso, linha argumentativa e etnográfica ao mesmo tempo, colocando em movimento estruturas de raça, classe e mobilidade, sob a chave do esporte e da utopia. No esforço de me relacionar com tal complexidade, testei uma gama multidisciplinar de aportes teóricos e recursos metodológicos para além da *participação observante*, o que resultou em três entrevistas intensivas, pesquisa jornalística e historiográfica, a fim de localizar não apenas os objetos da observação etnográfica, mas também os seus sujeitos, coletivos e suas ordens nem sempre visíveis. Espero que a escrita final não resulte esdrúxula.

\* \* \* \* \*

Para Jacopo, treinador do Boxe Autônomo, praticar boxe é “experimentar o que não sabe, testar o que sabe”. Busquei encorporar essa aprendizagem em meu engajamento com o mundo do boxe, o que, de certa forma, afetou minha própria escrita e perspectiva sobre a antropologia. Assim, pretendo literalizar o conteúdo carnal e relacional da prática pugilística. Ou seja, trazer para dentro do texto uma matéria multi-sensorial capaz de capturar o movimento, a fugacidade, o jogo, a reciprocidade, a

bricolagem e as habilidades características do mundo de meus interlocutores<sup>16</sup>. Trata-se, no limite, de um esforço, ciente que “ao se dar conta da densidade e da continuidade do mundo que nos rodeia, a linguagem se revela lacunosa, fragmentária, diz sempre algo menos com respeito à totalidade do experimentável” (Peirano, 1994, p.219). A pretensão, aqui, é realizar o íntimo desejo de conectar a presente escrita às práticas corporais de onde despontaram, ou seja, apresentar “as circunstâncias físicas brutas em que um texto surgiu” (Said, p.34, 2003). Composta por lacunas, medos, silêncios e fraquezas, assim como ousadia e persistências, a presente etnografia localiza historicamente um percurso marcado no corpo, valoriza “o reconhecimento do aspecto temporal das explicações” (Peirano, 1994, p.219) e manifesta o desejo de um mundo por vir. Para o angolano Leon, no boxe “é preciso se arriscar o tempo todo”. Arrisquei também.

---

<sup>16</sup> As sessões fotográficas que seguem ao final de cada capítulo atuam nesse sentido, ou seja, buscam introjetar, no leitor, descrições imagéticas do mundo do boxe. Outro formato audiovisual resultante da pesquisa é o filme curta-metragem “A utopia do corpo (in)disciplinado” (2018), disponível em <https://youtu.be/kFURWwSuwz4>.

## Capítulo 1:

### O boxe como construção de si

*História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens.*

*Mia Couto*

*Histórias sensoriais contrapontuais podem ser recuperadas em escombros espalhados do inadmissível: biografias perdidas, memórias, palavras, dores, olhares e rostos que se juntam num vasto e secreto museu da ausência histórica e sensorial.*

*Allen Feldman*

## Prólogo – Boxe e o “espaço maldito da cidade”

A Baixada do Glicério são algumas ruas, para quem desce da Liberdade, da Sé ou da Rua Tamandaré, ou para quem chega da Mooca. Algumas dessas ruas transformam-se em enchentes, anualmente, durante os meses de chuva intensa. Estamos em cima do Rio Tamanduateí e abaixo de um complexo de viadutos que corta a região central. Território central e de intensa mobilidade. Mais de cem mil ruas na cidade e a rua de nome São Paulo está aqui. Historicamente, “espaço maldito da cidade” (Sevcenko, 2004, p.19). “É o que?”, pergunta-me um *aviãozinho*, ainda adolescente. “Tô só passando!” Durante mais de um ano descí alguma dessas ruas regularmente.

Leon e Jonas gostam do Brasil. Aqui se conheceram, arranjaram trabalho, amigos brasileiros, assim como outros angolanos. Entrelaçando descrições de campo com um amplo referencial bibliográfico, busco relacionar as histórias de vida de meus colegas angolanos com suas ações e discursos. Ora vitimizados, ora heroicos, de acordo com cada situação singular. Veena Das, que ensinou-me a importância de prestar atenção às trajetórias de vida, merece destaque aqui.

A história de vida de Jotabê foi sendo traçada, principalmente, a partir de nossas constantes conversas no período em que frequentei a *Street Boxing*. Em nossa última conversa, realizei uma extensa entrevista formal, que serviu para a exposição Museu da Empatia<sup>17</sup>. A etnobiografia “é produto de um discurso autoral proferido por um sujeito num processo de reinvenção identitária mediada por uma relação” (Gonçalves, 2012, p.24). Quando decidi escrever sobre a trajetória de Jotabê, não esperava ter que escrever sobre sua morte. Somente alguns meses depois pude retomar essa empreitada. Poderia ter ajudado mais? Feito mais por ele? A morte instaura a temporalidade da dúvida e da dúvida.

---

<sup>17</sup> Nessa exposição, que ficou em cartaz entre novembro e dezembro de 2017, Jotabê contava sua trajetória de vida, através de um áudio, devidamente editado pelos curadores, disponível aos visitantes. <https://www.intermuseus.org.br/museu-da-empatia>

## Capítulo 1.1 – Início da trajetória: a “quebrada no centro”

No número 443 da Rua dos Estudantes<sup>18</sup> morava João Goudinho, um jovem de aproximadamente trinta anos, branco, artista plástico, fabricante de estátuas de durepox<sup>19</sup>. A casa em que habitava, alugada, é exemplar da arquitetura para moradias em voga nos anos setenta do século XX, um modelo anterior à hegemonia das casas com garagem para carro. Ou seja, não tem quintal de frente para a rua e as janelas de sua sala, que funciona também como ateliê, dão diretamente para a calçada pública. O que sempre me chamou atenção foi que as janelas, assim como a porta de sua casa, sempre estavam abertas, na verdade escancaradas, sendo possível, para um transeunte, observar todo o interior da sala. João foi simpático e atencioso desde o primeiro dia em que o conheci. Assim, frequentei sua casa com alguma regularidade. Certo dia, comentei com ele sobre minha inquietação pelo fato de a casa estar sempre à vista e obtive como resposta mais ou menos a seguinte afirmação:

– Isso porque eu moro aqui no meio do Glicério, se fosse três ruas pra cima não deixaria nada aberto.

Poucos dias depois, disse ao João que pretendia alugar um quarto para morar na *Baixada do Glicério* por alguns meses e pedi alguma recomendação. Ele me apontou dois endereços, ambos na própria Rua dos Estudantes e visitei-os para conhecer as condições e possibilidades. Pois logo na primeira casa, uma pensão bem organizada, com pintura recente, fui abordado por um morador que, curioso com minha intenção, disse-me sem delongas: “sabe que pra morar no Glicério precisa ter proceder”. Concordei, obviamente, e me apresentei com todo respeito, conquistando alguma simpatia e reciprocidade do rapaz.

Início o presente capítulo com o relato acima para expor os limites e fronteiras, tanto simbólicas como geográficas, com que meus interlocutores se referem à *Baixada do Glicério*. Desde Foote Whyte (2005), os estudos em Antropologia Urbana avançaram

---

<sup>18</sup> A Rua dos Estudantes é uma das principais vias de acesso para se chegar à *Baixada do Glicério*, principalmente para quem vem da estação de metrô Liberdade.

<sup>19</sup> Durepoxi é o nome comercial de um tipo de resina epóxi, uma espécie de massa adesiva usada para juntar coisas quebradas ou tapar furos. As peças construídas por João, bonecos de orixás, super-heróis, entre outros, com aproximadamente 30 cm de altura, são incrivelmente realistas e belas.

para não mais considerar as áreas pobres da cidade como desorganizadas e/ou degradadas, buscando entender as múltiplas relações que formam a territorialidade. Assim, diversas categorias, oficiais, analíticas ou nativas, surgiram para dar conta do espaço social onde os(as) antropólogos(as) realizam seus trabalhos de campo: bairro, território, lugar/não-lugar, gueto, pedaço, “quebrada”, “maloca”, “quilombo”, entre outros. E se todo objeto da pesquisa etnográfica sob qual definimos e investimos nossa pesquisa se define por um limite territorial, este me foi dado pelos próprios moradores – o limite geográfico de João Goudinho e os limites simbólicos do morador da pensão. Frúgoli Jr. (2013, p.17) chamou atenção para o fato de que “um bairro não se apresenta como uma realidade *a priori*, dado que é marcado por planos e escalas distintos, fronteiras fluidas e alvo de múltiplas representações”. Desse modo, por mais que o discurso da imprensa, ou o oficial, acabe por homogeneizar a população do bairro, como veremos, é a partir de um *olhar de perto* (Magnani, 2002) que podemos apresentar a multiplicidade de práticas, disputas, conflitos e alianças que formam um território. Uma discussão com a categoria *pedaço* obviamente caberia aqui. José Guilherme Magnani (2012) transformou essa categoria nativa em categoria analítica em um estudo pioneiro sobre o lazer na periferia de São Paulo, no auge dos estudos sobre populações da periferia entre os anos setenta e oitenta do século XX. Porém, é um morador que evidencia o contraste: não estamos na periferia e sim próximos ao marco zero da cidade. “O Glicério é uma *quebrada no centro*”, como veremos.

Como dito, a Baixada do Glicério está localizada a pouco menos de mil metros da Praça da Sé, marco zero da cidade de São Paulo. Não se trata, administrativamente, de um bairro (apesar de ser comum encontrarmos o nome Bairro do Glicério em matérias jornalísticas e afins), mas sim de uma região entre os bairros da Liberdade e do Cambuci, tendo como referências principais a própria Rua do Glicério – que atravessa a região – e suas perpendiculares Rua dos Estudantes e Rua São Paulo. Assim, a rua que leva o nome da cidade fica na própria Baixada do Glicério. Anteriormente ocupada pela várzea do rio Tamanduateí, possui uma importância histórica considerável, principalmente por ter abrigado diversas instituições *problemáticas* desde a época da colônia, como a Força Pública (instrumento de execução punitiva do Estado colonial); o arsenal e o depósito de pólvora da cidade e o cemitério dos supliciados e dos indigentes. Já durante o século vinte vieram o Asilo dos Alienados e o Asilo de Mendicidade; a Cadeia Pública e a Casa de Correição e Trabalho. Foi o historiador Nicolau Sevchenko

(2004), com seu artigo *A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista*, quem apresentou uma ampla historiografia da Baixada do Glicério. Para Sevcenko, foi o Cemitério dos Aflitos (primeiro cemitério público da cidade, inaugurado em 1779 e desativado em 1885), destinado aos escravos e indigentes, que tornou a região um centro devocional da religiosidade popular, culminando na fixação das populações afrodescendentes nos arredores do território, demarcando

uma presença e significados peculiares para as comunidades negras, atestado pelo fato de que as figuras mais populares e conhecidas da região, conforme testemunhos de cronistas e memorialistas, eram negros como o Chico Gago, o Preto Badaró, o Baduíra (Pai Zarabinda) e o Chico Mimi (Idem, p.21).

Assim, a *Baixada do Glicério* não é um território-bairro qualquer. É claro que nenhum bairro é qualquer bairro, dependendo do foco. Contudo, a singularidade histórica do Glicério está ligada ao fato de reter historicidades e narrativas sufocadas pela retórica do desenvolvimento, inibidora dos contextos políticos em que se davam o cotidiano das populações afrodescendentes e outras “indesejáveis” no processo de formação das classes, coevo ao processo de branqueamento da população (Schwarcz, 1993). Ou seja, os habitantes da Baixada do Glicério permaneceram historicamente invisibilizados aos olhos do Estado. Isso não quer dizer que não se sabia que a Baixada era habitada por pessoas, muitas vivendo em condições vulneráveis, porém pessoas que *não importam*. Ora, no fluxo de modernização desenvolvimentista brasileira transcorrido no século XX, é sabido que as fronteiras simbólicas das cidades são construídas pelo quase total desconhecimento sobre as espacialidades afrodescendentes (Rolnik, 1989), *vitória* da retórica da mestiçagem e do projeto de conciliação imperativo das elites nacionais. Desse modo, considerando as divisões geopolíticas da cidade como importantes para o próprio funcionamento do modelo democrático de administração, revela-se fundamental exibir historicidades não-hegemônicas que configuram um território central e indispensável para a cidade.

A multiplicidade de interpretações heterogêneas – em sua maioria estigmatizantes – utilizadas para se referir à *Baixada do Glicério*, proferidas por diferentes atores sociais, é significativa. “Espaço maldito da cidade”, como concluiu o próprio Nicololau Sevcenko (2004, p.19); “bairro problema”, constatado pelo antropólogo Daniel De Lucca (2007, p.194) em seu trabalho com moradores em

situação de rua; “região degradada”, qualidade denotada pelo mercado imobiliário<sup>20</sup>; “submerso retalho”<sup>21</sup>; “perigoso”, por quem passa de carro por suas vias; uma “quebrada no centro”, por alguns moradores, entre outros. Desde o final do século XX a região passou a abrigar um número crescente de imigrantes e refugiados, principalmente haitianos e africanos de diversas procedências, mas também sírios e bolivianos, passando a receber mais uma denominação, a de *bairro negro*<sup>22</sup> de São Paulo. A alta concentração de edifícios de pequenos apartamentos (quitinetes), conjuntos residenciais com vários domicílios (cortiços) e pensões, além da localização privilegiada, próximo ao centro da cidade, contando com infraestrutura, equipamentos e serviços, são alguns dos motivos para a alta demanda de populações de baixa renda, incluindo as populações em mobilidade transnacionais, tornando-a uma localidade etnicamente múltipla em termos de nacionalidade, com diversas *culturas* e idiomas convivendo espacialmente próximas. A Casa do Migrante, instituição ligada à Pastoral Scalabriniana, localiza no mesmo terreno da Igreja Nossa Senhora da Paz, na Rua do Glicério, é um equipamento que ocupa um lugar de centralidade na configuração recente da região. Em atividade desde 1978, a Casa abriga imigrantes recém-chegados, além de oferecer assistência jurídica e mediar possibilidades de relação com interesses privados/políticos/econômicos na cidade. Foi lá onde os angolanos Leon e Jonas viveram os seis primeiros meses em São Paulo. Lá se conheceram e passaram a frequentar a *Street Boxing*, cerca de trezentos metros distante da Casa. Seu entorno é habitado por múltiplos fazeres, comércios ambulantes e lugares de sociabilidade para as múltiplas populações estrangeiras que acabam se fixando na região, em decorrências dos benefícios já citados. Vendedoras de banana da terra e milho frito na brasa são encontradas a cada quarteirão; barracas de roupas, objetos usados, bebidas alcoólicas, rodas de conversas e grupos de jogadores de dominó formam mosaicos vigorosos nas Ruas São Paulo, Rua dos Estudantes e na própria Rua do Glicério.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/torre-de-25-andares-renova-a-baixada-do-glicerio/>. Acesso em 21/07/17

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/ult76u311773.shtml>. Acesso em 21/07/17.

<sup>22</sup> Denominação que pode ser interpretada a partir de um duplo sentido: *negro* devido à origem étnica de seus habitantes estrangeiros (haitianos, angolanos, malineses, congolezes, bolivianos, entre outros), assim como sua conotação pejorativa, simbolizando um lugar obscuro, sombrio, fúnebre, tenebroso. Vale lembrar que o Glicério possui um grande adensamento de moradores de rua, além de cooperativas de catadores de papel e reciclagem. Fontes: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/34671-bairro-negro>; <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1624794-com-igrejas-bilingues-e-lojas-tipicas-haitianos-mudam-a-cara-do-glicerio.shtml>; <http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/igrejas-bilingues-sao-abertas-para-haitianos-em-bairro-de-sp.html>. Acessos em 21/07/17.

Contudo, por mais que exista uma territorialidade migrante na Baixada do Glicério, não é possível afirmar que exista a formação de um gueto étnico com características próprias. A região concentrou, principalmente a partir da segunda metade do século XX, grande número de populações oriundas das regiões nordeste, atraídas pelos processos desenvolvimentistas que se concentraram na cidade de São Paulo. Essas populações, por mais que tenham se espacializado por toda a cidade, mantêm forte presença habitacional na região central, incluindo os conjuntos habitacionais populares e precarizados encontrados no Glicério. Essa justaposição de populações é marcada por diversas formas de socialidades, incluindo conflitos e reciprocidades, como veremos. Ou seja, a Baixada do Glicério é uma região que abriga múltiplas temporalidades, redes de saberes e sentidos compartilhados por seus habitantes que proporcionam uma grande vitalidade possível de ser percebida e apreendida por quem percorre suas ruas, equipamentos e moradias de forma engajada.

### **O boxe em uma “quebrada” no centro**

Atualmente *soterrada* por uma série de viadutos que cortam a região (Complexo Viário Evaristo Comolatti), a Baixada do Glicério passou a contar com uma academia de boxe sob um de seus principais viadutos (Viaduto do Glicério) a partir de 2008, iniciativa do ex-pugilista Jotabê. Em agosto de 2015 passei a frequentar o equipamento, *Street Boxing*, como aprendiz de boxe e etnógrafo, atraído principalmente pelo grupo heterogêneo de jovens que frequentavam o local, entre eles diversos estrangeiros, principalmente angolanos, nigerianos e haitianos. Localizada em pleno fluxo, no centro da cidade (o viaduto está sob uma avenida que liga o centro à zona leste, região mais habitada da cidade), a academia convive com o intenso barulho de carros, pessoas, buzinas, o som dos pneus dos automóveis e a reverberação do som em suas pilastras. Um dia em que estava lá, atendi uma ligação em meu celular de um amigo, que me ouvia mal e disse: “parece que você está em uma guerra!”. Em outro dia, uma produtora de comerciais de TV visitou o equipamento interessada em alugá-lo para alguma produção e comentou: “será que existe um horário mais silencioso?”. A decoração do equipamento é formada por uma intensa bricolagem de materiais *descartáveis*, formando um mosaico repleto de objetos, muitas vezes vistos como díspares por quem

passa pelo lado de fora, mas carregado de sentido e valor por seus frequentadores. Um aviso na entrada de “diga não as drogas”, um quadro de Che Guevara, um busto em gesso de Jesus, grafites e desenhos nas pilastras complementam o cenário. Pneus pendurados servindo como sacos de pancadas, assim como equipamentos próprios do pugilismo, inclusive um ringue no centro do espaço, completam a academia de boxe.

A equipe, que já chegou a contar com 13 membros, incluindo dois haitianos, um nigeriano, três mulheres e diversos jovens moradores da região central, demonstrou-se bastante irregular e rotativa desde que comecei a frequentar o equipamento, variando de acordo com a época. Em um período de aproximadamente dois meses em que Jotabê ficou seriamente doente, no segundo semestre de 2016, a equipe se dispersou, principalmente porque o equipamento permaneceu praticamente fechado<sup>23</sup>. Além do mais, o boxe imaginado por aqueles que pretendem se iniciar na prática é severamente oposto ao boxe vivido cotidianamente. Assim, as exigências corporais que a prática do pugilismo requer formam alguns dos fatores para a alta rotatividade de praticantes, fato já previsto por Wacquant<sup>24</sup>. Veja o exemplo: um jovem motoboy, cerca de vinte anos, apareceu para conhecer o equipamento e ficou entusiasmado com o espaço, dizendo que era praticante de *may thay* e frequentaria a *Street Boxing* para treinar conosco. Como não estava com uma roupa apropriada, permaneceu assistindo ao nosso treino, enquanto desferia alguns golpes em um saco de pancada ao lado, fato que irritou, vagamente, Jotabê. Porém, não foi repreendido. Como prometido, o jovem apareceu no treino seguinte, ainda entusiasmado. Após um treino físico altamente exaustivo, composto por corrida, séries de agachamentos, flexões e saltos, Jotabê pediu que o jovem colocasse as luvas para um “teste”, visto que havia dito já ser praticante de um esporte de combate. O *sparring* deixou o jovem esgotado e com alguns hematomas. Foi embora reclamando das dores nas pernas e ombros. Nunca mais encontrei o motoboy.

Uma grade fina e remendada cerca a academia de seu entorno. Dividem o terreno sob o viaduto diversos(as) moradores(as) em situação de rua, que trabalham no semáforo o dia todo; uma “maloquinha” (conjunto de moradias precárias construídas

---

<sup>23</sup> Durante esse período, frequentei o viaduto praticamente sozinho, o que possibilitou longas conversas com Jotabê sobre sua história de vida, fato importante para o desenvolvimento de um dos temas a ser apresentado dentro desse capítulo.

<sup>24</sup> Wacquant (2002, p.66) relata como “o efetivo da sala de Woodlawn flutua consideravelmente e de maneira irregular ao longo dos meses. Pode-se estimar que em torno de 100 a 150 pessoas vêm treinar durante um ano, mas a vasta maioria dos recrutas não permanece além de algumas semanas, porque eles descobrem depressa que o treinamento é muito exigente para o gosto deles - uma taxa de evasão que ultrapassa os 90% é habitual para um gym de boxe”.

provisoriamente, ao lado da academia); um ponto de venda de drogas que funciona quase durante o dia inteiro e uma cooperativa de reciclagem de lixo. Ações da polícia são constantes no entorno, chamando a atenção, chegando mesmo a interromper o treino, como certa vez quando precisamos nos esconder atrás do ringue durante uma batida truculenta, à mão armada, nos moradores da “maloquinha”. Conheci Felipe, morador da “maloquinha”, quando este passava pela rua e parou para conversar comigo, enquanto eu treinava dentro da academia, perguntando se eu treinava boxe ou *may thay*. Respondi educadamente, apontando a diferença com relação ao uso das pernas e aproveitei para perguntar se ele tinha interesse em praticar boxe. Como a resposta foi positiva, convidei-o para entrar e pudemos conversar por alguns minutos. Em dado momento da conversa, perguntei como era morar na “maloquinha”. Confesso que esperava algum retorno negativo, com teor vitimista, dada as condições precárias em que estão expostas as habitações, mas obtive a surpreendente resposta: “eu gosto de morar aqui, fica perto de tudo, o Glicério é uma quebrada no centro”.

O sociólogo holandês Pieter de Vries (2016), que fez pesquisa de campo na cidade do Recife, interessado nas lutas populares – em seus distintos níveis institucionais – pelo direito à cidade, utilizou os conceitos de *inclusão* e *pertença* para lidar com as formas como o Estado se relaciona com a população. Para o autor, “a disjunção entre pertencimento e inclusão pode ser ilustrada ainda mais, interrogando a diferença entre as noções de comunidade e favela” (De Vries, 2016, p.803). Assim, a *favela* estaria associada aos setores mais pobres, inacessíveis e perigosos, os miseráveis, marginais e, no limite, os não-cidadãos. “A favela em Recife é vista como um não-lugar, e o estado desenvolveu historicamente diversas estratégias para lidar com isso, desde a erradicação até a atualização, pacificação e abandono” (Idem, p.803). Já a *comunidade*, em contrapartida, seria uma entidade autorizada que recebe proteção estatal e, como tal, atua como parte legítima da cidade, se situando entre os problemas da pobreza e da criminalidade e a expressão de desejos de pertença de seus habitantes. Contudo, “enquanto os residentes estão orgulhosos das conquistas de sua comunidade, o que lhes confere um grau de respeitabilidade, a comunidade mantém o estigma da favela, por ter evoluído para fora dela, ou para incluir favelas em partes de seu território” (Idem, p.803).

Fruto de múltiplas e controversas apropriações, a “quebrada” da Baixada do Glicério não se encaixa em nenhuma das duas caracterizações descritas por De Vries.

Vale lembrar que não há uma associação de bairro que concentre as demandas da população do território, mas, ao invés disso, algumas instituições e equipamentos, como a própria Casa do Migrante, que agrupam setores populacionais com desejos, questões e exigências diversas. A “quebrada” não é uma *comunidade*, assim como não é uma *favela*, compartilhando características das duas entidades em situações diferentes, de acordo com os atores envolvidos. É o antropólogo Alexandre Barbosa Pereira quem discute a categoria “quebrada”, em seu trabalho com pixadores da capital paulistana. Assim como outras categorias estigmatizantes, “quebrada” adquiriu “novos contornos em seu cotidiano, revertendo-se de sinal negativo, de estigma e/ou carência, a sinal positivo, de afirmação e mesmo de superioridade” (Barbosa, 2013, p.98). Assim, “quem vive nas quebradas da cidade, conforme essa perspectiva, adquire maior força por saber lidar com os riscos sociais de tais lugares” (Idem, p.98).

O responsável pela *Street Boxing* era João Batista dos Santos, chamado por todos de Jotabê<sup>25</sup>. Foi um dos primeiros alunos de um projeto social do ex-pugilista Nilson Garrido, após passar doze anos preso em diversas penitenciárias, estando, inclusive, no pavilhão nove do Carandiru durante o massacre de 1992. Em liberdade, visitou a academia de Garrido – equipamento que existe até hoje, também sob um viaduto, no bairro da Mooca – e se ofereceu para ajudá-lo em troca de um lugar para dormir, já que “sempre fui bom de briga”. Destacou-se como atleta, tornando-se braço direito de Garrido, assumindo, assim, o posto de administrador e professor na Baixada do Glicério - segundo equipamento pugilístico de Garrido, denominado *Street Boxing* pelo próprio Jotabê –, também local de moradia, já que construiu, ali embaixo do viaduto, sua própria casa. Assim, Jotabê vive sozinho, em uma casa improvisada e precária. Quando comecei a frequentar o equipamento, ele possuía duas cadelas, ambas mistas da raça *pitbull* cruzada com vira-lata. Em janeiro de 2016, uma delas deu cria a seis filhotes. Negadas algumas propostas de doação, apenas um filhote foi vendido. Eu mesmo ajudei na campanha, divulgando uma foto dos filhotes em minhas redes sociais, sem sucesso. Cinquenta reais era o preço. Assim, Jotabê viveu, durante alguns meses, com sete cachorros. Sua única visita familiar era realizada pela filha adolescente, pouquíssimas vezes durante o mês.

---

<sup>25</sup> Jotabê faleceu em dezembro de 2017, decorrente de um câncer diagnosticado no início do mesmo ano. “Descanse em paz guerreiro!”

Foi lá onde conheci os angolanos Leon e Jonas. Aconteceu da seguinte forma: com alguma periodicidade Jotabê organizava um evento, sempre aos domingos, com lutas de boxe e apresentação de bandas. *Tempos de Luta* era o nome do evento. A terceira edição de 2016 aconteceu no dia 10 de julho. A curadoria das bandas ficou por conta de dois jovens de um coletivo anarcopunk que praticam boxe no viaduto. As lutas foram armadas entre os alunos da *Street Boxing* e os alunos de uma academia parceira, cujo professor, Marcos Pedra, ex-lutador profissional de MMA, é amigo de Jotabê. Na semana que antecedeu o evento, dois jovens começaram a frequentar o viaduto para treinar. Calados, porém simpáticos, já experientes em matéria de boxe, notáveis pela *performance* habilidosa que ambos apresentavam. Leon e Jonas, ambos de Luanda, Angola. Moravam, provisoriamente, no alojamento da Pastoral do Migrante, localizada na própria Rua do Glicério, próxima ao viaduto. Foram convidados por Jotabê para o evento de domingo. E compareceram.

No domingo, porém, diversos atletas não compareceram e o número de lutas possíveis de ocorrerem – devido à equidade de peso, nível de habilidade, sexo, disposição do(a) atleta – ficou reduzido a três, diferentemente dos últimos eventos, quando houve cinco ou seis lutas. Terminada as três lutas<sup>26</sup>, no meio da tarde do domingo, e com bandas ainda por se apresentarem, o próprio Marcos Pedra se propôs a *fazer uma luva* contra algum aluno da *Street Boxing*. Temendo o professor, ninguém se sujeitou, inclusive eu. De repente, para surpresa dos presentes, o angolano Leon levantou a mão e aceitou o desafio: “eu subo!”. Expectativa na plateia. Iniciado o combate, ambos apresentaram habilidades desenvolvidas, tornando a luta plástica, competitiva e bonita de se ver. Os dois primeiros *rounds* foram equilibrados, com boa movimentação e troca de golpes entre ambos, mas o que aconteceu no terceiro e último *round* foi surpreendente. No minuto final, Marcos encurralou Leon em um dos *corners* e desferiu uma sequência voraz de golpes, talvez para demonstrar, simbolicamente, que era o vencedor da luta. Leon fechou a guarda para se proteger e, quando Marcos se cansou de bater, contragolpeou com um *direto de direita* certo na testa de Marcos, que caiu, nocauteado. Fato inédito no *Tempos de Luta*. Jotabê subiu no ringue para acudi-lo, o público ficou estarelecido. Marcos, contudo, levantou e se recuperou com

---

<sup>26</sup> Cada luta reproduz o padrão olímpico ou seja, abrange três *rounds* de três minutos cada. Não há juiz nem contagem de pontuação. Portanto, não há vencedor nem vencido e ambos são parabenizados ao final de cada combate.

certa rapidez, pronto para voltar ao combate, quando soou o gongo anunciando o fim da luta.

No dia seguinte, primeiro treino após o combate, Leon foi celebrado pelos alunos da *Street Boxing*. Contou, então, que era professor de boxe em Luanda e participou de diversos torneios, tendo obtido troféus e bons resultados em competições nacionais. Jonas, seu colega angolano, confirmava a informação enquanto Leon falava. Jotabê, que há tempos andava com um problema no joelho, o que gerava dificuldades durante os treinos, ofereceu imediatamente o cargo de professor a Leon, que o aceitou sem hesitar. Desde então, acompanho Leon, como professor de boxe, companheiro de treino e amigo. A partir de março de 2018 começamos a frequentar outra academia de boxe, instalada dentro de um equipamento público municipal chamado CERET (Centro Esportivo, Recreativo e Educativo do Trabalhador), no bairro do Tatuapé. Buscamos a Boxe Tatuapé, nome da equipe que utiliza o equipamento, por indicação de um colega boxeador. Isso porque, pouco tempo após assumir a condição de professor, uma discussão *violenta* entre Leon e Jotabê, causada por um motivo aparentemente fútil para mim, ocasionou a expulsão de Leon da *Street Boxing*. Somente algum tempo depois pude perceber o caráter disruptivo que influenciou a atitude de Jotabê: este entendia as frequentes narrativas de mobilidade de Leon, suas viagens internacionais, como vantajosas frente sua contrastante imobilidade. Isso porque, por mais paradoxal que pareça, a *academia* assemelhava-se a uma prisão para Jotabê. “Vocês estão viajando por aí e eu estou preso aqui!”, disse a Leon. Ou seja, ele imaginava a condição cidadã de Leon – ambígua e provisória, como veremos – privilegiada em relação a sua própria. Desta maneira, não permitia que o angolano deixasse de pagar a contribuição mensal, de vinte reais, mesmo sendo o professor da academia, condição com a qual Leon não concordava. “Gringo, você nunca mais apareça aqui”, concluiu. Diversas vezes tentei convencer Jotabê a participar de alguma atividade, ver shows, ou mesmo lutas de boxe e quase sempre ele apresenta um motivo para não ir: a filha, a obra da casa, os cachorros; principalmente os cachorros. Mas aí entra um *porém*: certa vez contou-me que não saiu de noite por causa de uma desavença que travou com um policial. Relatou uma situação onde foi ofendido por uns policiais em uma batida, enquanto voltava do mercado, e desafiou um soldado para subir no ringue, que não aceitou, mas “marcou minha cara”. Assim, tem um imenso receio de reencontrá-lo na rua, de noite. Outras desavenças com policiais são constantemente mobilizadas por ele, geralmente de forma heroica. Sua

trajetória de vida revela uma cartografia da marginalidade na cidade de São Paulo. Território e memória andam juntos em suas descrições, sempre situando o bairro, a rua, o *barraco*. Sua *necessidade de lembrar* se opõe à *necessidade de esquecer* de Leon, como veremos.

## Capítulo 1.2 – Meu “pai africano”: o corpo-território<sup>27</sup> dos boxeadores angolanos

“A Federação Angolana de Boxe (FABOXE) confirmou e lamentou hoje a fuga de três atletas angolanos na Alemanha, integrantes da seleção nacional, que deviam competir no mundial da modalidade, afirmando que os mesmos já se encontram em França”<sup>28</sup>.

Leon sorriu quando, em meu celular, mostrei a notícia que abre esse subcapítulo. Como se compartilhando o *ethos cosmopolita* dos boxeadores fugitivos, somado a algum grau de aprovação e admiração, comentou sobre um amigo de infância que também está na França. Por acaso, ou não, também boxeador. Puxou seu celular do bolso e, rapidamente, apresentou-me, em sua rede social do *Facebook*, o amigo através de fotos. Jonas, que acompanhava a conversa calado, se intromete: “em Angola teríamos grandes boxeadores se houvessem condições”. Leon concordou balançando a cabeça. Jonas conhece a França, viveu em Paris por dois anos; “minha mãe também já viveu lá”. Quando perguntei, com certa ironia, porque havia trocado Paris por São Paulo, recebi a afirmação: “olha, é preciso conhecer o mundo, sabe?”

Como dito no subcapítulo anterior, conheci Leon e Jonas na *Street Boxing*, academia de boxe instalada sob o Viaduto do Glicério, logo após suas chegadas ao Brasil, no início de 2016. Ambos já praticavam boxe em Luanda e continuam comprometidos com esta atividade em São Paulo, dedicando parte considerável de suas rotinas ao tempo-espço da academia. É através das trajetórias de Leon e Jonas em terras paulistanas, nesse curto e efêmero período em que convivemos, que compartilho as ambivalências de suas construções enquanto *pessoa, corpo e cidadão*, assim como seus desejos e reflexões sobre estes assuntos, entre outros. Acompanhar essas trajetórias de vida significa cruzá-las com diversas motivações, percursos e singularidades que atravessam suas relações em outras tarefas e compromissos cotidianos. Além do mais,

---

<sup>27</sup> Utilizo provisoriamente a imagem associada de corpo-território para dar conta das implicadas relações realizadas por meus interlocutores em suas tarefas, trajetos e não-trajetos pela cidade, assim como na prática do boxe. Território aqui no sentido de *mapas de engajamento com o mundo*, conceito reapropriado do léxico conceitual de Guattari e Rolnik (1986, p. 323), incluindo, assim, uma multiplicidade de pré-significações para além de seu significante geográfico-político-social – mas também incluindo estes.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/pugilistas-angolanos-que-desertaram-na-alemanha-estao-em-franca-8750466.html>. Acesso em 23/09/2017.

narrar suas trajetórias é também falar sobre Angola e a África; e, de maneira geral, sobre a condição de estrangeiro-refugiado e suas maneiras de habitar a cidade de São Paulo. “Falar de imigração é falar da sociedade como um todo” (Sayad, 1998, p.16). Leon e Jonas são *peessoas comuns*. Não campeões de boxe, mas sujeitos que têm, em comum, a prática comprometida do pugilismo como parte da condução da vida cotidiana. Dois jovens que, entre outros destinos, chegaram ao Brasil e aqui constroem suas vidas, dedicando-se rotineiramente a *calçar as luvas*, seja para golpear inimigos imaginários encarnados em sacos de pancada, seja para “jogar” em cima do ringue<sup>29</sup>.

### **Brasil e Angola, entre *um rio chamado atlântico***

*“De acordo com dados da Polícia Federal, a imigração africana aumentou 30 vezes desde 2000. O relatório diz que, no início deste século, viviam no país 1.054 africanos regularizados de 38 nacionalidades, mas o número cresceu, em 2012, para 31.866 cidadãos legalizados, de 48 das 54 nações do continente”.*<sup>30</sup>

O imigrante africano é uma figura social que habita o mapa das representações de identidade na cidade de São Paulo, seja como camelô nas centralidades urbanas e *manchas* (Magnani, 2002; 2012) de lazer, estudantes de universidades públicas, funcionários das empresas municipais de limpeza, cozinheiros(as) incorporados(as) no mercado gastronômico mundializado ou artistas, só para ficar com alguns exemplos. Leon e Jonas, meus colegas boxeadores, companheiros de treino na dura rotina da aprendizagem pugilística, os dois interlocutores que dão corpo a esse subcapítulo, habitam essa categoria. Angolanos de Luanda, a capital do país africano que adquiriu sua independência de Portugal apenas em 1975, há pouco mais de dois anos vivendo em São Paulo. Jovens, na casa dos trinta anos, negros e políglotas, sem formação universitária, flutuam entre as categorias *perigoso* e *em perigo*, disputando e acionando instituições culturais, religiosas, filantrópicas e econômicas de acordo com as

<sup>29</sup> Dessa maneira, a *migração* não será tratada enquanto fato estrutural e sim através das trajetórias de meus interlocutores, sendo essa minha contribuição para o presente subcapítulo.

<sup>30</sup> Valim, Lucas; Riga, Matheus; Ribeiro, Vinicius.

Disponível em: <https://olharesdomundo.wordpress.com/2016/06/20/fugindo-da-crise-economica-em-seu-pais-angolanos-encontram-dificuldades-semelhantes-no-brasil/> Acesso em 01/02/17.

possibilidades que (não)se abrem no duro jogo das estruturas racializantes brasileiras. *Em perigo* possibilitou suas entradas no Brasil como “solicitantes de refúgio”, adquirindo um protocolo<sup>31</sup> com validade anual – portanto já renovados uma vez, por mais um ano. Este o único documento que carregam. Leon sorriu, meio desconcertado, quando tirou de sua mochila um envelope pardo, meio surrado, para me mostrar seu protocolo, fruto de minha insistência em conhecer tal formato de identificação. Uma folha tamanho A4, com suas informações de origem, nome completo e data de validade. Sem foto. A antropóloga Mariza Peirano, em suas publicações sobre a relação entre estado-nação, cidadania e a obrigatoriedade dos documentos, “esses papéis legais que infernizam, atormentam ou facilitam a vida do indivíduo na sociedade moderna” (Peirano, 2002, p.34), constata como os documentos não são apenas informativos individualizadores, mas principalmente “amuletos cobiçados por uns, objetos restritivos e indesejáveis para outros, nossos duplos que não podemos perder de vista” (Peirano, 2009, p.25). Entre os itens obrigatórios carregados diariamente por Leon está o envelope pardo, pouco prático para ser transportado, contendo sua identificação. Sua vergonha em me apresentar o papel parece revelar a fragilidade deste, representação oficial de sua condição cidadã no Brasil.

*Perigoso* por serem homens negros, “barbarizado mapa do imaginário colonial e das lutas de classe, encarnadas em sujeitos racializados, que figuram como os “não-respeitáveis” da perspectiva universalista da “civilização”, ou dos bons costumes” (Pinho, 2011). É Michel Misse, discutindo o que chamou de *sujeição criminal*, que apresenta uma perspectiva interessante para pensar o *perigoso*: “há uma complexa afinidade entre certas práticas criminais e certos “tipos sociais” de agentes demarcados (e acusados) socialmente pela pobreza, pela cor e pelo estilo de vida” (Misse, 2010, p.18). Dessa forma, o fato fundamental que caracteriza a Baixada do Glicério, região onde conheci Leon e Jonas e iniciei minha pesquisa, como *bairro negro*<sup>32</sup> –

---

<sup>31</sup> Documento que regulariza a estadia do/a migrante que solicitou refugio no Brasil enquanto a decisão é tomada pelo CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. Segundo a Resolução Normativa do CONARE 18/2014, o protocolo é um documento legal e funciona como documento de identidade do/a migrante. Com o protocolo o migrante torna-se beneficiário de direitos e pode obter CPF, CTPS, abrir conta bancária, acessar os serviços de saúde pública e educação (incluindo formação profissionalizante). Qualquer negação nesses direitos é compreendida como violação dos direitos do/a migrante.

<sup>32</sup> Denominação que pode ser interpretada a partir de um duplo sentido: *negro* devido à origem étnica de seus habitantes estrangeiros (haitianos, angolanos, malineses, congolezes, bolivianos, entre outros), assim como sua conotação pejorativa, simbolizando um lugar obscuro, sombrio, fúnebre, tenebroso. Vale lembrar que o Glicério possui um grande adensamento de moradores de rua, além de cooperativas de catadores de papel e reciclagem. Fontes: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/34671-bairro-negro>;

denominação estigmatizante, uma das inúmeras formas de biopolítica estatal-privada, obviamente um empobrecimento da complexidade situacional com claros interesses elitistas-arquitetônicos – é que seus *novos habitantes* são, primeiramente, *corpos negros*. E no Brasil, de forma generalizada e estruturante, conforme salientou Oracy Nogueira em artigo clássico, “a intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negróides” (Nogueira, 2006, p.296).

No Brasil, Angola figura entre os países contemplados com a possibilidade de solicitação de refúgio por parte daqueles(as) que aqui chegam, independentemente das condições, contexto ou relações pré-estabelecidas. O histórico desta relação entre as duas nações é conhecido, para além da língua portuguesa oficial, decorrente do colonialismo lusitano, enquanto unificadora. Assim, fossem outras as nacionalidades de meus colegas boxeadores, a narrativa seguiria outro caminho. Mas “não devemos exagerar a distância entre Brasil e Angola”, parafraseando o filósofo ganês Kwamw Appiah (1997, p.115). Distância simbólica, histórica, linguística, caracterizada por uma intensa relação desde o período colonial. O Brasil foi a primeira nação a reconhecer a independência angolana, em 1975. A independência não significou o fim da guerra contra o colonialismo, muito pelo contrário: instaurou-se uma guerra civil pelo poder estatal entre as duas principais forças políticas, a qual veio a terminar, oficialmente, apenas em 2002. Nos anos noventa do século XX, um “cenário de êxodo populacional foi acentuada a partir das eleições presidenciais de 1992 e provocou um fluxo bastante considerável de angolanos ao Brasil em busca de refúgio” (Haydu, 2009, p.168). Este mesmo autor nos lembra que

a questão do refúgio no Brasil até a chegada dos angolanos não era um tema de grande repercussão, não é pra menos, desde os tempos das ditaduras militares na América Latina – quando muitos latino-americanos vieram ao Brasil em busca de refúgio –, até o início dos anos de 1990, havia no Brasil um quadro muito enxuto de refugiados, apenas 322 pessoas (Idem, p. 169)

Foi apenas em 1997 que “iniciou-se o processo de institucionalização do tema dos refugiados no Brasil, com um marco legal e institucional dado pela aprovação da legislação nacional específica sobre refugiados” (Moreira; Baeninger, 2012, p.5). Ou seja, é o fluxo angolano *moderno* que inaugura, de certa forma, a pauta dos refugiados no Brasil. Vale lembrar que as recentes crises migratórias e suas frequentes tragédias noticiadas em diversas partes do mundo têm chamado a atenção da comunidade mundial para a questão do refúgio, incentivando diversas nações a reverem suas políticas de integração das populações estrangeiras. Nos últimos anos, a cidade de São Paulo se consolidou como principal destino de populações provenientes de diversos países. Desde 2013, o número de refugiados dobrou na capital<sup>33</sup>. Há uma estimativa de que haja 600 mil imigrantes habitando a cidade<sup>34</sup>. Setores conservadores da sociedade tendem a “apresentar os estrangeiros como a causa dos problemas que estas sociedades enfrentam e, em muitos casos, como um fator de desintegração e descaracterização da população *originária*” (Bálsamo, 2007, p.217), resultando em ataques criminosos<sup>35</sup>. Acontecimentos como estes se repetem na cidade de São Paulo há diversas gerações. Segundo Boris Fausto, “relatórios policiais responsabilizam os estrangeiros pelo avanço da criminalidade” (Fausto, 1984, p.13) desde o século XIX.

### **“O tempo todo saindo fora!” – o corpo-boxeador na cidade**

Pela segunda vez não aconteceu o encontro entre eu e o conhecido angolano de João (morador do Glicério com quem tenho estabelecido uma boa amizade). Compareci à sua casa no horário combinado, 17hrs, esperei até as 19hrs, mas ele não compareceu. Novamente, João se desculpou: “foi mal Michel, mas esses caras estão o tempo todo saindo fora!” (Caderno de Campo, 23 de março de 2017)

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://tab.uol.com.br/refugiados/>

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1579103-nova-onda-de-imigracao-atrai-para-sao-paulo-latino-americanos-e-africanos.shtml>

<sup>35</sup> Seis haitianos foram baleados em dois ataques diferentes na Baixada do Glicério, no centro de São Paulo, em agosto de 2015. Os feridos foram internados no Hospital Tatuapé, na zona leste da capital. A suspeita é que o crime tenha sido motivado por xenofobia. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/41277/seis+imigrantes+haitianos+sao+baleados+na+regiao+central+de+sao+paulo.shtml>; “membros do movimento Direita São Paulo incitam não só à violência mas à eliminação dos imigrantes”. Disponível em: <http://outraspalavras.net/blog/2017/05/03/direita-sao-paulo-os-xenofobos-que-querem-exterminar-imigrantes/>

No Brasil, as produções acadêmicas sob a filiação da antropologia urbana empenharam-se, desde o início, em discutir os conceitos de *rua* e *casa* – “cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referida ao público e a outra, ao privado” (Magnani, 2016, p.18) – vistos como fundamentais para se entender a dinâmica dos processos urbanos<sup>36</sup>. O trabalho de Magnani (2012) trouxe a categoria *pedaço* para dar conta das implicadas relações que se dão entre essas duas categorias. Na Baixada do Glicério, o reconhecimento, atividade característica da categoria *pedaço*, opera de maneira singular, resultado da intensa mobilidade com que transitam seus habitantes. “Eles estão o tempo todo saindo fora!”. *Pedaço* aparentemente disruptivo, onde o social parece o tempo todo se *despedaçar*, indicando a necessidade de revermos as categorias forjadas em nosso contexto com relação a “um mundo de diáspora, fluxos transnacionais de cultura e movimentos em massa de populações” (Gupta e Ferguson, 2000, p.35). É o antropólogo francês Alain Bertho quem alerta como “a inércia da temporalidade do prédio e/ou a rigidez dos regulamentos de urbanismo herdados dos períodos precedentes às vezes deixam apenas as margens urbanas como o espaço de emergência do novo” (Bertho, 2005). Assim, a presença crescente das populações africanas em mobilidade na região central de São Paulo, e particularmente na Baixada do Glicério, território que justapõe centro e periferia, apresenta profundas consequências sobre o urbano, assim como sobre o próprio conceito de cidade, articulando uma região historicamente estigmatizada como “problemática” a novas cosmologias, formas de habitação e (contra)usos singulares que dinamizam a região central de São Paulo.

Enquanto espero Leon em frente à igreja do Glicério, passeio entre os camelôs que trabalham do outro lado da rua, observando seus produtos e ofertas. Roupas, utensílios domésticos, sapatos novos e usados, carregadores de celular, banana da terra, cachaça barata. De repente, sou abordado por um senhor, também camelô, que veio com um discurso facilmente classificável como xenófobo. Falava em voz alta, tentando chamar atenção, mas ninguém o olhava, apenas eu. Para ele, os estrangeiros eram covardes, estavam se escondendo, porque vieram ao Brasil fugindo da guerra em seus países e gente como ele não fugia de guerra nenhuma. (Caderno de Campo, 01 de junho de 2017)

---

<sup>36</sup> Ver, principalmente, Da Matta (1991).

A reterritorialização das populações em mobilidade no Glicério não se dá sem conflitos políticos e/ou morais. Tanto Leon como Jonas caminham por seus trajetos na cidade com as luvas de boxe amarradas do lado de fora da mochila, à vista. Leon me incentiva a fazer o mesmo, “para ser respeitado”. Certa vez, contou-me uma pequena afronta decorrente de um esbarrão em um rapaz nas dependências do trem municipal, logo encerrada após o rapaz visualizar suas luvas penduradas e desistir de algum confronto agressivo. Assim, performatiza o corpo-boxeador como marca identitária. O paradoxo da relação entre gênero e raça existente na prática do boxe é que a masculinidade performada pelos corpos negros<sup>37</sup> é valorizada e Leon chama atenção, marcado duplamente, pois inclui-se aí seu corpo como símbolo-África. “Ele é ainda aquele super-sexuado, mais sexual ou mais sexualmente marcado que o homem branco, na medida em que é mais corpo, presença corporal significativa” (Pinho, 2005, p.138). Leon diz que, em Luanda, o professor de boxe é chamado de “pai”. E os alunos, conseqüentemente, são os “filhos de boxe” desse “pai”. Por isso, quando circulo pelas ruas da Baixada do Glicério acompanhado de Leon sou apresentado por ele como “meu filho do boxe”. “Assim como eu tive um *pai* que me ensinou boxe na África, eu sou um *pai* para vocês aqui no Brasil”. Caminhando ao seu lado, sou eu quem se sente, assim como se comporta, como *estrangeiro*. Leon circula como se estivesse em casa pela região, cumprimentando colegas e conhecidos, adentrando lojas, cabeleireiros e outros locais, enfim, habitando o território como seu *pedaço*, reconhecendo e sendo reconhecido. É através dele que tenho adquirido reconhecimento e estabelecido relação com diferentes atores sociais, geralmente angolanos habitantes da Baixada. Cumprimentá-los em Lingala (uma das línguas oficiais praticada em Angola), assim como tecer comentários sobre os fatos políticos e históricos de Angola, têm se demonstrado uma maneira significativa de aproximação com outros colegas. Apesar de Angola ser uma ex-colônia portuguesa, o português falado no país africano é profundamente diferente do praticado no Brasil. Afonso, angolano também de Luanda, um senhor de aproximadamente sessenta anos de idade que conheci através de Leon, certa vez chamou minha atenção, em tom de ironia: “vocês aqui no Brasil falam apenas uma língua, e ainda muito mal, nós em Angola aprendemos três, quatro línguas”.

---

<sup>37</sup> Como provavelmente o é em outros esportes coletivos. Como visto em Wacquant (2002), o boxe é essencialmente coletivo em seu cotidiano e mesmo no momento mais solitário do nocaute.

## Veena Das e a cicatriz de Leon

Em seu livro *Life and Word: Violence and the Descent into the Ordinary* (2007), a antropóloga indiana Veena Das apresenta uma etnografia potente, entrelaçando diversas narrativas – falas de interlocutores, textos literários, filosóficos – à sua própria experiência, tanto enquanto antropóloga como prestando assistência voluntária. Assim, parte da condição de testemunha, dela própria e de suas interlocutoras. “Para mim, é essa experiência visceral de andar em ruas onde as casas foram queimadas ou lixo exale cheiro ou mulheres dão risadas hilárias enquanto cantam em um casamento – sem essa experiência, minha teoria seria vazia” (Misse, 2012, p.349). Eventos históricos são contados, mas, além disso, são mostrados e demonstrados através do corpo, do silêncio e do modo de viver cotidiano. Sua linguagem transforma feitos cotidianos em atos grandiosos, contrapondo-se a biografias clássicas de *grandes homens* para *mulheres comuns*. Tanto Manjit quanto Asha, suas principais interlocutoras, tornam-se agentes de suas próprias histórias. Assim, dicotomias são desestabilizadas a todo momento e o cotidiano se apresenta através de uma complexidade de relações e temporalidades. Agência x passividade, opressor x oprimido, vítima x malfeitor, sujeito x contexto, extraordinário x cotidiano. Dicotomias embaralhadas pela ação do tempo. Porque, para Das, o tempo age: destrói e desestabiliza relações assim como repara e reconstrói o presente ao refazer o fluxo da vida. O passado indizível é atualizado constantemente e fixa-se no presente como *conhecimento venenoso*, manifestando-se nas formas de perceber as relações cotidianas, permitindo operar as experiências violentas na reconstrução do dia-a-dia. A violência não é tratada como um ato isolado e exterior ao cotidiano. O contrário disso. Violência enquanto sofrimento, testemunho, silêncio, experiência, cotidiano.

Dessa forma, assim como em Veena Das, corpo e cotidiano perpassam meu próprio trabalho de campo. Acompanhando meus colegas angolanos, busco perceber os *dizeres* de seus silêncios e compreender o que eles desejam mostrar. Em uma tarde de quarta-feira, pouco antes de se iniciar o treino na *Street Boxing*, Leon disse que trabalhava em seu emprego com a mesma dedicação praticada no boxe. “Trabalho de

verdade”<sup>38</sup>. Acompanhei sua rotina no boxe em duas academias e posso dizer que “de verdade” corresponde a frequentar o equipamento de duas a quatro vezes por semana, após o trabalho, e geralmente “cansado”. O pouco que sei de seu emprego é que consiste em carregar mercadorias no CEAGESP (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo). Seu interesse e motivação pela prática do pugilismo abarca outra dimensão, esta relacionada com sua própria mobilidade: “quando eu voltar para Angola, quero mostrar para meu professor que continuo bom de boxe”. Para Leon, São Paulo é uma cidade pacífica. Sua opinião, exposta após uma sessão de treino, contradisse e espantou alguns colegas. Ele possui uma enorme cicatriz na parte externa superior de seu braço esquerdo. Ocultaria um *uso do corpo não previsto*? Sobre ela, apesar de ser questionado não apenas por mim, mas também por outros boxeadores, apenas a narrativa de que “em África as coisas são mais difíceis, existe muita violência na rua”. A maior parte de sua vida vivida em um contexto de guerra civil parece querer ser esquecida. Ou simplesmente não narrada? O corpo, “primeiro suporte da memória” (Serres, 2004, p.78), apresenta suas narrativas inapagáveis. Marcadas “na profundidade da pele, atestarão para sempre que, se por um lado a dor pode não ser mais do que uma recordação desagradável, ela foi sentida num contexto de medo e de terror” (Clastres, 2003, p.201). As narrativas de bravura e valentia, por outro lado, são sempre mobilizadas. Ele faz questão de exaltar sua coragem, dizendo que sobe no ringue em qualquer situação, “mesmo se estiver doente. E se estiver valendo alguma coisa então, subo como um leão”. Para Veena Das, “é fundamental estudar o silenciamento do sofrer e também as linguagens que resistem, são torcidas e retorcidas para outros usos e reformam as experiências de dor” (Das, 2012, p.335). Reinventando-se a partir do boxe, Leon entrelaça memória coletiva com esforço individual, articulando o passado e o presente, no fluxo da vida, de maneira aparentemente irreconciliáveis, materializados em seu corpo e cotidiano.

---

<sup>38</sup> Assim, longe de essencializá-lo na categoria de imigrante e/ou refugiado, é preciso pensar outras dimensões tão importantes quanto esta na formação de sua pessoa: trabalhador, pertencente à complexa relação entre classe, raça e gênero que contribuem para a determinação de seu lugar no mundo.

## **Afonso, o ex-boxeador**

Em nossa segunda visita ao Garrido, um senhor de nome Afonso, angolano amigo de Leon, foi com a gente, quase calado o caminho todo. Conversava com Leon em Lingala – dialeto falado em Angola, Congo e mais alguns países da África, segundo ele próprio. Dialeto de tradição oral, visto que “não se aprende na escola”. Na volta pudemos conversar melhor. Veio ao Brasil com o filho mais velho, de 26 anos. Em Luanda deixou a mulher e mais quatro filhos. Moram em um bairro chamado São Paulo (!). Planeja trazer todos ao Brasil. Já esta procurando casa para morar, visto que mora em um quarto num cortiço na Rua do Glicério. Foge das estatísticas, pois veio ao Brasil depois dos 60 anos. No caminho, cruzamos um caminhão de limpeza da prefeitura, esses com jato de água, ele olhou bem como se procurasse por algum conhecido e disse que esse era o trabalho dele, no bairro do Perus, zona norte da cidade. Disse que estuda, duas vezes por semana, na Caritas: aulas de cultura e língua brasileira, pois “o português de angola é muito diferente do brasileiro”(Caderno de Campo, 23 de março de 2017).

Reencontramos Afonso, senhor angolano há um ano no Brasil, em frente sua casa, na Rua do Glicério, pouco antes da entrada para a Rua dos Estudantes, quando íamos embora. Leon disse que o conheceu ali mesmo. Disse estar cansado do serviço braçal e contou que já praticou boxe em 1978, em Luanda (isso porque eu perguntei, pois ele, assim como Leon e Jonas, se refere sempre à África e não a Angola). Chama Leon de “champion”, assim como o fazem outros conhecidos de Leon. Gesticula movimentos de boxe quando se refere a ele. Disse que consegue se “manter jovem” e realizar “trabalho pesado” porque foi boxeador quando jovem. Leon disse que iríamos visitar o Garrido amanhã, pois ele precisa lutar para ver se ganha algum dinheiro, pois trabalhando esta difícil. Afonso ficou de ir com a gente (Caderno de Campo, 28 de março de 2017)

## Jonas, cosmopolitismo e vulnerabilidade

É através das aulas de boxe que Jonas tece comentários sobre diversos assuntos com múltiplas temporalidades. Em uma oportunidade, ele lembrou sua vitória contra um brasileiro, em um torneio promovido pela *Street Boxing*, para falar sobre sua condição de estrangeiro, elaborando uma concepção de identidade nacional brasileira à qual se diferencia: “brasileiro tem o corpo mole. Em África os lutadores são duros, porque a vida lá é dura”. A utilização da África em seus discursos parece apresentar não uma África concreta, mas sim um símbolo-África capaz de mobilizar o senso comum das identidades normalmente atribuídas ao continente. E continuou, introduzindo outros elementos de seu cotidiano na conversa: “quando vou procurar trabalho, sempre me saio melhor que os brasileiros, mas não sou contratado porque sou negro e angolano”. Assim, de certa maneira, apresenta um discurso moral sobre o que é ser brasileiro e o que é ser angolano. E a maneira pela qual negocia sua condição de estrangeiro em nosso país. “Ser vulnerável não é o mesmo que ser vítima” (Das, 2011, p.16). Jonas nunca se coloca como vítima – dessa forma não posso partir desse pressuposto para trabalhar o próprio conceito de imigração<sup>39</sup>. Pelo contrário. Outros termos dito por ele, nesse sentido, recheiam meu caderno de campo: ‘vitorioso’, ‘forte’, ‘trabalhador’. Além de Português e Língala, Jonas aprendeu inglês e francês. “Paris é igual aqui, menos os salários e o frio”, disse sorrindo. Comunicar-se em francês facilita seu diálogo, em São Paulo, com imigrantes africanos procedentes de países ex-colônias francesas, como Senegal, segundo ele próprio.

Jonas me disse certa vez que “brasileiro tem medo de viajar”. Caso quisermos aplicar um conceito *ocidental* aos meus colegas angolanos, creio que o mais apropriado seja o de cosmopolita<sup>40</sup>. É claro que eles não utilizam esse termo para se auto definirem, mas vejamos bem. Julio fala francês e inglês, além de suas das línguas natais, o português e o Lingala. Isso porque morou em Paris durante dois anos – sempre reclama

---

<sup>39</sup> É Cynthia Sarti quem discute a construção do sujeito enquanto vítima, figura que “marca o discurso contemporâneo sobre a violência como forma de reconhecimento social do sofrimento, construída com base na noção de direitos” (Sarti, 2014). Talvez esta concepção esteja na base da Solicitação de Refúgio.

<sup>40</sup> Cosmopolitismo aqui no sentido dado por Ulf Hannerz: “(...) é antes de mais nada uma orientação, uma disposição para entrar em contato com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes, mais do que por uniformidades” (Hannerz, 1996, p.103, tradução minha). Por mais que esse arranjo cosmopolita seja uma exceção e não a regra, ele abre pistas interessantes no sentido de deslocar a estigma de vítima dos imigrantes angolanos.

do frio quando se recorda da capital francesa. Disse que as mulheres no Brasil são mais bonitas. É através do celular que ele me mostra, em sua rede social do *Facebook*, amigos e parentes espalhados em diversas partes do mundo. Morou também na África do Sul. Mas sua história de mobilidade mais curiosa foi a de uma transação comercial na qual ele participava: ia ao Congo – país fronteiro com Angola – comprar tecidos para vendê-los no Brasil. Assim, conheceu São Paulo em uma dessas viagens, para depois tomar a decisão de vir morar na capital paulistana. Lembremos que o comércio de tecidos – entre outros produtos – entre Brasil e Angola é uma atividade secular, muito bem descrita e analisada por Manuela Carneiro da Cunha em seu *Negros, estrangeiros* (2012), por exemplo.

Para Achile Mbembe (2015, p.69), “a história cultural do continente (África) praticamente não pode ser compreendida fora do paradigma da itinerância, da mobilidade e do deslocamento”. Em outra ocasião, Leon me disse que “os brasileiros pensam que a gente está aqui porque estava passando fome, mas não é verdade”. Meus dois colegas são cidadãos, urbanos, profundamente ambientados com o cosmopolitismo das grandes metrópoles, longe de serem procedentes das *sociedades simples* pelas quais os países africanos são comumente representados, decorrente de uma “autoficção”, nos termos de Mbembe, forma de alteridade colonial, perversa e politicamente interessada. Dessa maneira, o que meus interlocutores têm me mostrado é a possibilidade de narrar uma história que não parta da narrativa da resistência e opressão pelas quais as mobilidades africanas tem sido embasadas. Não nego a trágica historicidade violenta decorrente do processo colonialista, processo este envolto com a própria formação da Antropologia enquanto campo de conhecimento. Contudo, creio ser possível partir de um outro lugar, a partir das micropolíticas cotidianas de meus colegas angolanos e suas próprias narrativas sobre violência, migração e nação. Longe de construir suas vidas unicamente “na alternativa entre a dependência da assistência humanitária e a iniciativa ‘clandestina’: trabalho informal, corrupção dos policiais que vigiam os deslocamentos etc” (Agier, 2006, pág.206), Leon e Jonas elaboram caminhos singulares e criativos, articulando seus corpos-negros-estrangeiros-boxeadores enquanto “formas políticas de inscrição da visualidade afrodescendente no ‘corpo’ da cidade, subvertendo a paisagem e reinventando os lugares” (Pinho, 2005, p.141). O aspecto *experimental* de suas vidas é algo latente. Acompanhar suas trajetórias de vida significa, de certa maneira, seguir a invenção efetiva e potente de suas *linhas de fuga* – se quisermos utilizar uma sintaxe

deleuzeana – enquanto corpos em busca de soluções criativas para suas vidas. Eles se reinventam através do boxe e da condição paradoxal do *Outro* como pobre, ilegal e, portanto, dependente de ajuda humanitária por parte das instituições estatais. Por outro lado, eles reconhecem e se utilizam de toda uma máquina humanitária de governabilidade dos corpos estrangeiros vulneráveis em próprio favor, tensionando, experimentando e buscando vantagens dessas instituições em suas táticas cotidianas de “fazer-cidade” (Agier, 2015).

Para Frederick Cooper, “O Estado e a nação precisam ser examinados em relação às comunidades diásporas, aos circuitos migratórios em torno dos quais muitas pessoas organizam suas vidas” (Cooper, 2008, p.52). De fato, a nação angolana não é mobilizada por nenhum de meus colegas em suas narrativas sobre suas vidas no continente africano. Ou seja, a ideia de nação não é uma unidade preponderante em suas imaginações. Mais que nação, uma ideia de África, paradoxalmente genérica, exotizada e perigosa, reforçando um imaginário colonial hegemônico – o qual também suspende a ideia de Estado-nação – quando se pensa no continente. Para falar de um assunto tão íntimo e particular, como o motivo da enorme cicatriz que Leon possui no braço, ele retoma uma África perigosa: “na África existe muita violência nas ruas”.

Achille Mbembe chama de afropolitanismo “uma maneira de ser no mundo que recusa, por princípio, toda forma de identidade vitimizadora, o que não significa que ela não tenha consciência das injustiças e da violência que a lei do mundo infringiu a esse continente e a seus habitantes” (Mbembe, 2015, p.70). O antropólogo Joseph Handerson nos lembra que “a pessoa *diaspora* possui diversos recursos culturais adquiridos em diferentes espaços de mobilidade e de pertencimento, o que lhe permite criar outros espaços de referência” (Handerson, 2015, p.66). Meus colegas boxeadores angolanos, assim como os intelectuais afrodescendentes, têm muito a contribuir para os debates construídos na fronteira entre os estudos migratórios, relações raciais e a antropologia urbana.

### Capítulo 1.3 – “O corpo pede”: morte e vida de um “guerreiro”

O portão está trancado. Caminho pela lateral até alcançar a altura de sua casa. Os cachorros estão soltos e se aproximam. Tenho dúvida se as duas cachorras mais velhas me reconhecem. Os filhotes, certeza, não. Chamo de duas a três vezes. Jotabê aparece, com cara de quem acabara de acordar, como se saindo de um pesadelo, mais fica feliz por me ver e joga a chave para que eu mesmo abra o portão. Com sua presença, os cachorros permanecem mansos e obedientes. Até brincam comigo. Mas JB não permite que eles se afeiçoem a qualquer pessoa, logo os afastam. (Caderno de Campo, 16 de outubro de 2016)

Momentos semelhantes a este descrito foram frequentes durante os meses em que Jotabê ficou doente. Pouca gente frequentava a academia nesse período. Incapacitado de puxar os treinos, sem o apoio de Garrido, afastou, cada dia mais, as pessoas que frequentavam o equipamento. Entro e ele pede que eu sente, em uma cadeira, previamente arranjada por ele. Senta-se também. Disse, então, que tinha “uma boa história para contar” e, surpreendentemente, iniciou a conversa com uma solicitação inesperada: pediu que eu ajudasse-o a descobrir quem era seu pai! Não neguei a ajuda, misto de curiosidade e comprometimento com meu interlocutor. Queria saber de onde vinha essa dúvida, de que forma eu poderia ajudá-lo e ele se propôs a contar. Desde então iniciou um processo de desfiar sua história de vida desde a infância, atualizando traumas, memórias, conquistas e aventuras que, a princípio, parecem contar uma *história da desigualdade racial* na cidade de São Paulo. Contar a história de Jotabê é, portanto, contar uma história da Baixada do Glicério e também da cidade de São Paulo a partir de seu “corpo-testemunho” (Vicentin, 2011).

#### **A última batalha**

Encontrei Jotabê no dia em que ele recebeu, enfim, seu diagnóstico, em 25 de abril de 2017. Aquelas manchas em seu corpo, principalmente nas pernas, das quais

constantemente reclamava, seriam câncer de pele e ele precisaria realizar alguns exames específicos para saber se o câncer havia se espalhado para outros órgãos. Ele estava completamente abalado. Busquei compartilhar com ele a experiência de minha mãe: havia passado por um tratamento de câncer e se curado. Com o passar do tempo e a sequência de seu próprio tratamento, cada dia que ia visitá-lo era doloroso para mim e, claro, para ele. Os sintomas da quimioterapia – alguns dos quais já havia vivenciado no tratamento de minha mãe – eram contados em detalhes por ele. A falta de apetite, enjoos, apatia, desânimo. Desde seu diagnóstico até o dia de sua morte passaram-se pouco mais de sete meses. “essa é apenas mais uma batalha para você” costumava lembrá-lo sempre. A última batalha, no entanto.

### **Rua Bahia, 329**

Rua Bahia, 329, Condomínio Edifício Bahia, bairro de Higienópolis, região central de São Paulo. Toco o interfone, o porteiro atende.

- “Boa tarde, sabe se tem alguém morando no primeiro andar?”
- “Não, faz tempo que está desocupado”.

Jotabê nasceu na comunidade quilombola de Vila Santo Isidoro<sup>41</sup> e cresceu em um apartamento de família rica, no bairro de Higienópolis. Isso porque sua mãe trabalhava como empregada doméstica para a família de Escorel Salles<sup>42</sup> mesmo antes de ele nascer e retornou à comunidade “só para fazer o parto junto de minha avó”. Com menos de um ano de idade voltou para São Paulo. Ambos moravam na casa dos patrões, no conhecido “quartinho da empregada”. “Éramos vizinhos da cantora Wanderléia, da Elis Regina... foi uma época boa, mas que passou rápida”. Isso porque sua mãe adoeceu gravemente quando ele tinha apenas nove anos e parou de trabalhar, indo morar no bairro de Itaquera e depois retornando a Minas Gerais, onde veio a falecer. Ele continuou vivendo na casa dos patrões, mas diz que, a partir de então, passou a sofrer

---

<sup>41</sup> A comunidade quilombola de Vila Santo Isidoro localiza-se no município de Berilo, no Médio Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. A comunidade é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares desde 2006.

<sup>42</sup> Família tradicional no estado de São Paulo, ligados à cargos políticos, proprietários de terras e indústrias em diversas regiões.

uma série de abusos, acusações e desentendimentos por parte da família que o acolheu. Pouco tempo depois, Jotabê foi enviado a um colégio interno, com apoio da patroa de sua mãe, também sua “madrinha”, Winifrida Salles, esposa de Escorel. “A família tinha muitos problemas de parentesco e não puderam cuidar de mim, coisa que fui entender somente depois de velho”. Com a morte da madrinha em 1982, quando Jotabê tinha 14 anos de idade, a situação se agravou. Após sete anos vivendo no colégio interno, foi enviado a pensões da região central da cidade, onde passou a viver sozinho. “Morei em uma pensão na Rua Espírita, aqui no Glicério, perto do Morro do Piolho; morei na Canuto do Val, na Santa Cecília e na Rua Abolição”. Jotabê relata que nessa época existia muita violência policial nas ruas do centro da cidade e que era constantemente ameaçado e coagido, sendo até mesmo roubado em batidas policiais. Fato que ele considera relevante para suas primeiras incursões ao mundo do crime. “Passei a realizar pequenos furtos ao redor da Praça da Sé, virei trombadinha. Roubava muito relógio, cordão de ouro... era minha fonte de renda, já que a família de minha madrinha praticamente me abandonou, só pagavam o aluguel da pensão”. Preso em diversas ocasiões, teve quatro passagens pela FEBEM<sup>43</sup>. Sua primeira passagem foi realizando roubos de bicicletas no bairro de Moema. “Naquela época, lá pros lados da Rua Bem-te-vi, Moema estava sendo construída, tinha muito prédio ao lado de terreno baldio, era fácil pular os muros pra pegar as bicicletas”. “Comecei a brigar na FEBEM, para ter respeito. Foi lá que eu percebi como era bom de briga”.

Saindo da FEBEM, foi enviado, por Escorel, para a cidade natal de sua mãe, onde ele próprio havia nascido. Lá encontraria alguns parentes. “Morei com uma tia e trabalhava na roça, não ganhava nenhum dinheiro”. Não aguentou muito tempo. Ficou sabendo que alguns conhecidos iriam para Araçatuba, no interior paulista, trabalhar no canavial. Foi também. Cortar cana era, para Jotabê, um trabalho escravo. “Fiquei o primeiro mês sem receber porque já cheguei endividado com o dono da fazenda, que pagou o transporte e a alimentação”. “Me agilizei”: cometeu um roubo e, com o dinheiro, comprou uma passagem para São Paulo. “Vim bater na porta do Escorel. Ele ficou branco quando me viu: o que você está fazendo aqui?”. Para o apartamento onde cresceu não voltou. Passou a morar em uma pensão, dessa vez na Rua dos Andradas,

---

<sup>43</sup> A FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) ficou conhecida pelas fugas, rebeliões, denúncias de maus-tratos aos adolescentes, tortura e superlotação. Em 2006, um projeto de lei alterou o nome para Fundação Casa, mas a forma de tratamento pouco se alterou. Fonte: Nina Fideles (2012), em <https://www.revistaforum.com.br/de-febem-a-fundacao-casa/>

novamente pagas por Escorel, quem também lhe conseguiu um emprego de *Office Boy* na Univel, administradora de imóveis, localizada na Rua Sete de Abril, centro da cidade, propriedade do próprio Escorel. Não demorou muito para voltar ao crime. Como era *Office-boy*, conhecia a rotina das filas de banco, sabia quem andava com dinheiro, quem sacava o pagamento, horários, roteiros. “Comecei a fazer *saidinha de banco* na região da Praça da República. O problema é que eu roubava de quem andava com dinheiro e era roubado pela polícia, que acompanhava minhas atividades. Fui ficando manjado”. Não durou muito sua nova ocupação. Capturado pela polícia, passou doze anos preso em diversas instituições penitenciárias. “No dia 10 de outubro de 1987 eu fui pra cadeia, aí acabou. Vivi preso até os 32 anos de idade”. Foram sete penitenciárias ao todo antes de ganhar a liberdade.

## **Guerreiro**

“To ligado que você é guerreiro negão”, disse um “irmão” (membro do PCC) durante uma discussão de Jotabê com outros membros do partido (Caderno de Campo, 06 de abril de 2017).

Um guerreiro, pessoa comprometida com o estado, virtual ou material, de guerra, é alguém propício ao ato heroico. O heroísmo de Jotabê não está associado a nobreza ou bravura, mas sim a impossibilidade de fugir e, assim, agir no limite das possibilidades. O herói é aquele que não teve tempo de correr?

Jotabê morreu, após ficar internado por alguns dias na UTI do Hospital Emílio Ribas. Quanta coincidência: era um domingo e fui até o viaduto procurá-lo, principalmente para avisá-lo sobre a exposição com sua história que já estava em cartaz. Garrido estava lá com outro rapaz fazendo uma limpeza, removendo entulhos. Foi então que conheci a filha de Jotabê, Rafaela, e sua tia Denise, irmã da mãe de Rafaela. Estavam com uma equipe de veterinárias de uma ONG para vacinar e castrar os cachorros. Rafaela foi quem me contou que JB estava internado na UTI. Disse que ele não voltaria para o viaduto, pois “sempre que ele volta pra cá ele piora”. Falei sobre o Museu da Empatia, ambas ficaram

felizes com a novidade. Não deu tempo de ele ver, que pena. Em nossa última conversa, durante a entrevista, Jotabê comentou sobre eu estar escrevendo sobre ele. Foi no dia seguinte, segunda de manhã, enquanto me dirigia ao aeroporto para viajar para um Congresso, que recebi a mensagem, via celular, da Denise. Bem no dia de sua morte conheci sua filha e pude deixar meu telefone com ela, estabelecendo um contato que, se não fosse dessa forma, talvez nunca se concretizasse. Talvez essa a última conexão feita por Jotabê (Caderno de Campo, 05 de dezembro de 2017)

Nunca me esqueço do dia em que conheci Jotabê. Do alto de seus 1,90m, me encarou de cima a baixo, cara fechada, uma seriedade amedrontadora e desconfiada. Apresentei-me e expus minha vontade de treinar com a equipe. Brevemente, ele explicou o funcionamento do equipamento e a rotina dos treinos, pediu os vinte reais mensais, pagos como forma de contribuição e pediu que eu me juntasse ao grupo. Jotabê encarava todas as pessoas com uma terrível desconfiança, como se estivesse em “estado de guerra permanente” (Clastres, 2004, p.180)<sup>44</sup>. Sob o Viaduto do Glicério, Jotabê instaurava uma temporalidade singular, ancorada em sua história de vida, carregada de conflitos, desconfianças e aulas de boxe.

### **Carandiru, memórias de terror**

*O Tribunal de Justiça de São Paulo anulou os julgamentos que condenaram 74 policiais militares pelo massacre do Carandiru, em 1992, quando 111 presos foram assassinados em uma ação da PM para conter um motim na antiga Casa de Detenção de São Paulo.*<sup>45</sup>

A notícia de anulação dos julgamentos dos policiais envolvidos no massacre do Carandiru foi amplamente divulgada pela imprensa, reavivando um debate que

---

<sup>44</sup> É Pierre Clastres (2004) que nos conta sobre o estado de guerra permanente, condição estruturante das populações ameríndias.

<sup>45</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1817306-tj-anula-julgamentos-que-condenaram-pms-no-massacre-do-carandiru.shtml>. Acesso em 27/09/16.

completou vinte e cinco anos em 2017. Poucos são os habitantes da grande metrópole brasileira com idade adulta que não conhecem o infortúnio: 111 mortos, oficialmente, em uma ação desastrosa da PM (Polícia Militar) paulistana para conter uma rebelião na penitenciária do Carandiru – nome popular da Casa de Detenção de São Paulo<sup>46</sup>, devido à sua localização no bairro de mesmo nome. Durante esse tempo, não só a imprensa, mas a literatura, o cinema, a canção popular, produção acadêmica e as artes, em geral, debruçaram-se sobre esse acontecimento, anunciando, de certa maneira: não nos esqueceremos disso. O artista plástico Nuno Ramos, por exemplo, como resposta à anulação dos julgamentos, realizou uma obra intitulada *111 Vigília Canto Leitura*, no início de novembro de 2016, onde os nomes dos mortos foram citados por 24 personalidades públicas durante 24 horas seguidas<sup>47</sup>. Está na TV, na memória dos sobreviventes. Está no estatuto da facção criminosa PCC<sup>48</sup>.

Quem estava no Carandiru no dia dois de outubro de 1992, cumprindo pena há dois anos, era Jotabê. Não foi a primeira rebelião na qual esteve envolvido. Em 1986, estivera em “umas das piores rebeliões que já teve na FEBEM”, segundo ele próprio. Pouco tempo após conhecê-lo, quando comecei a treinar boxe sob o viaduto, fiquei sabendo que ele havia *testemunhado* o massacre do Carandiru. Certa vez, perguntado se seria capaz de lutar contra um atleta de MMA<sup>49</sup>, respondeu, com certo orgulho: “sou um sobrevivente do Carandiru, subo com qualquer um”. Assim, a notícia da anulação do julgamento, amplamente divulgada pela imprensa, serviu de motivação para que ele trouxesse o assunto à tona. Perguntei se realmente eram 111 os mortos. “E quem não tinha parente para cobrar? Foram bem mais, com certeza”. Jotabê morava no pavilhão nove, “terceiro andar, barracão 357E, próximo da rua dez”. Disse que, das quinze pessoas que compartilhavam seu *barraco*<sup>50</sup> (onde, na verdade, cabiam seis), apenas ele e mais dois sobreviveram, pois estavam fora do barraco quando a polícia chegou atirando. Isso porque, no início da invasão pela tropa de choque, conseguiu fugir para o quarto –

<sup>46</sup> A Casa de Detenção de São Paulo foi desativa em 2002. No seu lugar foi construído o Parque da Juventude, um equipamento público com instalações culturais, recreativas e esportivas.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2016/10/nuno-ramos-111-mortosb/>

<sup>48</sup> Artigo 13 do Estatuto do PCC: “Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção em 02 de outubro de 1992, onde 111 presos foram covardemente assassinados, massacre este que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileira. Porque nós do Comando vamos mudar a prática carcerária, desumana, cheia de injustiças, opressão, torturas, massacres nas prisões”. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Estatuto\\_do\\_PCC](https://pt.wikisource.org/wiki/Estatuto_do_PCC)

<sup>49</sup> Sigla para “Mixed Martial Arts”, modalidade de luta que busca englobar habilidades referentes a diversas práticas de combate ,atualmente muito popular e midiática.

<sup>50</sup> Nome usado para denominar as celas da penitenciária

e último – andar, encontrando abrigo no barraco de um “chegado que era meu aliado”. Jotabê havia defendido esse *chegado*<sup>51</sup> em uma briga em outra penitenciária, ganhando sua confiança e respeito no Carandiru. E o abrigo, que possivelmente salvou sua vida. “Isso porque eu sempre gostei de brigar, mesmo antes de virar boxeador, principalmente porque na rua você precisa brigar para sobreviver”.

Ao descrever, brevemente, a arquitetura da “detenção”, ele percorre uma série de territórios, *pedaços*, coletivos e suas relações:

“na detenção só tinha quatro andares, mas como o térreo contava como primeiro, o quarto era considerado o quinto. No primeiro andar tinha a igreja; no segundo ficava a triagem, era o mais diabólico; no terceiro, onde eu morava, era mais sossegado, tinha muita maconha; no quarto ficavam os presos mais *cabulosos*<sup>52</sup>, os crentes e o pessoal que fazia comida. No barraco éramos todos amigos, não tem como ter inimigo dividindo o barraco.

Sobre a rebelião que culminou no massacre do Carandiru, sua versão é que tudo se iniciou a partir de uma fotografia. Em uma dia de visita, um dos detentos havia tirado uma foto com a mulher e, após ter revelado essa foto, percebeu que a imagem capturou também um outro detento olhando diretamente para a câmera, infringindo uma regra tácita de masculinidade operante nas penitenciárias: observar as relações íntimas entre detento e acompanhante – seja esposa, companheira, namorada ou irmã. “Isso é terrível. Viajar na imagem do outro desejando sua mulher gera cobrança<sup>53</sup> por parte da bandidagem. Em dia de visita, quando um preso passava com a mulher por mim, eu virava a cara para a parede, para não ter problema nenhum”. O fato teria, então, ocasionado um atrito entre grupos rivais, que se intensificou em sobreposição a outros motivos, fazendo com que a “cadeia virasse”. “Durante dois dias a cadeia ficou na mão de ladrão. No terceiro dia foi quando mandaram os policiais entrarem. Achava que ia morrer, na mão de ladrão ou na mão da polícia”.

---

<sup>51</sup> Chegado é uma categoria utilizada para qualificar relações masculinas de proximidade espaço-temporal. O *chegado* pode formar uma aliança em algumas situações, por mais que essa condição não seja necessariamente obrigatória.

<sup>52</sup> *Cabuloso* é uma categoria que inclui os homens de posição hierarquicamente superior em dada situação, geralmente os mais respeitados dentro da penitenciária – os mais velhos, os de maior fama, os mais articulados politicamente, entre outros.

<sup>53</sup> *Cobrança*, nessa situação, significa a possibilidade de pena de morte para o detento que não respeitou a regra.

## **Futebol, “uma das coisas mais sérias da detenção”**

Jotabê disse que havia uma academia de boxe no Carandiru, mas ele não se interessou em aprender, por mais que gostasse de brigar. Isso para não chamar a atenção, visto que “ninguém brigava com boxeador, pois sabia que iria apanhar, então era só na fachada”. “Bom de bola”, segundo ele mesmo, gostava de jogar futebol e se destacou nos campeonatos internos do Carandiru. Para ele, o futebol “era uma das coisas mais sérias da detenção” e organizava o cotidiano dos detentos, com regras, obrigações e negociações, muitas, inclusive, monetarizadas: apostas e contratos. Uma das regras singulares do futebol praticado no Carandiru dizia respeito ao limite da muralha: “quem chutasse a bola para além da muralha cometia pênalti, tinha que ter um cuidado danado”.

O novato que chegasse dizendo ser bom de bola e jogasse mal era humilhado pelo dono do time. Faziam ele tirar o uniforme dentro do campo e subir pelado pro pavilhão. Nunca mais ele seria respeitado dentro da cadeia. Por isso, cheguei na humildade e comecei jogando nas peladas do campeonato interbarraco. Fui observado por um dos donos do Botafogo do Quinto Andar, que me viu jogando e logo me chamou pra jogar no time dele. Para isso, precisou pagar a quantidade de cinco maços de cigarro para meu barraco, como se fosse um contrato. Sem saber, entrei no lugar de um jogador que era irmão do PCC. Ele ficou puto comigo, me ameaçou de morte, dizia que ia me pegar. Logo o pessoal apaziguou, dizendo que ninguém iria morrer por causa de futebol. Acho que foi o futebol que ajudou a criar o PCC.

## **Pedagogia de um corpo-testemunho**

Foi após conhecer Nilson Garrido, e seu “projeto” de boxe sob o viaduto Alcântara Machado, que Jotabê traçou uma trajetória de vida comprometida com o boxe. “Conheci Garrido e disse para ele que precisava mudar minha vida. Estava tendo problemas com drogas, arrumei uma treta e quase matei um cara, tinha saído da cadeia há pouco tempo e não queria voltar. Foi quando o boxe ficou na vida para sempre”.

Garrido o convidou para trabalhar no projeto. A partir de então, todos os dias ele chegava cedo e passou a organizar a academia. Limpava, varria, cuidava dos equipamentos, da segurança e treinava boxe no período da noite. Em pouco tempo, abriu o equipamento para o uso de crianças e adolescentes, público que não frequentava a academia anteriormente. Foi quando o projeto começou a ficar popular, ganhando apoio midiático e de pequenos empresários da região. “Como eu sempre me preocupei com o espaço, ganhei a confiança de Garrido. Ele gostava muito de mim, me chamava de filho”. Com a intenção de expandir o projeto das academias de boxe sob viadutos da cidade, Garrido ganhou, da Prefeitura, a concessão para usar o espaço sob o Viaduto do Glicério. E entregou à Jotabê a administração do lugar. Nasceu a *Street Boxing*.

No começo eu dormia em cima do ringue, depois de um ano construí essa casa e estou aqui até hoje. É como minha casa. Minha luta é essa, manter esse espaço público limpo e organizado pras pessoas de baixa renda do centro praticarem um esporte olímpico. O talento que eu descobri na minha vida, com o Garrido, é ensinar boxe.

Jotabê era duro no trato e na maneira de ensinar boxe. Não permitia brincadeiras, distrações ou gozações durante os treinos. Xingava e brigava com os praticantes com frequência. “Não vou perder tempo com quem vem aqui fazer corpo mole”, sempre me dizia. Gostava que o chamassem de professor, ou mestre. “O que eu estou ensinando para vocês é uma arte, a Nobre Arte, a mais velha do mundo, existe desde Cristo”

“Passei minha vida inteira preso. Rebelião forma várias, sobrevivi no mundo do crime, escapei da morte, sofri tortura dos policiais, tomei choque, passei por tudo isso”. Jotabê sempre dizia que, para ser bom boxeador, era preciso aprender a apanhar para “acostumar o corpo”. “No boxe, quanto mais você luta, mais tem vontade, porque o corpo pede para lutar”. Foi no dia 15 de janeiro de 2017 que observei Jotabê explicando sua pedagogia de combate da maneira mais clara possível. Nesse dia, um domingo, fomos à cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo, participar de uma festa em uma academia de boxe, a convite de Breno Macedo<sup>54</sup>. Passei de carro para buscá-lo, que me esperava, por volta das 10hrs, animado. Assim que nos encontramos, faz questão de avisar que estava sem nenhum documento. Durante a viagem, tivemos tempo para conversar e discutir assuntos diversos. Boxeadores famosos habitavam nossas

---

<sup>54</sup> A trajetória de Breno Macedo, técnico de boxe, será apresentada no capítulo 3.

conversas. “Gosto do Sonny Liston<sup>55</sup> porque a vida dele foi praticamente igual a minha”, disse. A academia, instalada em um antigo armazém próximo ao trilho do trem, encanta por seu tamanho e organização. Dentre as atrações da festa, aconteceram uma série de combates entre atletas amadores de diversas academias da região. Nas preliminares de um combate, em uma roda de conversa, Breno e Jotabê aconselham um atleta novato. Para Breno, “boxe é dança, precisa entrar relaxado, corpo leve, jogar bonito”. Para Jotabê, por outro lado, “tem que subir no ringue preparado pra morrer”. E continuou: “eu sei que é esporte, depois da luta cumprimenta, mas na hora do ringue é vida ou morte, é como se você estivesse defendendo sua família, precisa entrar com uma faca na mão”. Uma pedagogia aplicada por quem teve a trajetória de vida delimitada pela zona intermediária entre a vida e a morte. O novato ouviu os dois conselhos com a mesma atenção. Subiu ao ringue. Venceu sua luta.

### **Síndico do pedaço**

Um cara parou pra mijar no poste, no outro lado da rua, bem em frente a casa de Jotabê. Ele começou a gritar com o cara, primeiro com certo proceder, e, não sendo atendido, aumentou o tom até as ofensas. O cara parecia pouco preocupado e saiu gritando, irritando Jotabê, que saiu xingando-o até o portão. Seus cachorros ataçados. Jotabê sai então, para fora do portão, enquanto o cara sai correndo. Depois veio conversar comigo, profundamente irritado. “Se minha filha estivesse aqui eu arrebatava ele, pensa só se tem alguma mulher treinando e o cara mijando” (Caderno de Campo, 30 de novembro de 2016)

Jotabê sempre geriu o equipamento, e seu entorno, diga-se de passagem, com extrema rigidez. Não permitia “vacilos”, quer sejam estes os mais simples – como por exemplo deixar de guardar um equipamento após seu uso – ou os mais radicais, como urinar nos postes da rua em frente a academia. “Se não houvesse inimigos, seria preciso inventá-los” (Clastres, 2004, p.185). Jotabê tinha muitos inimigos, tanto reais como

---

<sup>55</sup> Charles ‘Sonny’ Liston foi um boxeador norte-americano, campeão dos pesos pesados, ex-presidiário e ligado ao mundo do crime durante boa parte de sua trajetória. Nascido em 1932, faleceu em 1970.

hipotéticos. A constante ameaça de conflito formava sua maneira de estar no mundo, assim como sua própria pedagogia para o boxe.

Os moradores em situação de rua que habitam o entorno da *Street Boxing* somam dezenas de pessoas – um número bem maior no fim de ano 2016, próximo ao natal. Jotabê avisou Alemão e Doidinha que um carro estava distribuindo marmiteix no outro lado da rua. Foram e voltaram correndo. Ele ganhou uma de Alemão. Comeu na mesma hora. Varias são as relações estabelecidas entre ele e os moradores em situação de rua, tanto de aliança como de conflito. No mesmo dia, depois do treino, dois caras queriam puxar um *gato* de energia para ligar uma TV e foram pedir uma escada. Um cara sem camiseta, meio troncho, atravessou a rua e se dirigiu a mim (eu e Jotabê estávamos conversando sentado no ringue em frente à rua). Eu disse que tinha que ser com Jotabê, que negou ajuda, dizendo que eles estavam fazendo aquilo na hora errada, pois corriam o risco de apagar o viaduto. O cara ficou zangado e saiu xingando. Jotabê levantou e prontamente desafiou o cara para brigar. Ele voltou bem mais *humilde*, iniciou um discurso religioso sobre Jesus, falou mal das igrejas neopentecostais. Desculpou-se e foi embora. As alianças tecidas entre Jotabê e os moradores do entorno eram de um equilíbrio frágil, extremamente inconstantes. Por outro lado, devido à situação de permanente imobilidade de Jotabê, acabam por serem seus principais interlocutores. A própria relação com Garrido, a quem se referia como “pai” (assim como Garrido chamava-o de “filho”) era inconstante e controversa. Jotabê refletia sobre os limites de sua inclusão no “projeto”, a desigualdade entre eles. Disse que não se aproxima da vida pessoal de Garrido, não conhece sua casa nem nunca visitou ou foi chamado, ao contrário de outras pessoas próximas, mas sabe que é uma “mansão”.

Fiscais da Prefeitura retiraram a “maloquinha”, parte da operação cidade linda. A margem oposta da Rua do Glicério sob o viaduto está bem diferente. Alguns homens estavam lá, mas sem as barracas e os entulhos costumeiros. Jotabê disse que, “dependendo, eles levam até as carroças”. A casa do Lima também não estava lá, mas ele sim, trabalhando no farol, como sempre. Jotabê contou que foi “intimado” por um fiscal da prefeitura durante a operação. Pediram documentos, comentaram sobre o estado de conservação do equipamento, sobre os cachorros e disseram que os moradores da “maloquinha” reclamam que não podem usar o equipamento. Obviamente, foi rebatido com a devida aspereza de Jotabê (Caderno de Campo, 01 de abril de 2017).

Os moradores em situação de rua frequentavam a *Street Boxing*, mas não para praticarem boxe. Jotabê sabia disso. Sabia que a prática regular do boxe exige certa disciplina, disposição e compromisso difíceis de serem obtidos por corpos vulneráveis. Curiosa a relação entre Jotabê e Lima, morador da “maloquinha”. Cotidianamente, trocam alimentos, favores, realizam pequenos negócios. Porém, segundo Jotabê, Lima e outros “manos da vilinha” – pequeno conjunto de casas entre a Rua dos Estudantes e a Rua do Glicério – levaram ele para tirar satisfação com os irmãos do PCC. Jotabê teve que se explicar, apresentar suas razões para as constantes atitudes agressivas que tomava. Acusação: era ignorante com os moradores em situação de rua. Jotabê dizia que “era porque mijavam e cagavam na rua”, atrapalhando o funcionamento da academia. Um dia, quando perguntei sobre Lima, respondeu: “to só esperando sair daqui pra pegar esse Lima em alguma quebrada”. Em outra ocasião, contou outra desavença com um cara que invadiu a academia atrás de uma bola e acusou Jotabê de a ter roubado. Ele expulsou o cara, o qual voltou com mais outros *manos* para pegá-lo. Jotabê saiu com uma faca, o inimigo possuía duas, uma em cada mão, mas saiu correndo em direção ao posto de gasolina (na esquina oposta à academia) assim que Jotabê o seguiu. Os outros também correram. Minutos mais tarde, após passar a confusão, quando “veio trocar ideia comigo tomou uma facada na coxa”. Passou então a ameaçar Jotabê de morte.

Chego para treinar e encontro Jotabê enfurecido, dizendo que foi roubado. “Não posso nem mais dormir sossegado”. Segundo ele, de madrugada entraram na academia e roubaram uma caixa de ferramentas que ganhou de um amigo. “E tem gente que reclama de pagar vinte reais, tá vendo só o que eu passo aqui, risco de vida” (Caderno de Campo, 21 de novembro de 2016)

## Noticias sobre sua morte

*“Gostaria que a vontade dos meios de comunicação em publicar mortes no boxe fosse a mesma de anunciar grandes lutas”<sup>56</sup>.*

---

<sup>56</sup> Wilson Baldini Jr. (2018). Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/blogs/blog-do-baldini/morte-no-boxe-e-tratada-como-queda-de-aviao/>

Pouco se noticiou sobre a morte de Jotabê. Quem recebeu atenção, paradoxalmente (ou não), foram seus cachorros, *órfãos* com sua morte. Uma campanha de adoção circulou em alguns sites<sup>57</sup>. Recebi exatamente a seguinte mensagem, de uma amiga em comum, através do *wattzap*:

Domingo 14/01 no Programa Domingo Espetacular – Record a partir das 19:30h, será exibida uma matéria sobre os Cães Órfãos do Projeto Jovens Boxeadores/ Glicério. Os 5 peludos estão prontos para encontrarem seus novos lares. Assistam e divulguem.

Através das narrativas de Jotabê, constantemente expostas em conversas, discursos, ensinamentos e confissões, podemos perceber a intrincada relação entre cidade e pessoa, entre o cotidiano e o fantástico, entre linguagem e experiência. Buscando dar forma ao real, ao vivido, suas narrativas, que escapam a qualquer tipo de representação coletiva, “acentuam uma questão que parece ser a mais fundamental na construção do “falar sobre si”: a operação de inclusão do outro, o compartilhamento de uma experiência” (Gonçalves, 2012, p.23). Traumas, memórias, atos heroicos, assim como silêncios e assuntos indizíveis, habitam seu repertório de maneira criativa, autoreflexiva e mágica. Como nos lembra Gonçalves (2012, p.22), “esta autoprodução do *self* a partir da narração biográfica dá sentido ao presente e nos torna capazes de perceber um passado e atentar para um futuro”. A extinta penitenciária do Carandiru, território carregado de símbolos e significações, singulariza suas atitudes em diversas situações, assim como potencializa suas narrativas fantásticas, imbricadas com o próprio cotidiano. Outros acontecimentos fazem Jotabê relembrar o massacre do Carandiru. A queda do avião com a equipe de futebol da Chapecoense<sup>58</sup>, por exemplo. Comentando sobre os seis sobreviventes, disse: “assim como eu tenho uma história de tragédia para contar, essas pessoas também terão”.

---

<sup>57</sup> Tuka Pereira (2018). Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2018/01/criador-da-academia-de-box-do-glicerio-morre-e-deixa-5-caes-que-precisam-de-um-lar/>

<sup>58</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>

## Rua Sete de Abril, 127

Pois bem, direto ao caso: a suspeita de Jotabê é que seu pai seja o próprio Escorel. Caso confirmasse, teria direito a uma parte da herança, ao menos – Escorel morreu há alguns anos. Pediu que eu investigasse, primeiramente no prédio onde ficava a sede da empresa do ex-patrão de sua mãe – onde havia trabalhado como *Office-boy* – essa suspeita. “Lá todo mundo me conhece, quem sabe alguém te dá alguma pista”. Entrou em sua casa para buscar uma foto. “Não achei nenhuma melhor, leva essa”.

Fui até lá. Galeria das Artes, Rua Sete de Abril, 127. No quinto andar ficava a sede da empresa. Com a foto na mão, perguntei ao porteiro se conhecia o rapaz. Olhou bem, pegou a foto da minha mão para olhar melhor. “Sim, sei quem é. Vou chamar o Getúlio, que trabalha aqui faz tempo, ele conhece bem esse cara”. Getúlio, um senhor de uns sessenta anos, cumprimentou-me, pegou a foto e sorriu. “É o João Batista. Aconteceu alguma coisa com ele?”. Respondo que não, que ele está bem, que é professor de boxe e que sou seu aluno. Getúlio disse que foi funcionário da mesma empresa durante anos. Contou sobre os proprietários, sua relação com eles, o cotidiano da época em que conviveu com Jotabê. Comentei sobre o real motivo de minha visita e perguntei se ele tinha alguma informação sobre o assunto. Olhou novamente a foto, sorriu desconfiado, virou o olhar em minha direção e respondeu, mais ou menos da seguinte forma:

O João Batista foi muito prejudicado, teve uma vida sofrida. Era pra ele ser dono do apartamento na Rua Bahia, onde cresceu, mas o Escorel fez de tudo para tirá-lo da família. Nunca ouvi falar sobre o pai dele, mas acho até que os dois são bem parecidos na fisionomia. Pode até ser, pois a mãe trabalhava pra família há muito tempo.



Foto 1: O interior da *Street Boxing*, de costas para sua entrada, sob o teto do Viaduto do Glicério. Em primeiro plano, dois pneus que servem como sacos de pancada. Ao fundo, do lado direito, o ringue, com sua lona azul.

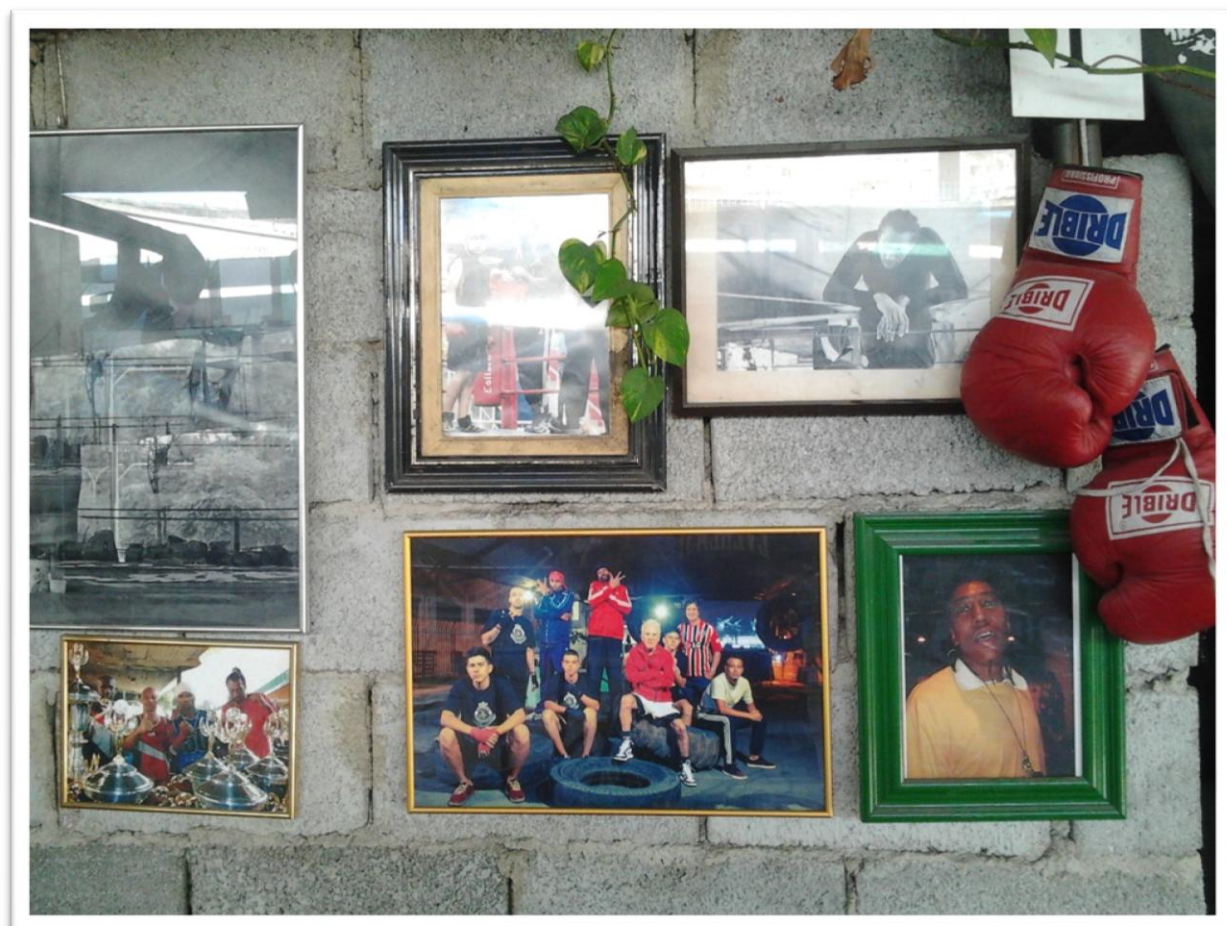


Foto 2: O mural de Jotabê, em janeiro de 2016. Retratos seus, assim como ao lado de boxeadores. Na foto central, o dia da visita de Éder Jofre ao equipamento.



Foto 3: A equipe da *Street Boxing* em julho de 2016. Agachado, o antropólogo aprendiz é o primeiro da esquerda para a direita.

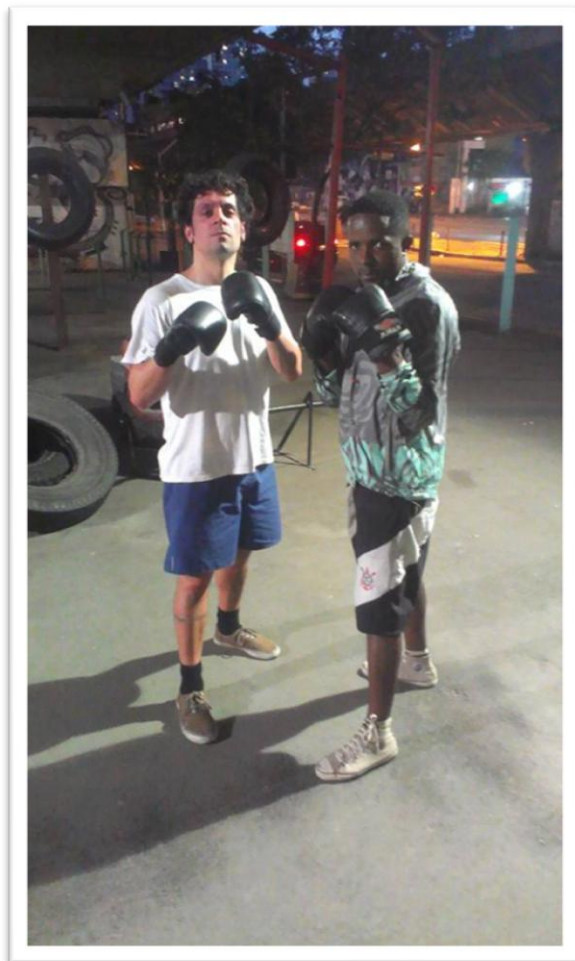


Foto 4: O angolano Leon, pousando ao lado de seu aluno, o antropólogo, em fevereiro de 2017.



Foto 5: A foto que Jotabê me deu para que eu investigasse seu passado. Ele pousa, agachado, ao lado de uma mulher sobre a qual nada comentou.

## Capítulo 2:

“Para arrancar a cabeça” – O boxe como território de/em disputa

*(...) constituir um território, para mim, é quase o nascimento  
da arte.*

*Gilles Deleuze*

*Boxe é um monte de homens brancos assistindo dois homens  
negros batendo um no outro.*

*Muhammad Ali*

## **Prólogo – “O jeito certo de gritar”**

É através do presente capítulo que discorro sobre as imbricadas relações entre território, espaço, corpo e poder. Para isso, integrei a equipe do Boxe Tatuapé como aprendiz e praticante durante nove meses, acompanhado de meus colegas angolanos Leon e Jonas. Acoplando significados de cura e pertencimento, justapondo sentidos e moralidades sobre medo e coragem, igualdade e violência, a equipe do Boxe Tatuapé abre a possibilidade de uma discussão sobre como raça, classe e gênero se cruzam para produzir versões de masculinidades, com ênfase considerável colocada sobre a autoestima e o cuidado de si.

A Forja dos Campeões, competição de boxe que ocorre anualmente na região metropolitana de São Paulo, integra a dissertação como relevante exemplo de uma *situação* etnográfica, visto seu caráter circunscrito, efêmero e contingente. Acompanhar o evento, suas controvérsias, conflitos, arranjos e ajustes transitórios, assim como sua territorialização, permite ver o boxe para além do cotidiano da academia, em seu momento fantástico e espetacular. Assim, percebendo o torneio como ritual de passagem do corpo boxeador, sigo ao encontro de Mariza Peirano, para quem “a análise de eventos tem um objetivo explícito: eventos marcam mudanças, não são antecipados, apontam para processos sociológicos e históricos, indicam procedimentos, mecanismos de rotinização e de movimento, co-ocorrência e pulsação” (Peirano, 2000, p.4).

## Capítulo 2.1 – Uma ilha de *marginalidade*

No dia 22 de junho de 2017, eu e Leon fomos visitar a academia de boxe que fica no CERET (Centro Esportivo, Recreativo e Educativo do Trabalhador), equipamento municipal em formato de parque, de grandes dimensões, localizado em área nobre, rodeado por edifícios de alto padrão no bairro do Tatuapé. Por volta das 16hrs, depois de caminhar por alguns minutos procurando o local de treino, fomos orientados por um funcionário que nos indicou o trajeto. Ao nos aproximarmos de uma sala meio escondida, no fundo do parque, percebemos que estávamos no caminho certo pelo barulho característico – pancadas nos sacos de bater, cordas raspando o chão, tênis derrapando sob a lona do ringue, entre outros, formando uma paisagem sonora característica – que emanava da sala. Uma pequena escada de concreto com o corrimão pintado de azul conduz a uma sala fechada, ligada ao ambiente exterior por um pequeno corredor de passagem. Entramos. Meia dúzia de pessoas se preparava para treinar. Fomos recebidos por um dos praticantes, Maurício, que nos recebeu de forma atenciosa e cordial. Explicou sobre as condições para treinar, horários, métodos, conversamos por alguns minutos e ficamos para acompanhar o início do treino. Dizia Maurício: a partir das 16hrs até 18hrs treina a equipe “de cima” – os mais qualificados, os que estão se preparando para algum torneio ou competição e os profissionais. Das 18hrs as 21hrs, a academia fica aberta para os demais alunos, iniciantes, interessados e frequentadores ocasionais. Disse que o professor, Minotauro, também era *manager* e arranjava algumas lutas para os interessados. Apontou um dos praticantes, esboçando brevemente sua trajetória como atleta de boxe, contando como ele havia lutado em diversos países, participado de torneios, disputado títulos. No alto de sua cortesia, Maurício afirmou: “da porta pra dentro todo mundo é igual” – colocou, assim, logo em nossa primeira conversa, uma questão sociológica fundamental que permeia os escritos sobre a nobre arte. Vejamos. A *igualdade*, no *mundo do boxe*, é descrita e reverenciada por diversos pesquisadores que se atreveram a habitar uma academia. Wacquant, por exemplo, para justificar sua aceitação enquanto único homem branco no *gym* de Woodlawn, argumenta que “o *ethos* igualitarista e o daltonismo racial afirmado da cultura pugilística fazem com que se seja nela totalmente aceito, desde que nos dobremos diante da disciplina comum e desde que paguemos ‘o que é devido’ no ringue” (Wacquant, 2002, p.26). Para a finlandesa Benita Heiskanen, que escreveu sobre o boxe a partir de seu trabalho

etnográfico em Austin (EUA), “a academia se transforma em um espaço social cotidiano notavelmente misto (...). O respeito mútuo no ringue supera as hierarquias sociais que acontecem fora do boxe” (Heiskanen, 2012, p.39, tradução minha). Para chegar a esta conclusão, Benita recolheu narrativas semelhantes às de Wacquant de seus interlocutores:

“Quando você está no gym, não há ‘raça’; *raça* é o lutador. Não importa se você é verde, branco, laranja ou roxo, não importa (...). O boxe se tornou um dos poucos lugares em Austin onde negros, brancos e hispânicos se reúnem em números significantes” (Idem, p.39, tradução minha)

Em Belfast, na Irlanda do Norte violentamente subdividida entre católicos e protestantes ao final dos anos oitenta do século XX, quando John Sugden realizou trabalho de campo em seu pioneiro trabalho, encontramos uma descrição semelhante:

“no caso da academia que foi foco de minha pesquisa, a clientela é atualmente mista, com jovens boxeadores provenientes de áreas com reputações políticas radicalmente diferentes treinando e lutando lado a lado a cada noite da semana, supervisionados por treinadores e técnicos de ambos os lados da divisão sectária” (Sugden, 1996, p.94, tradução minha).

“Aqui treina tudo que é tipo de gente”, afirmou Minotauro. Como veremos, na equipe do Boxe Tatuapé essa *igualdade* é também discursiva, mas, e principalmente, marcada no corpo através da fabricação cotidiana, intensiva e comprometida de um corpo boxeador, seguindo uma pedagogia meticulosa, oculta e silenciosa. Na semana seguinte começamos a frequentar o equipamento rotineiramente, de três a quatro dias por semana. Pouco tempo depois, Jonas juntou-se a nós na nova empreitada. Logo nos primeiros treinos, frente nosso comprometimento e nossas (variáveis) habilidades apresentadas, fomos convidados a integrar a equipe “de cima”. E aceitamos. Permanecemos rotineiramente na equipe por nove meses seguidos. Conheci dezenas de boxeadores com as mais diversas motivações para estarem ali. Ouvi suas histórias, contei outras, dividimos dores, sacrifícios, opiniões sobre política, risos e segredos pessoais. Fiz amigos, companheiros de treino e de *sparring*. Integrando a equipe do Boxe Tatuapé, tornei-me boxeador. Em meio a outras motivações, a minha também era válida e aceita.

Na academia do Boxe Tatuapé, um misto de alegria, medo e mistério toma conta da atmosfera, independentemente do ambiente externo. “Tá chovendo lá fora?”. Quem acaba de chegar pode ser surpreendido por uma pergunta desta. A academia é o mais próximo do *gym* frequentado por Wacquant (2012) em Woodlawn, no gueto de Chicago, ou da academia em Hartford, também nos Estados Unidos, visitada por Sugden (1996), entre todos os equipamentos de boxe que conheci durante o percurso desta dissertação. Uma sala cumprida e pouco larga com algumas subdivisões internas, bem iluminada e cercada por espelhos. Ao lado esquerdo de quem entra estão os sacos de pancada, formando quatro fileiras em um total de oito sacos, espalhados de dois em dois. Uma pequena mureta, que serve também como suporte para as mochilas, bandagens, luvas e outros equipamentos, acompanha todo o comprimento da sala. O ringue ocupa o centro do equipamento, cercado por dois bancos de madeira que servem para o descanso. Suas laterais também são usadas para apoiar pequenos objetos. Ao lado direito do ringue existem três banheiros e uma quarta sala, onde ficam guardados diversos materiais: halteres de variados tamanhos, luvas, cordas, produtos de limpeza. Não há vista para o exterior. A decoração é simples: um *banner* retangular contendo uma foto do fundador Mestre Balthazar ao meio, com as bandeiras do Brasil e do Estado de São Paulo nas laterais, fica pendurado em frente ao ringue; um quadro com a foto de uma caveira vestida com capacete protetor enfeitada a parede ao fundo da sala; uma faixa com o emblema da equipe e a frase “insista, nunca desista” cobre a lateral do ringue que fica de frente para o espelho principal. As paredes deterioradas pela umidade infiltrada, o som justaposto da música alta e dos chiados dos pés no chão, pancadas, risos, gritos, aliados ao cheiro forte de suor – além de outras substâncias corporais – formam um cenário marcante e singular. Algumas dezenas de homens frequentam o equipamento rotineiramente. Grande parte com uma regularidade diária. “Aqui é minha segunda casa”, confessou Maurício. Por mais de uma vez observei alguém perguntando a Beto, em tom jocoso, se ele “não tinha casa”, porque mesmo após o término do treino coletivo continuava na academia, seja para praticar solitariamente, conversar ou apenas manusear o celular enquanto descansava. As profissões de meus colegas, assim como outras atividades nas quais estão comprometidos, abarcam uma ampla gama de posições pouco privilegiadas no mercado de trabalho, com poucas exceções, como veremos: vigia, vigilante, segurança, motorista de taxi, pastor evangélico, vendedor de peças automotivas, marceneiro, motoboy, faxineiro, vendedor ambulante, técnico em radiologia. E, claro, competidor de boxe.

As regras de uso explicadas por Mauricio em nossa primeira conversa são flexibilizadas em variadas situações. Alguns frequentadores formam um grupo particular, com um uso específico da academia, não se enquadrando nem na equipe dos competidores nem entre os praticantes esporádicos. Não estão efetivamente compromissados em boxear no ringue, porém dedicam-se *como se* fossem disputar o maior oponente de suas vidas. Utilizam os espaços, equipamentos e ambientes seguindo uma regra individualista e solitária. São, em média, cerca de dez homens, em sua maioria, com mais de cinquenta anos de idade e décadas de aplicação ao boxe. Maurício os chama de “os antigos”. Em comum, apresentam justificativas peculiares para fundamentar seus compromissos rotineiros com o pugilismo, quase diário. Entre estas, o aspecto do boxe como *cura* é recorrente. “É só eu colocar as luvas que os problemas vão embora”, comentou Mestrão. “É nos sacos que eu desconto o estresse do dia-a-dia”, disse Rodrigo. Rafael, que emagreceu cerca de trinta quilos em pouco menos de um ano, afirmou que “foi no boxe que eu me livreí do colesterol e da pressão alta”. Sorridente e confiante, foi buscar a carteira para me mostrar uma foto de “quando eu era outro”. “O boxe tira muita gente das drogas”, explicou Minotauro. “A única coisa que o boxe me deu foi saúde”, disse Gigante.

No dia após o falecimento de sua irmã, Ronaldo estava lá batendo sacos solitariamente. Foi Maurício quem me avisou, assim que cheguei à academia: “a irmã dele morreu ontem”. Expressei minha solidariedade, comentando que já havia perdido minha mãe e entendia essa dor. Respondeu que “também entendo, mas mesmo assim é difícil” e voltou a *trabalhar* nos sacos. O boxe é também um território para a expressão dos sentimentos, sejam de dor, sejam de alegria. Reservado e recluso, Ronaldo treina diariamente por mais de três horas seguidas, no auge de seus sessenta e seis anos, com mais de trinta dedicados ao boxe. Em outro dia, comentei sobre minha percepção de que ele havia emagrecido e recebi a resposta “ainda preciso perder pelo menos mais cinco quilos”. Linguíça, que escutou a resposta, replicou: “para que, se você não vai lutar?” Por mais de uma vez observei Minotauro chamando a atenção de Ronaldo, dizendo que não deixaria mais ele treinar se continuasse emagrecendo, que ele precisava se alimentar direito e descansar mais. Reivindicações em vão. Aposentado no sistema produtivo assalariado, Ronaldo não falta um dia se quer. Em outra ocasião, estava indo embora e, por coincidência, Ronaldo saía no mesmo momento. Perguntei se ele iria tomar o ônibus até o metrô. Respondeu que “não, estou sem grana, vou a pé mesmo” e seguiu, por cerca

de três quilômetros, até a estação de metrô mais próxima. Em sua pesquisa em uma academia de boxe na cidade de Paris, na França, Jérôme Beauchez dizia que os oponentes dos boxeadores, sejam reais como no *sparring*, ou imaginários como na prática de *bater sacos*, são constituídos fora do boxe, em “outras lutas diárias” (Beauchez, 2015), durante o enfrentamento de adversidades cotidianas encorporadas por sujeitos subalternizados nas implacáveis estruturas de poder. Através desse trabalho intenso, comprometido e fundado no sacrifício exigido pela fabricação do corpo boxeador, Ronaldo parece inventar um oponente relacional, imaginário e transcendental, talvez um Outro intransponível, como pensava Beauchez, talvez uma tática<sup>59</sup> fundamental para a própria motivação cotidiana de se manter hábil, ativo e sagaz.

Em muitos casos, o aspecto da cura contempla uma relação com certa virilidade pretendida, como indicativo de uma masculinidade hegemônica, a ser utilizada em outras atividades cotidianas. É o próprio Leon quem sempre me dizia, ao final dos treinos: “você vai melhorar, o boxe vai ser bom até para você trabalhar, namorar”. Narrativas sexuais são constantemente descritas e discutidas. Assolam, que trabalha como vigilante em uma empresa de segurança, contou como precisou utilizar sua habilidade pugilística, em uma oportunidade conveniente, para deter “um mala”. Em todos esses casos, o pugilismo extrapola a reiterada concepção de um “lugar que restou para aqueles que não tiveram outra opção”. Justapondo múltiplos sentidos, práticas e discursos, o *mundo do boxe* abrange motivações, compromissos e corpos em processos de individuação e invenção através de maneiras criativas de atuar e habitar a cidade.

### **Um cosmopolitismo selvagem**

Se o boxe não apresenta extensa produção literária no Brasil, deve-se muito à marginalização que a prática se manteve no elenco mercadológico das práticas esportivas no decorrer do processo de modernização que atravessou o século XX. Não formamos uma tradição de boxeadores, apesar das condições favoráveis e

---

<sup>59</sup> *Tática* é uma categoria utilizada por Michel de Certeau (1994, pág.46) em sua obra *A Invenção do Cotidiano* para designar as muitas práticas cotidianas, pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcia de caçadores, que “manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula”.

disponibilidade de corpos proletarizados para tal. Os poucos *casos de sucesso* e reconhecimento financeiro, amplamente admirados – a saber: Éder Jofre, Maguila, Acelino Popó – são extremamente raros e quase sempre resultados de trajetórias que beiram o heroísmo. Minotauro, boxeador profissional na casa dos trinta anos em 2017, não se encontra entre esses bem remunerados. Próximo do fim de sua carreira, como ele mesmo diz, tem no currículo dezenas de combates profissionais, entre esses cerca de vinte combates realizados em outro país. Argentina, China, Inglaterra, “três vezes na Austrália”. Minotauro é o chefe da equipe, o *manager* (empresário), treinador, professor, “mestre”, *xamã*, responsável pela academia e principal atleta do grupo. Comporta muitos homens em um só, assim como o próprio DeeDee, treinador que acolheu Wacquant na academia de Chicago. Para isso, compromete o uso de seu tempo dedicando-se quase de forma integral ao boxe e a academia. Começou a praticar ainda criança, aos oito anos de idade. Em uma breve retrospectiva de sua trajetória, declarou que “de quando eu comecei a treinar para cá o boxe mudou muito. Antes só quem praticava era ladrão ou presidiário, hoje o boxe está em diversas academias, é o esporte que mais paga no mundo. Mudou pra melhor”. Contudo, ele não recebe nada para gerenciar o equipamento, abrindo-o de segunda a sexta das 15hrs às 21hrs, “sem faltar um dia!”, disse orgulhoso. “E de manhã eu durmo”, disse aos risos. Isso porque a academia está dentro de um parque público e deve funcionar seguindo as regras municipais de uso e concessão; assim não pode cobrar mensalidade dos frequentadores, sejam aprendizes esporádicos, sejam boxeadores experientes de assiduidade diária. Contudo, vive profissionalmente do boxe, recebendo dinheiro das bolsas pagas, principalmente nas lutas internacionais. “Tudo que tem aqui na academia foi comprado pela equipe ou recebido como doação, a prefeitura não investe nada na gente”, reclamou com certo descontentamento. Minotauro pergunta a todo novo frequentador qual seu interesse, se pretende “lutar no ringue” ou “apenas aprimorar a forma física”. Caso a resposta seja a primeira opção, o novato passa a ser alvo de interesse do professor e do grupo, passando a participar de “um treino mais puxado”, incluindo o *sparring* – treino que simula um combate – logo que conquistar alguma *disposição*<sup>60</sup> para tal. O “apenas”, dessa maneira, não é irrelevante: são os interessados no combate que passam a ter maior atenção, dedicação e consideração por parte do professor, assim como dos outros

---

<sup>60</sup> O aprendizado do boxe consiste, vale lembrar, na fabricação do “corpo total” (Mauss, 2003). Dessa maneira, a *disposição* consiste em adquirir algum grau de uma múltipla combinação de fatores, entre os quais destaque: forma física, confiança e habilidade.

frequentadores. “Uma pessoa que vai competir, eu passo mais tempo com ela. Busco motivá-la, conhecer sua vida, instruir, conversar”, explica Minotauro. Uma preparação inseparavelmente prática e moral, portanto, realizada cotidianamente, buscando impor aos praticantes comprometidos certos “padrões pré-definidos de conduta” (Beauchez, 2010) que formarão, com menor ou maior êxito, a instituição pugilística.

A pedagogia da equipe Boxe Tatuapé segue “uma cartilha”, como diz Minotauro. As atividades são divididas tendo como parâmetro temporal a semana. De segunda, quarta e sexta ocorrem os treinos técnicos. O próprio professor é quem explica: “manopla, aprender a andar em cima do ringue, sombra no espelho, bater saco, *sparring*, isso é treino técnico”. As terças e quintas acontecem os treinos físicos. “Um *crossfit*<sup>61</sup> adaptado, onde todo circuito é voltado para o boxe”. Isso porque, como ele mesmo sempre repete, “não existe parte do corpo que não seja utilizada durante um combate. No boxe, o importante é o corpo todo”. Com alguma frequência, os treinos físicos são realizados, coletivamente, fora da sala, em algum espaço existente na dimensão interna do CERET. Pode ser utilizada a pista de corrida, o campo de futebol, sua arquibancada ou mesmo alguma área aparentemente ocupada por poucos transeuntes. Entre os que querem “lutar no ringue”, os treinos levam, em média, cerca de uma hora e meia, sempre realizados coletivamente, sob a supervisão do treinador. Tudo se inicia com o aquecimento: quinze minutos ininterruptos pulando corda. Depois cada um deve fazer três rounds de sombra<sup>62</sup> em frente ao espelho, sendo dois *rounds* socando com um par de halteres de um quilo cada e o terceiro sem estes. A terceira etapa varia, podendo ser um treino técnico onde a equipe é dividida em pares e cada par deve realizar a atividade proposta por Minotauro – sequências de golpes sincronizados, defesas, esquivas, entre outros – ou um treino direto nos sacos de pancada, cada participante escolhendo um saco e alternando, a cada *round*, entre os participantes. Um grande relógio pendurado na parede ao fundo da sala serve como cronômetro, avisando sonoramente sempre que um *round* acaba ou se inicia. Depois de aproximadamente oito a dez *rounds* batendo sacos é a hora do treino de pêndulo, realizado sob um barbante

---

<sup>61</sup> O *Crossfit* é o “nome pelo qual é conhecido um programa de exercícios de alta intensidade que combina levantamento de peso, ginástica e corrida, criado pelo americano Greg Glassman em meados dos anos 1990, e que se transformou em um fenômeno mundial”. Em São Paulo, dezenas de academias incluíram a prática entre suas modalidades, gerando adaptações e hibridismos, como no caso da própria equipe do Tatuapé. Fonte: Isabel Seta, em <https://exame.abril.com.br/negocios/como-o-crossfit-virou-um-negocio-de-5-bilhoes-de-dolares-2/>

<sup>62</sup> Sombra é um exercício individual onde o praticante gesticula os golpes do boxe livremente, sem oponente, podendo ser feito em frente ao espelho ou fora dele.

esticado entre duas pilastras, onde os boxeadores, de dois em dois, caminham para frente e para trás, se esquivando do barbante. Por último, a equipe se reúne novamente para a realização de uma sessão de exercícios abdominais. Esta é a sequência padrão dos treinos técnicos, mas, como disse, existem variações semanais e mesmo ocasionais que modificam a ordem. “Hoje a academia está cheia, dia bom para fazer *sparring*, todo mundo *prepara a mão*<sup>63</sup> e coloca os protetores então”, ordenou Minotauro em dada ocasião. Uma sessão de *sparring* pode ser combinada coletivamente com antecedência e nesse dia não há treino nos sacos de pancada. São componentes que fortalecem o sentimento de alegria, medo e mistério, apresentados no início do capítulo.

Após o término do treino coletivo, muitos continuam na academia, seja para *bater saco* individualmente, seja para realizar algum exercício específico – séries de abdominais, exercícios com peso, pular corda – ou mesmo para observar ou conversar com os companheiros. Assim que achar que o novato encontra condições para um combate *mais sério* – disposição anteriormente adquirida em outra academia, como o meu caso e o de Leon, ou mesmo recém adquirida através do comprometimento intenso com o treinamento – Minotauro o convoca para fazer *sparring*. Logo nas primeiras semanas *desafiou* Leon, percebendo a boa desenvoltura deste durante os treinos. A equipe parou para assistir. Foram três *rounds* disputados, como em um combate para valer. “Riscaram um fósforo e botaram fogo aí dentro, foi?”, gritou um dos praticantes empolgado com a cena. Leon se saiu bem. Gigante, frequentador assíduo e experiente, disse-lhe que iria entrar para o profissional em breve e começar a ganhar algum dinheiro – gesticulando com os dedos para ser melhor entendido. Minotauro faz questão de deixar claro que o início do profissionalismo paga pouco dinheiro, o que desencoraja um engajamento de muitos candidatos. Cerca de “quinhentos reais por luta”, sendo que cada atleta pode lutar somente duas vezes por mês, a não ser que seja nocauteado – levar um nocaute técnico corresponde a um mês de espera; nocaute durante a luta eleva para dois meses de espera, segundo sua explicação. Desde então Leon passou a ter *status* de bom boxeador entre a equipe. Sua condição de estrangeiro, mesmo que falante de português, era tema de conversas e curiosidades por parte dos colegas. Minotauro disse que ele precisaria fazer alguns combates amadores antes de ascender ao profissional, “para testar”. Foi com nosso novo treinador que aprendi a diferença do

---

<sup>63</sup> Preparar a mão significa enfaixá-la com uma bandagem, específica ou de algodão, antes de colocar a luva propriamente.

boxe profissional *versus* o boxe amador: “no profissional o oponente sobe pra arrancar sua cabeça!”.

Dessa forma, a aprendizagem realizada no Boxe Tatuapé por aqueles e aquelas que pretendem “lutar no ringue” busca preparar a pessoa para enfrentar um oponente que quer “arrancar sua cabeça”. Esse tipo de preparação exige um comprometimento intensivo do candidato a lutador: encontros diários para treinos exaustivos que, em muitos casos, beiram a completa fadiga do praticante. Mesmo aos fins de semana, quando o equipamento está fechado, alguns membros da equipe se reúnem para correr, andar de bicicleta ou mesmo treinar *sombra* em alguma localidade, seja nas próprias dependências do CERET, seja em outro parque público. Sempre encorajados e incentivados por Minotauro. Sua autoridade frente à equipe é pouco autoritária, mais servindo como exemplo de conduta que como chefe. Uma política do corpo, portanto. Assim, adquire certa instabilidade enquanto reprodutor de regras e moralidades disciplinares. “O dia em que os políticos derem valor ao esporte e ao professor esse país muda”, sempre repete em voz alta. Uma das poucas regras manifestada veemente por Minotauro é com referência à fidelidade perante a equipe. “Não posso ensinar boxe para alguém que não vai lutar por mim” é o argumento que resume a norma. Quando ficou sabendo que Guilherme, um jovem e habilidoso pugilista, havia disputado um torneio por outra academia, declarou sua indignação: “deixa o Guilherme aparecer aqui que vou fazer um *sparring* sério com ele”. Uma política do corpo, novamente.

### **“Boxe profissional não é esporte”**

Minotauro “herdou” uma federação de boxe – chamada Federação Nacional De Boxe Profissional Brasileira (FNBPB) – de seu falecido professor de boxe. Há poucas informações sobre ela na internet. Ele mesmo fala pouco sobre a instituição, apesar de ser seu principal dirigente. Ao mesmo tempo, é o campeão brasileiro e paulista por sua própria federação. Dessa forma, com dois títulos e uma instituição reconhecida oficialmente, forjando um cartel vencedor em pequenos e controversos torneios, grande parte na própria academia do Tatuapé, consegue se vender para combates internacionais, onde as bolsas são exponencialmente maiores que no Brasil. Assim

como arranjar lutas para seus melhores alunos, ou, mais especificamente, os mais comprometidos e corajosos que se habilitem a lutarem fora do país. Mas fora do Brasil, onde as políticas em torno do boxe competitivo são diferentes, Minotauro e seus pupilos geralmente são assediados para combates onde existe o interesse, por parte de empresários e investidores, em fabricar um currículo internacional para os oponentes dos brasileiros. Maurício analisou o arranjo mais ou menos da seguinte forma:

Os brasileiros vão lutar na gringa para fazerem a famosa escadinha dos boxeadores gringos. É quase impossível ele ganhar (se referindo a Minotauro). Vai sozinho, sem apoio, sem nem conhecer o adversário, o esquema é todo feito pra ele se dar mal. Lá fora não tem brincadeira.

Assim, enfrentando adversários mais preparados e experientes, quase sempre saem derrotados. Outra situação muito comum são os combates combinados – variando de pouco ou muito arranjado. Assunto tabu dentro da academia, Minotauro fala pouco sobre as formas como arranja suas lutas. Em seu último combate, realizado em março de 2018 na Austrália, sua décima derrota em disputas internacionais, comentou que o adversário não era muito melhor que ele, mas “dessa vez fizeram minha cabeça direitinho”. O combate arranjado apresenta, muitas vezes, uma peculiaridade importante. Aquele que sabe certa sua derrota, por mais que esteja preparado e apresente um nível técnico semelhante a seu oponente, buscará, na maioria das vezes, “perder limpo”, ou seja, perder a luta sem levar muitos golpes, sem se machucar gravemente. Sabendo certa a derrota, parecem considerar melhor perder logo no começo para não se machucar. “Eu e você fazemos um teatro melhor”, comentou Linguíça sobre algumas dessas lutas. Por outro lado, as lutas realizadas fora do país, independente da forma como foram arranjadas, são motivo de orgulho para os boxeadores envolvidos. Rogério, que iniciou sua carreira de profissional através de Minotauro, usa seu cartel feito em outros países, mesmo que feito de derrotas, como marcador de diferença para com outros atletas: “você nem sonha em pisar onde eu pisei”, disse para Ronaldo após ouvir deste que nunca ganhou uma luta importante. As recorrentes derrotas de Minotauro fora do Brasil também não diminuem seu *status* dentro da equipe. Mas levantam diversas questões. Alguns não compreendem como alguém severamente comprometido com o boxe venha a perder tantas lutas importantes. “Não imagino como alguém pode ganhar do Minotauro”, reclama o indignado Ronaldo. Para Assolam, a

diferença está na alimentação: “aqui no Brasil quando o boxeador come arroz e feijão todo dia já é uma vitória, na gringa os atletas vivem de suplementos, se alimentam corretamente, ficam fortes bem rápido”.

Maurício da Cruz, um boxeador profissional aposentado que lutou entre 1978 e 1984, o qual conheci durante a Forja dos Campeões<sup>64</sup>, é famoso por suas narrativas, *histórias de boxe* fantásticas, vivenciadas em combates realizados por ele em diversos países: Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Itália, México, Costa do Marfim, França. “Já lutei, na Itália, depois de ter tomado uma garrafa inteira de vinho. E aguentei até o último *round*”, disse aos risos. Em seu incrível cartel constam apenas 3 (três) vitórias e 44 (quarenta e quatro) derrotas. Categorizado no Boxrec<sup>65</sup> como *Professional Loser*, é admirado, respeitado e valorizado por quem o conhece. Minotauro, com 21 (vinte e uma) vitórias e 14 (quatorze) derrotas – entre as quais dez em outro país – em seu currículo, não é um *perdedor profissional*, mas ambos compartilham o mesmo cosmopolitismo selvagem onde importa menos o resultado do combate. Tudo que envolve a luta – preparação física, emocional, regimes, viagem, a experiência de uma disputa internacional e principalmente as bolsas pagas em moedas mais valorizadas que o Real – é mais importante. Assim, suas derrotas são como vitórias. Não fosse assim, provavelmente ele não se submeteria ao constante e prolongado comprometimento com o profissionalismo competitivo. Para o filósofo Lorenzo Mammì (2012, p.341), o boxe “parece conservar algo de substancial, primário. Ainda guarda uma relação com *a luta pela vida*, ainda não se tornou esporte (...). Não é simplesmente a força que está em jogo no boxe, mas as últimas forças, a força do desespero” Maurício, pugilista da equipe Boxe Tatuapé, chegou a uma conclusão semelhante, enquanto refletia, em uma roda de conversa antes do treino, sobre as artimanhas da inserção dos boxeadores profissionais em redes transnacionais de combates: “boxe profissional não é esporte”. Longe da rotina das academias, a justaposição entre as práticas profissionais e os dispositivos perverso-coloniais atuantes de mercantilização expõe algumas fissuras do boxe brasileiro.

---

<sup>64</sup> A Forja dos Campeões é tema da segunda parte do presente capítulo. Durante o evento, diversas pessoas, ao saberem de minha pesquisa sobre o boxe, diziam: “você precisa conversar com o Maurício, esse tem história para contar”.

<sup>65</sup> O *Boxrec* é um site que serve como plataforma mundial dos boxeadores profissionais, onde constam todas as informações oficiais relativas aos atletas, lutas e torneios. Veja em [www.boxrec.com](http://www.boxrec.com)

“Todos os meus amigos da juventude, ou morreram ou estão presos. Eu seguiria o mesmo caminho se não fosse pelo boxe e pelo mestre Balthazar; não estaria aqui pra contar história”, revelou Minotauro. Entre seus desejos de profissionalização, está a intenção de transformar o equipamento em projeto social e, assim, buscar recursos, tanto econômicos como sócio-midiáticos, na intenção de se monetarizar fazendo aquilo que sabe e gosta. “Gostaria de ensinar boxe somente para crianças e pessoas com deficiência”. Entre os caminhos possíveis, talvez esteja apenas iniciando seu desafio mais importante.

### **“Perder me jogando jamais!”**

*O atleta mais bem pago do mundo no último ano foi o boxeador Floyd Mayweather, que registrou US\$ 285 milhões em receita, aponta o ranking da Forbes.*<sup>66</sup>

Gigante treina com uma regularidade quase diária, e mesmo na faixa etária dos sessenta anos de idade, apresenta uma disposição, força física e habilidade invejada por outros frequentadores. “Treino boxe há mais de trinta anos e nunca me deram oportunidade”. Sempre, ao final do treino, relata a Minotauro como foi sua sequência – em quantos minutos pulou de corda, a quantidade de *rounds* que completou nos sacos de pancada – e pergunta: “tá bom por hoje né?” Mora na Baixada do Glicério e trabalha como camelô no centro da cidade, vendendo guarda-chuva e roupa. “Mas não está vendendo nada”, reclama. “Eu não moro, eu me escondo em um burquinho de rato lá na Rua dos Estudantes, um quatinho muito pequenininho, mas eu sou feliz porque tenho saúde”.

Falante e agitado, Gigante conta constantemente que vai lutar em Las Vegas, nos Estados Unidos<sup>67</sup>. Ele relata, em detalhes, a meus colegas de treino, a empreitada. Irá de avião fretado por Barack Obama. “Agradeço ao povo americano e ao Obama por essa oportunidade”. Minotauro será convidado para essa viagem. Conta a história sempre

<sup>66</sup> Miozzo, Júlia (2018). Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/carreira/salarios/noticia/7461228/boxeador-derruba-cristiano-ronaldo-assume-posto-atleta-mais-bem-pago> Acesso em 12/08/18.

<sup>67</sup> Las Vegas é algo como o templo midiático, econômico e luxuoso do boxe profissional.

que um novato puxa conversa com ele. Certa vez, quando me viu com uma câmera tirando fotos durante uma sessão de treino, perguntou se eu queria fazer uma entrevista com ele. Concordei, e pouco depois começamos. “Sou um homem realizado” foi uma de suas primeiras afirmações. E continuou, justapondo sua biografia e sua trajetória como boxeador com as narrativas fantásticas sobre sua futura luta. “Quando eu era jovem, o boxe era diferente, o sangue corria no ringue, tinha muito cara bravo”, comparou com o boxe contemporâneo. “Com toda miséria, toda desgraça, toda necessidade que eu passo, eu te digo uma coisa, mesmo assim eu vou honrar o povo americano, o SBT e a CNN. Sabe por que? Porque eu não sou covarde” Ninguém o chamava de doido ou algo parecido. Ninguém ri ou debocha enquanto ele está narrando. Não sofre condenações nem proibições de expor sua narrativa fantástica aos membros da equipe. Foi Kath Woodward, que fez uma etnografia em uma academia de boxe no norte da Inglaterra, quem observou como muitos boxeadores “procuram criar suas próprias lendas através de fantasias de triunfo em ressonância com a mitologia tradicional” (Woodward, 2004, p.13). Na academia-território do Boxe Tatuapé, seu delírio é permitido ou, mais que isso, acolhido. Por outro lado, expressamente proibido para fora do exclusivo cotidiano boxeador, como veremos.

“Muito boxeador que não teve oportunidade virou bandido, mas eu nunca fiz besteira, não nasci para ser ladrão igual a esses políticos safados”. Disse que recebe ajuda de dois comerciantes da Praça da Sé, senão “estaria passando fome”. “Mesmo assim, eu nunca me venderia. Podem oferecer mil, dez mil, para eu perder uma luta que eu não aceito, mesmo mendigando. Perder me jogando jamais, nunca, deus me livre”. Perguntei por que ele fala tanto sobre o povo americano. Sagaz, respondeu rapidamente: “porque eles não escolhem se você é branco, se é preto, se é ruivo, se é bonito ou feio, se sabe falar inglês ou não, eles querem saber se você é aquilo que está procurando, não interessa de onde você é”. Concluiu dizendo que já foi expulso de duas academias e que “no boxe só tem traidor. Mesmo assim, onde mais eu poderia me expressar se não fosse no ringue?”

Gigante delira com o boxe e eu deliro sobre o delírio dele. Gosto de pensar sua *loucura* não como uma prática que se opõe à razão. Ou seja, proponho pensar seu delírio longe de uma dicotomização com a normalidade. Revela, creio, algo profundamente pertinente ao cotidiano do boxeador comprometido. Desejo íntimo e compartilhado de ascensão e monetarização com o boxe. Isso porque o desenvolvimento

do boxe, no Brasil, enquanto prática esportiva, dificilmente se estabiliza em sua forma profissional e autônoma, salvo raras exceções, como dito no início desse capítulo. Seu delírio, ao invés de comprometer o grupo, alerta para as contradições da prática pugilística. Ou seja, o argumento aqui, seguindo a utopia de Gigante, é que o lado fantástico do boxe – cinematográfico, midiático e milionário – se manifesta em maneiras particulares de desejar que fazem parte do cotidiano das academias. Para Woodward (2008), “a narrativa tradicional do esporte como rota de fuga do gueto ou do lado errado da cidade através da autoestima e até mesmo conquista de grande riqueza permanece fundamental para o boxe”. Penso a utopia de Baixinho talvez como integrante de um inconsciente coletivo profundamente arraigado nos corpos boxeadores. Minotauro, sempre que alguém pergunta sobre como ganhar dinheiro dentro do pugilismo, é categórico: “quer ganhar dinheiro lutando boxe precisa ir pro Estados Unidos”. Para além de ser uma quimera individual, a utopia de Gigante é coletiva, compartilhada e desejada. “Ninguém é doido. Ou, então, todos” (Guimarães Rosa, p.81, 2005).

### **“Vou pra cima dela sem dó”**

*“É algo normal na Rússia, não há discriminação contra mulheres boxeadoras”<sup>68</sup>*

Uma das poucas mulheres comprometidas com o boxe a frequentar e integrar a equipe do Boxe Tatuapé é Aline. Treinando com Minotauro há alguns anos, passou a competir profissionalmente a partir de 2014, carreira que durou pouco mais de dois anos e meio. Atualmente, está “pensando em voltar” para o ringue. Para isso, tem frequentado rotineiramente a academia, tarefa que divide com a profissão de tatuadora. “Aqui é difícil achar mulher para treinar, para marcar luta”, reclamou. Como atleta profissional, realizou treze lutas, sendo seis fora do Brasil, na Alemanha, França e

---

<sup>68</sup> Elena Savelyeva, boxeadora russa, na primeira luta feminina de boxe das Olimpíadas modernas, Londres, 2012. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/primeira-luta-de-boxe-feminino-nas-olimpiadas-e-ovacionada-em-londres.html> Acesso em 21/03/18.

Argentina. Poucas vezes conversamos. Parecendo mais tolerar as relações afetivas masculinizadas que circulam entre a equipe do que realmente desejar aquele ambiente, Aline conversa pouco e, quando muito, apenas com Minotauro. Geralmente treina usando fone de ouvido, o que a afasta ainda mais dos contatos auditivos. Sendo a única mulher a integrar a equipe “de cima”, segue à risca o treinamento, inclusive fazendo *sparring* com os praticantes homens, todos os outros. Isso porque não há separação entre homens e mulheres na pedagogia praticada na academia. Seja Aline, seja outra praticante, todas estão sujeitas as mesmas regras, esforços, sacrifícios e rotinas exigidas na preparação do corpo boxeador.

Em uma das poucas conversas que tivemos, Aline disse que decidiu praticar boxe após ter apanhado de um namorado, que era boxeador. “Comecei a treinar não para me vingar dele, mas para ser campeã, coisa que ele sempre tentou e nunca conseguiu”. Em cinco de suas lutas internacionais, algum título esteve em jogo. Não saiu vitoriosa de nenhuma destas disputas. Sua trajetória, contudo, impõe respeito e admiração, entre os frequentadores, no cotidiano da academia. E inquietação. São poucos os praticantes que se colocam a disposição para realizar *sparring* com ela. Isso porque, como observou Wacquant, durante o *sparring* “todo boxeador põe em jogo um parte de seu capital simbólico: a menor das falhas, como um *knock-down* ou um desempenho medíocre, provoca um embaraço imediato, para ele mesmo e para seus companheiros de academia (Wacquant, 2002 ,p.99). E, dessa maneira, apanhar de uma mulher significaria um enorme constrangimento para o oponente, como disse Ronaldo: “ela é boa e rápida, e se me acertar, vou pra cima dela sem dó”. É o que aconteceu com Cléber, a jovem estrela da equipe, durante um treino. Desafiado por Aline, aceitou o duelo e, sob os olhos atentos de todos os presentes, boxeou com vigor e agressividade, comportamento compartilhado pela boxeadora. Para Benita Heiskanen, “a presença de mulheres no boxe tem permitido a discussão sobre a formação de gênero em esportes específicos, questionando noções essencializadas de que força física, agressividade e resistência são monopólios masculinos” (Heiskanen, 2012, p.11, tradução minha). O combate tornou-se em uma verdadeira batalha pessoal para ambos, tendo que ser interrompido por Minotauro após Aline começar a sangrar demasiadamente, consequência de um corte na testa. Habituada a praticar com o próprio Minotauro, desceu do ringue eufórica e confiante, para espanto e admiração de todos. Dessa maneira, aquele que se sujeita a realizar *sparring* com Aline se vê motivado a

desempenhar sua melhor *performance*, atuando com brutalidade, ou, no mínimo, força excessiva, alterando a própria lógica do *sparring* entre homens, que é o princípio de reciprocidade e atenuação da violência no ringue. “É a tensão e a inter-relação entre o belo e o grotesco, com os excessos de violência do boxe, que assombram os boxeadores na prática de sua arte” (Woodward, 2004, p.15, tradução minha).

A prática do boxe entre mulheres existe “desde ao menos os séculos XVIII e XIX. Contudo, a escrita da história do boxe tem ignorado ou negligenciado as mulheres negras que participaram na cultura da machucadura” (Ingen, 2016, p.20). Diversas pesquisas contemporâneas buscam acompanhar a formação do Boxe Feminino, principalmente após as Olimpíadas de 2012, realizadas em Londres, quando os combates femininos foram incluídos na modalidade (Tjonndal, 2016; Capraro, Silva, Cavichioli, 2015; Cardoso, Sampaio, Santos, 2015). A etnografia de Pedro Pio de Oliveira Filho (2011, p.212), que busca discutir como as mulheres lidam com o feminino em uma prática, a princípio, masculina, é otimista e indicativa.

A academia de boxe é o espaço do extravaso e onde essas mulheres podem exercer de fato todo o seu estilo de feminilidade. É no socar o saco, nos exercícios em sala de aula, no aprendizado dos movimentos e princípios do boxe que se revela a construção deste gênero; é no descarregar dessa energia, remoída pela dominação de seus algozes (companheiros, maridos, filhos, família e chefe) que essas mulheres exercem esse modelo de libertação. É nesse espaço em que elas desafiam os colegas do sexo masculino e onde também se preparam ou se descobrem capazes de se posicionarem e encarar a violência simbólica na relação entre os algozes.

Longe de estarem isolados do mundo, os boxeadores também vivem as consequências das atuais instabilidades das classificações de gênero – e atuações políticas em torno dessa questão. O boxe, entre os homens, auxilia na construção do corpo através de uma versão particular de masculinidade, amparada em múltiplos e contraditórios elementos, como a dor, a coragem e a força. Como observou Woodward (2004, p.7), “existe um *status* hegemônico concedido à masculinidade heterossexual e a subordinação de outras masculinidades, especialmente aquelas construídas como fracas ou temerárias e sem coragem”. Ou seja, os boxeadores buscam performar uma identidade masculina que, mesmo demonstrando vulnerabilidades e ambivalências, não

envolva elementos reconhecidos como femininos. Masculinidades contrastantes são discutidas cotidianamente entre os membros da equipe, através de piadas, comentários sexualizados e demonstrações de comportamentos viris<sup>69</sup>. Aline questiona, por sua simples presença na equipe, o boxe como parâmetro para uma masculinidade tradicional. Não há um boxe feminino na academia do Tatuapé, mas sim uma mulher, única, que desafia e desestabiliza as masculinidades presentes. Por um lado, ninguém questiona a participação de mulheres, tanto na academia, como no boxe, de forma geral. Não há práticas paternalistas ou protecionistas, desde que a boxeadora se sujeite aos treinamentos coletivos. Por outro lado, elegendo o Outro feminino como figura antagônica e indesejável, se engajam produção de uma diferença mais polarizada entre mulheres e homens.

### **Ruínas do progresso**

Saímos da academia para treinar no campo de futebol do CERET. Uma pista de corrida contorna o gramado irregular, sendo utilizada por equipes amadoras e outras poucas pessoas que percorrem seu comprimento. Dentro do campo, apenas um homem jogando bola com duas crianças. Outrora fora um estádio de competições, denuncia sua estrutura em ruínas: uma arquibancada ocupa o lado de entrada do campo, tendo ao centro uma sala de imprensa com suas vidraças despedaçadas. Dez voltas subindo e descendo as escadas da arquibancada e cinco voltas no campo. Ao final, na beira da pista, próximos ao gramado, Maurício observa um grande número de pombas que fazem sua revoada em direção à sala e diz algo como: “que desperdício esse equipamento todo deteriorado, servindo de moradia para pombas. Poderíamos ter competições entre bairros, escolares, coisa que movimentasse o estádio, mas não, ninguém liga pros esportes amadores nessa cidade”. Ronaldo, próximo dos cinquenta anos de idade, relembra: “quando eu era criança, isso funcionava, havia competição de atletismo, futebol de várzea”. Observando o contraste do equipamento com os luxuosos prédios que moldavam uma paisagem de fundo, Marcelo indagou: “a ideia é justamente essa, deixar a estrutura se deteriorar até o ponto de se tornar insegura, depois derrubar e

---

<sup>69</sup> Eu mesmo fui interrogado, direta ou indiretamente, sobre minha masculinidade, visto usar cabelo cumprido, ou por não me engajar em piadas ou comentários com teores sexistas.

vender o terreno para as empreiteiras construírem mais prédios de luxo”. Rompendo um curto silêncio, Maurício responde: “você matou a charada, é exatamente isso”. A “charada” despertou uma conversa sobre *política* assim que chegamos de volta a academia. A avaliação negativa do atual prefeito João Dória foi unanimidade. “Ele é pior que o Haddad”, comentou Minotauro. Ascendemos rapidamente às preferências presidenciais. A polarização entre Lula e Bolsonaro dominou o tom da conversa. Minotauro justificou sua propensão pelo candidato ultra-conservador: vou votar no Bolsonaro pra fuder tudo de vez, aí quem sabe muda alguma coisa”. “Se o Lula conseguir se candidatar, voto nesse ladrão”, ironizou Ronaldo. Declarei meu desprezo pelo candidato fascista, apontando como argumentos seu despreparo e estupidez. Não houve consenso e o assunto se encerrou com o argumento, sensato, mais uma vez, de Marcelo: “não voto em ninguém há uns dez anos, vou justificar novamente. Independentemente de quem ganhar, as coisas só vão mudar se a gente se esforçar”. Todos de volta ao esforço pugilístico.

Foi apenas em 2016 que a equipe do Boxe Tatuapé instalou-se no CERET. Fundada em 1974 pelo Mestre Balthazar<sup>70</sup>, ocupava anteriormente uma sala, também em um equipamento municipal, localizada em um terreno de múltiplo uso ao lado do Metrô Carrão, na avenida Radial Leste. Foi com o Mestre Balthazar que Minotauro aprendeu a boxear e se tornou lutador profissional. “Ele foi um pai pra mim, um pai que eu não tive. Sempre que eu luto quero vencer por ele”, revelou. Planejando outro uso para o espaço, a Prefeitura de São Paulo solicitou a transferência da equipe para o atual endereço, que passou a dividir a cumprida sala com aulas de Tai Chi Chuan – que acontecem regularmente pela manhã. A cessão do espaço à equipe do Boxe Tatuapé, renovada anualmente, é motivo de preocupação constante por parte de Minotauro, que conta com o auxílio de Maurício para dialogar com a direção do Parque. É este quem participa das reuniões mensais, assim como das negociações que envolvem o uso da sala ou outros assuntos referentes à equipe. Maurício disse que, durante as reuniões gerais, sempre é tratado com certa hostilidade por parte dos administradores do CERET, assim como por alguns representantes de outras práticas existentes no parque. Expos

---

<sup>70</sup> Erotildes Ferreira do Carmo, o mestre Balthazar, é uma grande referência para o boxe em São Paulo. Professor de boxe desde os anos setenta, o ex-boxeador faleceu em 2009.

para mim os argumentos que utiliza para convencer seus interlocutores, sobre a importância do boxe enquanto prática sócio-esportiva inserida no equipamento:

Eu digo nas reuniões como o boxe é um esporte completo para o corpo, além de acessível a qualquer pessoa que queira praticar, homem, mulher, velho ou criança; sempre convido os presentes para conhecerem, falo sobre a formação de atletas amadores e profissionais que realizamos e, principalmente, como a academia acolhe senhores, de diversas regiões da zona leste da cidade, que não seriam bem-vindos em outros esportes (Caderno de campo, 13 de setembro de 2017).

Contudo, tanto Mauricio como Minotauro sabem que a performatividade dos boxeadores afasta-se de um padrão estético-corporal-esportivo pretendido pela classe média branca que frequenta o CERET e cerca a academia. Por isso, ambos cobram, em conversas, assim como através de exemplos de conduta, alguma *moralidade* dos boxeadores quando em outros usos do equipamento. Gigante, certa vez, foi flagrado por Maurício expondo suas *aventuras* a transeuntes enquanto treinava na área externa do parque. Este revelou, durante um treino: “Gigante está queimando nosso filme, alguém precisa falar com ele”.

Por outro lado, nenhum frequentador da equipe Boxe Tatuapé mora no próprio barro ou seu entorno, ou seja, nenhum morador do bairro pratica boxe no equipamento, por mais que seja gratuito, acessível e diário, com amplo período de funcionamento. Com exceção do próprio Maurício. Rapaz branco de fenótipo caucasiano, divide seu compromisso no boxe com a carreira de modelo de publicidade – o que gera diversas gozações por parte da equipe – e um pequeno negócio familiar de marcenaria. Porém, faz questão de complexificar a geografia do bairro, marcando uma diferença através da afirmação “aqui é Tatuapé de baixo!” sempre que alguém comenta sobre o bairro *privilegiado* onde mora. A maioria dos outros frequentadores habita distintas regiões, principalmente na zona leste da cidade, mas não só. Rogério, taxista, mora no Capão Redondo. Beto vem todos os dias de Arthur Alvim, o que leva cerca de uma hora, contando dois meios de transporte, metrô e ônibus. Vinícius mora no Pari, na zona norte, assim como Aline, que mora na Vila Maria e atravessa seis quilômetros de sua casa à academia, de bicicleta.

O argumento que pretendo discutir aqui é como, por mais que nem todos os frequentadores sejam negros, se considerem negros ou se reconheçam como pessoas negras, o boxe é um território continuamente racializado. Assim, parece que o corpo boxeador, acoplando sentidos, históricos e representações marginalizadas, encarna um não-desejado racializado e disruptivo. Talvez por isso, os usos do espaço externo são sempre monitorados a partir de uma moralidade performatizada do “bom atleta”. Existindo “entre diagnósticos essencializantes e prescrições de como devemos ser” (Restier, 2017) os boxeadores da equipe Tatuapé criam, enquanto forma de resistência incorporada, um território de pertencimento e afeto cercados por diversos níveis de hostilidade, curiosidade e antipatia. Parecem extrapolar o sentido puramente pragmático da prática do boxe através do fortalecimento de laços de amizade e companheirismo, mesmo que carregado de tensões, contradições, conflitos pessoais e reproduções de normas ambíguas. Assim, o boxe, justapondo danos físicos através do contato corporal com a construção de si, é, em certo sentido, um lugar seguro. E se a academia representa um território-ilha no contexto do gueto norte-americano, como pensava Sugden (1996) ou Wacquant (2002), ou seja, se o *gym* que o sociólogo francês frequentou era, para ele, uma “ilha de ordem e de virtude em meio às duras realidades do gueto” (Wacquant, 2002, p.35), a equipe do Tatuapé é uma ilha de *marginalidade*<sup>71</sup> dentro de um bairro nobre. Um território disruptivo que coloca em evidência estruturas de classe, raça e gênero atuantes.

---

<sup>71</sup> Trato o termo *marginalidade* aqui em seu duplo aspecto, assim como o conceito de *quebrada*. Ou seja, traz a conotação de perigo, distância, carência, mas também aponta para uma forma de conotação positiva, revelando seu aspecto de pertencimento, valorização do estilo de vida, superação, coragem.

## Capítulo 2.2 – O ritual de iniciação do corpo boxeador

*“A vida é roubo e o ser é devoração” (Viveiros de Castro).*

A Forja dos Campeões é o maior torneio de boxe amador realizado no Brasil e acontece anualmente desde 1941, sempre no Estado de São Paulo, sendo organizado pela FPB (Federação Paulista de Boxe). Os atletas mais conhecidos do boxe brasileiro passaram pelo campeonato, como Eder Jofre, em 1953, Servilio de Oliveira, em 1966, Miguel de Oliveira, em 1975, Maguila, em 1980, Acelino Popó em 1996 e mais recentemente, o medalhista olímpico Esquiva Falcão, em 2006. Entre fevereiro e março de 2018, com dois encontros por semana, às segundas e quintas, a competição aconteceu no Clube Pinheiros, tradicional sede da elite paulistana – contrastando com a sede do ano passado, quando foi realizada em um ginásio no bairro dos Pimentas, em Guarulhos, “quebrada da quebrada”, como ouvi de um treinador entusiasmado com a nova residência. O ringue, assim como toda a estrutura necessária, foi montado no salão nobre de festas do clube. Uma discreta faixa anunciando o evento foi pendurada do lado de fora do clube, ao lado da entrada por onde chegavam os atletas. Um carro de polícia ocupava a esquina em todos os dias, bem em frente à entrada do salão onde foi montado o ringue. Durante pouco mais de um mês, centenas de jovens entre quatorze e trinta e cinco anos (os limites de idade estabelecidos pela organização), oriundos de equipes das mais distintas localidades, tanto da cidade de São Paulo, como da área metropolitana e até mesmo de cidades do interior, se encontraram para o primeiro ritual público, dramatizado e espetacular que representa a estreia na prestigiosa competição.

### **O choro de Cléber**

Acompanhei a estreia da jovem estrela do Boxe Tatuapé, Cléber, com 22 anos, no dia 01 de março de 2018. Cheguei cedo, junto de Minotauro e Cléber, para acompanhar os procedimentos que antecedem os combates: pesagens, avaliações

médicas, aquecimentos dos atletas. Pontualmente as 16hrs, iniciou-se uma fila de garotos em frente a uma pequena sala, onde estava montado todo o aparato de verificação, médica e burocrática, dos competidores: uma balança, dois juízes que coordenavam a pesagem, dois médicos que se revezavam na avaliação das condições fisiológicas dos participantes e Newton Campos, presidente vitalício da FPB desde 1969, um senhor falante e agitado com 92 anos de idade, com a lista dos novatos<sup>72</sup>. Os boxeadores são classificados de acordo com o peso, divididos em dez categorias, que representam todas as categorias olímpicas, começando com atletas de 49 quilos e terminando com lutadores acima de 91 quilos. Diferentemente do boxe profissional, a pesagem dos atletas ocorre no mesmo dia do combate. Aquele que ultrapassar o peso máximo estabelecido para a categoria em que foi inscrito está automaticamente desclassificado. Um a um, os garotos entravam na sala, retiravam a roupa – ficavam vestidos apenas de sunga, ou cueca – e pesavam, passando pela avaliação do médico em seguida. Um cheiro de suor e chulé rapidamente tomou conta da sala. Dois garotos não bateram o peso e colocaram-se a pular corda do lado de fora da sala, vestidos com pesadas roupas de frio, buscando perder as poucas gramas de sobrepeso para solicitarem uma nova reavaliação. Mais tarde fico sabendo que apenas um deles conseguiu cumprir a marca. Dentro da sala, o funcionamento é rígido, quase militarizado. Os garotos obedecem às ordens sem pestanejar. “Tire a roupa!”, “vire de frente!”, “dirija-se ao médico!”. Cleber pesou-se, 59 quilos, um a menos que o limite de sua categoria. Foi aconselhado a raspar a barba rala que cobria sua face, sob o risco de ser desclassificado na hora da luta. Uma semana antes, estava com 64 quilos. Entrou, então, em *estado de reclusão*, o que envolveu dietas restritas e esforços constantes para reduzir o consumo de alimentos e líquidos antes de uma pesagem. Minotauro, já experiente em perder peso no período que antecede a luta, aconselhava-o constantemente. “No amador é sofrimento sem ganhar dinheiro”, disse jocosamente. Certa vez contou seu processo para perder peso antes de uma luta na Austrália:

Como não conhecia ninguém e não falo inglês, ficava dentro do Hotel a maior parte do tempo, saindo só para correr ou praticar sombra, cerca de duas vezes por dia. De manhã comia uma laranja e dois ovos, no almoço era filé de frango com salada e só. Nem pense em arroz e feijão nesses dias, ordenou ao estreante.

---

<sup>72</sup> Podem participar da Forja dos Campeões apenas atletas estreantes, que nunca lutaram em outros torneios ou competições oficiais.

Disse a Cléber que está era apenas a primeira luta. “Não sei se quero continuar, ficar passando fome durante um mês, acho que não aguento”, respondeu.

O estado de reclusão referente ao período da perda de peso é uma fase traumática e importante na fabricação do corpo boxeador. Ou seja, se existe, entre os boxeadores, uma temporalidade que estabeleça o início de alguma forma de ritual de passagem, esta é o período da perda de peso que antecede uma competição, quer seja oficial, quer não. “Tudo o que eu como agora parece mais gostoso. Comi uma goiaba ontem, parecia uma goiabada. Uma barra de cereais parecia uma barra de chocolate”, contou Cleber dois dias antes da estreia. Entre as populações ameríndias, nos ensinam os etnólogos, “a ideia de que o corpo só ganha existência mediante um processo de fabricação cultural pode ser verificada nos diferentes momentos de passagem (comumente ritualizados) em que o indivíduo é submetido a um estado de reclusão” (Sztutman, 1999, p.101). No bairro mais branco<sup>73</sup> e elitizado da cidade de São Paulo, o jovem motoboy Cleber testaria os limites de seu novo corpo, fabricado através da rotina de treinos e técnicas de auto-regulação, preparado para enfrentar um adversário que, provavelmente, se submeteu às mesmas exigências que ele.

Logo após a pesagem, Cleber pôs-se a comer, duas horas antes de sua luta. Uma marmitta feita pela sua mãe contendo macarrão alho-e-óleo, acompanhada por três garrafas de *Gatorade* e uma barra de chocolate como sobremesa. “Michel, tira foto pra registrar esse momento, nem estou acreditando que estou comendo!”, comemorou, sorridente. Aos poucos foram chegando os outros membros da equipe. Ronaldo, Maurício, Linguíça e Kiko, todos com a camiseta da Boxe Tatuapé. Entre nós, Cléber era favorito, não restava dúvida. Minutos antes do início da competição, visivelmente nervoso, começou o ritual de aquecimento, movimentando-se, socando o ar, gesticulando e esquivando, acompanhado por Minotauro. Aprender a ter medo é, também, uma técnica corporal praticada no cotidiano da academia<sup>74</sup>. É nesse momento que o treinador assume provisoriamente o papel de *xamã*, fornecendo uma linguagem que favoreça a incorporação de atributos vantajosos ao pupilo, como convicção, força e coragem. Acompanhamento de perto, uma cena emocionante, calorosa e afetuosa. “Lembre-se de cada gota de sangue, cada *sparring* que você fez e de todos os sacrifícios que

---

<sup>73</sup> Pinheiros é o bairro com a menor concentração de população negra da cidade de São Paulo. Fonte: <http://www.saopaulodiverso.org.br/estatisticas/#/layout/home>

<sup>74</sup> Tema que será discutido no Capítulo 3.2.

precisou para subir nesse ringue”, repetia Minotauro. “Mas o que queremos destacar agora é a confiança, o *momentum* psicológico capaz de associar-se a um ato que é antes de tudo uma proeza de resistência biológica, obtida graças a palavras e a um objeto mágico” (Mauss, 2003, p.406). Já em Mauss temos a importância sociológica dos atos mágicos para a eficácia das técnicas corporais, exemplificada através dos rituais australianos de caça, os quais envolvem exaustivas corridas e escaladas em árvores, associadas a cantos e objetos especiais. “Ato técnico, ato físico, ato mágico-religioso confundem-se para o agente” (Idem, p.407). Temos aqui os três elementos imprescindíveis para a eficácia do boxeador: o conjunto de técnicas gestuais, sensoriais e motoras, desenvolvidas e apreendidas no cotidiano da academia; a representação, ou performatividade cerimonial, mimética e padronizada que envolve a apresentação pública no ringue; e a crença em si, memorizada, lembrada e incentivada pelo treinador.

Ocupando o centro do salão de festas do Clube, o ringue chamava atenção pela exuberância. Em volta do tablado, seus quatro lados são ocupados por dezenas de cadeiras, dispostas ordenadamente para o público. Os combates são divididos em três *rounds* de dois minutos cada, intervalados por um minuto de descanso. “Sempre adiantados, nunca atrasados, esse é o nosso lema”, pronunciou o locutor, o próprio Newton Campos. Pontualmente as 18hrs, foram chamados os dois primeiros oponentes da noite, da categoria até 49 quilos. Dois juvenzinhos franzinos e pequeninos com semblantes carregados de medo e confiança ao mesmo tempo. O combate foi pavoroso, uma verdadeira pancadaria com os dois boxeadores se socando mutuamente o mais rápido que conseguiam, sem a mínima preocupação com a guarda, esquiva, bloqueio, rotação, técnicas exaustivamente treinadas e repetidas no cotidiano da academia, provavelmente também por eles, mesmo com as poucas idades. Não fosse o juiz e todo o aparato institucional, poderíamos dizer que o combate era inteiramente desprovido de regras. O público, que começava a chegar e a ocupar as cadeiras, se inflamou com os dois garotos, que, com o alvoroço, pareciam não escutar os gritos e conselhos de seus respectivos treinadores. No intervalo do segundo para o terceiro *round*, a luta teve que ser interrompida devido ao sangramento excessivo do nariz de um dos garotos, para desgosto e protesto de seu treinador. Algo muito semelhante ao “vale-tudo encarniçado entre dois molequinhos que ficam parecendo ter cabeças grandes demais para o corpo por causa dos capacetes” descrito por irônico romancista norteamericano David Foster

Wallace (2009, p.71) ao acompanhar um torneio de boxe, em Illinois, entre garotos de 10 anos. Em Norbert Elias e Eric Dunning, temos o boxe como uma das práticas sócio-esportivas paradigmáticas para a construção do modelo de processo civilizatório proposto pelos autores. Em *A Busca da Excitação* (1992), é conhecido o argumento de que a modernização resulta em uma progressiva retirada da violência da vida cotidiana concomitantemente à sua crescente monopolização pelo Estado. Comparando o boxe da Grécia antiga com o boxe moderno, forma “amadurecida do jogo” (Idem, p.231) estabelecido e difundido a partir da Inglaterra ao final do século XIX, os autores argumentam que o boxe deixaria de ser uma “preparação para a guerra como para os concursos de jogos” (Idem, p.203) para se tornar “um combate mimético controlado e não violento” (Idem, p.83), permitindo “às pessoas a experiência da excitação total de uma luta sem os seus perigos e riscos” (Idem, p.81). Para Sugden (1996, p.176, tradução minha), pelo contrário,

nada sugere que o mítico combate entre Dares e Entelo, descrito em Eneida por Virgílio, no século 70 a.C, fosse mais ou menos violento que os combates entre Dutch Sam e Jem Belcher em 1807, James Corbett e Yankee Sullivam em 1892, George Foreman e Muhammad Ali em 1974, ou Nigel Benn e Gerald McClellan em 1995.

Guardada as devidas proporções, acrescentaria a essa lista o combate entre os dois novatos da categoria até 49 quilos. A *selvageria* da primeira luta da noite na Forja dos Campeões não poderia ser explicada facilmente através do horizonte evolucionário do processo civilizatório de Elias e Dunning.

Próximo das 19hrs, o locutor anuncia a próxima luta: Cléber Nunes contra Gabriel Jesus. É chegada a hora. Minotauro lambuza sua face com vaselina<sup>75</sup> e ajeita o capacete de proteção em sua cabeça. Cléber engendra um aspecto agressivo em sua feição assustada e sobe ao ringue. Dado o início, ele começa mal, mais lento e previsível que o adversário. Seu oponente, um garoto magrinho que aparenta ser bem mais jovem, demonstra uma habilidade maior, se movimenta com agilidade e começa a ganhar confiança com o passar do tempo. Sem conseguir aplicar boas sequencias de golpes,

---

<sup>75</sup> Passar vaselina no rosto é uma técnica comumente utilizada nos esportes de combate, para que a luva do oponente deslize com mais facilidade, diminuindo o impacto e, consecutivamente, o trauma do golpe recebido.

Cléber provavelmente perdeu o primeiro *round*. Melhora no segundo, após os conselhos dados por Minotauro no intervalo. Como observou Wacquant (2002, p.245), “as instruções dadas pelo treinador, durante um combate, são sempre simples e repetitivas ao extremo. Elas invariavelmente consistem em lembrar os fundamentos (manter a guarda alta, avançar depois do direto, bater em séries etc.)”. No terceiro e último *round*, Cleber tenta aplicar suas últimas forças no intuito de nocautear o oponente, mas acaba recebendo um golpe certo em seu nariz, que começa a sangrar. A luta é interrompida para avaliação do médico, o mesmo da sala de pesagem, que aplica pedaços de algodão em suas narinas repetidas vezes, observando de baixo para cima entre cada aplicação, procedimento que dura pouco menos de um minuto. Sangramento estancado e, na volta ao combate, dois golpes fortes e certos entram em Cléber, que anda para trás cambaleando, tonto. Fim da luta, para delírio do apresentador e da plateia. O primeiro nocaute da noite foi aplicado em Cléber. Amparado por Minotauro, senta-se no canto do ringue e, surpreendentemente, começa a chorar. Compulsivamente. Não há consolo que o faça parar. Membros mais experientes da equipe se aproximam para ampará-lo e aconselhá-lo. “Dois sobem, um tem que ganhar, não há vergonha nisso”. “Levanta a cabeça, você foi valente”. “Você lutou bem, foi a melhor luta da noite”. Aos poucos, foi se recuperando do quase estado de transe. “A posse quase divina do organismo pelo pânico se aproxima da possessão diabólica” (Serres, 2004, p.18). O choro de Cléber é o clímax do ritual de iniciação do corpo boxeador. Marcado no medo extremo, na substância do sangue e das lágrimas, no transe do combate, na coragem de prosseguir, enfim, no corpo indiviso. “Não há mudança corporal que não reflita uma transformação moral, a aquisição de um novo ponto de vista sobre o mundo” (Sztutman, 1999, p.106). Cleber é agora um boxeador experiente.

### **“Adrenalina na ponta do punho”**

Continuei a visitar o Clube Pinheiros em todos os outros dias em que aconteceu a Forja, até a final, que foi realizada no dia 22 de março. Através da rede social *Facebook*, a organização do evento prometeu uma “melhora técnica das lutas” para as próximas rodadas, visto ser, os classificados, atletas mais habilidosos e preparados

tecnicamente. A organização do torneio é simples. Todo combate é eliminatório. Assim, o atleta que perder sua luta de estreia está desclassificado e não terá outra chance de demonstrar suas habilidades. Esse fato, obviamente, acaba colocando uma pressão ainda maior sobre os já pressionados jovens estreantes. Alguns novatos chegam tão nervosos que, durante o exame médico, apresentam alguns sintomas diagnosticados como inadequados, como a diminuição da pressão arterial, sendo impedidos pelo médico responsável de prosseguir no torneio. Wendel foi um desses casos. Há dias em um regime alimentar para perder peso e alcançar a categoria pretendida, foi barrado no exame por apresentar pressão baixa, sendo orientado a beber água, comer alguma coisa, descansar e voltar para uma reavaliação. Uma hora depois, ainda muito nervoso, voltou para o reexame e, com a pressão controlada, ganhou autorização para lutar. “Acho que foi o nervosismo”, argumentou com o médico. Antes da luta, enquanto aquecia, foi orientado por seu treinador, que percebia seu desconforto: “você precisar colocar a adrenalina na ponta do punho e não na cabeça”. Uma hora adiante, Wendel estreou. Foi derrotado, em uma luta disputada, contra um oponente tecnicamente superior. Com um enorme hematoma abaixo do olho direito, saiu calmo e tranquilo do ringue, amparado pelo treinador e por dois amigos. Acompanhei-os até o banheiro. “Foi por pouco, se você tivesse dado sequência no finalzinho, derrubava ele”, dizia o amigo. “Estava há um mês e meio sem fazer *sparring*, fez diferença”, justificou Wendel. “Faz parte, foi apenas sua estreia”, completou o treinador. Apoiando um cubo de gelo sob o machucado, Wendel sorriu para mim e perguntou: “e você, o que achou?”. Respondi que ele havia se saído muito bem. “O duro vai ser trabalhar amanhã com esse olho roxo”, replicou, machucado e feliz, embora derrotado. Isso porque participar da Forja, independente do resultado, é de grande prestígio para os aspirantes a boxeadores. Mesmo jovens novatos que, por algum motivo, não participarão do torneio, aproveitam para experimentar a rotina da competição: tiram fotos, simulam *sparrings* com colegas, passeiam pelo clube, escutam histórias, observam aquecimentos, preparações e acabam formando a maior parte da plateia – junto com familiares, poucos frequentadores do clube e alguns fãs de boxe – torcendo pelos atletas companheiros de equipe.

A multiplicidade de vozes atuantes no momento do combate é um dos elementos fundamentais no mundo das competições de boxe. Vitor Andrade de Melo e Alexandre Vaz (2006, p.142) ressaltam a importância dos eventos pugilísticos para a formação do teatro dialético de Bertolt Brecht:

Para ele, o papel dos espectadores de teatro deveria ser diferente ao do concebido na tragédia clássica, envolto em alguma contemplação e abandono. Ao contrário, sua postura deveria ser similar a daqueles que comparecem aos eventos esportivos: ativo e influente no desenrolar das ações do palco. Brecht toma como modelo nada menos que o público do boxe, esporte pelo qual nutria a fascinação dos revolucionários que acreditam no voluntarismo como mola mestra da transformação social.

“Existe o jeito certo de gritar, que é quando entra um golpe, por mais que este não seja efetivo, para ajudar a impressionar os juízes”, ensinou-me Maurício. Gritos de apoio e incentivo, vaias, berros, coros organizados fugazmente, vibrações, xingos e sussurros vindos da plateia formam um camada ruidosa e empolgante. “No teu primeiro combate, você tem dois adversários: o cara que está na tua frente e o público” (Ashante, em Wacquant, 2002, p.279). Gritos de “porrada” e “vai pra cima” invadem o ambiente. A plateia luta junto, gesticula, agacha, anda ansiosa, soca o ar. Não sagram, mas soam juntos. Olhos esbugalhados acompanham os combates, gritos desesperados buscam auxiliar os atletas. Não há público neutro. Todos acabam escolhendo por quem torcer a cada combate que se inicia, mesmo que não conheçam nenhum dos dois oponentes. Apenas em um momento, durante todos os dias de competição, observei o público majoritariamente torcendo por um dos atletas: tratava-se do oponente do único boxeador representante do Clube Pinheiros. “Mauricinho vai morrer” e outros gritos similares ecoavam no salão nobre do clube. O combate, válido pela categoria dos peso-pesados, acima de 91kg, anunciado como “a luta da noite”, não passou do segundo *round*. Talvez motivado pelo apoio maciço que recebia, o boxeador musculoso, de feição raivosa e enfurecida, nocauteou o prata da casa, para delírio ensurdecedor do público.

Em quase todos os dias, um grupo de senhores sentava-se nas primeiras filas e pareciam se divertir, dando conselhos aos novatos nos intervalos do combate, comentando as lutas entre si, apostando em quem venceria. Quando Mammì (2012, p.345) diz que “o boxe é um esporte para homens velhos”, talvez não esteja se referindo apenas aos atletas experientes, mas, principalmente, aos organizadores, treinadores, *managers* e à plateia de forma geral. A triste cena das *ring girls*, apelo anacrônico que sobrevive enquanto forma objetificadora de relação de gênero, recebe o aplauso mais dos senhores que dos jovens – estes mais antagônicos, respeitosos e/ou envergonhados com a situação.

Uma voz, uma única voz, precisa ser descolada do ambiente e ouvida atenciosamente pelo atleta durante o combate: a voz do treinador. Para alguns atletas, a voz do treinador é seu duplo, sendo, assim, fundamental para a *performance* durante o combate. Para outros, ampla maioria, é ignorada, gerando um breve conflito, no *corner*, durante o intervalo. “Estou gritando aqui e você não está fazendo nada que eu mando”, ou frases similares, são regularmente proferidas durante o intervalo dos combates. Mesmo um atleta vencedor pode ser duramente repreendido pelo treinador ao final do combate, por não seguir suas orientações corretamente. Para o boxeador, vencer. Para o treinador, demonstrar os conhecimentos adquiridos. Vencer não é tudo.

### **“Você é assassino mano!”**

“No ringue, você está sozinho” e seu contrário “no ringue você não está sozinho” são ouvidas, creio, nas mesmas proporções, de técnicos e atletas a torcedores. É o momento da competição que expõe a fragilidade do limite entre o individual e o coletivo. Porque na academia, por mais que o *sparring* seja um momento de confronto individual, as lógicas, métodos e afetos atuantes são outros, amparados pela ideia de construção coletiva compartilhada – ou seja, a prática sempre é coletiva. “Não existe boxe sozinho”, sempre repetia Leon. Durante um torneio, observamos outra lógica em ação, proveniente de múltiplos fatores – como a competitividade, o medo, euforia, a exacerbação do antagonismo – que transformam o ringue em território de conflito, performatizado, mediado, mas não por isso menos dramático ou agressivo. “O boxe é violento, eu já me machuquei, já machuquei os outros, amigos meus já se machucaram”, disse Breno, enquanto narrava sua trajetória de atleta competidor. “*Boxing is never fun*. Subir ao ringue não é para se divertir. É depois do combate que a gente se diverte” (DeeDee, em Wacquant, 2002, p.292)

As apresentações dos atletas antes do combate envolvem uma coreografia padronizada, como nos filmes de boxe, ou mesmo em outros esportes midiáticos. Grande parte dos jovens, pouco habituados com a *performance* artística, não preenchem a rotina da apresentação – que consiste em, após anunciado o nome, se dirigir ao centro do ringue, levantar os braços e cumprimentar os quatro lados da plateia – e são

reprimidos, jocosamente, pelo apresentador. Assim, aos olhos de todos, técnicos, professores, treinadores, ex-atletas, o novato encara o ringue como palco ritual de transformação, em busca dos futuros aplausos como reconhecimento pela nova disposição. A competição abarca a condição, pouco ou quase nada presente na rotina do treinamento, do boxe como espetáculo. Nem todo praticante que se apresenta como comprometido, habilidoso e eficaz durante a rotina dos treinamentos consegue vencer em uma competição. Entre o corpo fabricado na academia e o corpo exibido em um torneio há um vão que precisa ser atravessado pelo boxeador que se pretende vencedor. Observar apenas uma das duas situações significa perder de vista as complexas mutações do *corpo total* que ocorrem entre o cotidiano do treinamento e o fantástico do ringue de competição. Comparando as perspectivas de Mauss (2002) e Merleau-Ponty (1994), Jérôme Beauchez (2010) defende que a experiência de boxear em um ringue é um terreno ideal para se pensar a articulação entre o corpo-sujeito e o corpo-objeto. Ou seja, é no momento do combate que o boxeador deve justapor o corpo enquanto *construção social* – aquele que “é sempre um subconjunto de um corpo social, atravessado pelas marcas do *socius*, pelas tatuagens, pelas iniciações, etc” (Guattari, 1996, p.278) – com o corpo enquanto *construtor social*, gerador de conhecimento e de ação sobre o mundo.

Metáforas bélicas são regularmente utilizadas para tratar uma gama de assuntos, servindo, principalmente, como elogio e enaltecimento. Observei um treinador saudando seu pupilo, logo após perder um combate, mais ou menos da seguinte forma:

– Parabéns, é isso aí, você perdeu, mas pelo menos morreu atirando.<sup>76</sup>

A expressão utilizada como oposição à eficácia do boxe, aplicada durante o combate, é “brigar”:

– Não briga com ele, se fasta! (gritava um treinador para seu atleta);

– Quis brigar com ele, perdi a luta (justificou um boxeador, ao comentar o motivo de sua derrota).

Por mais de uma vez ouvi o adjetivo “assassino” para se referir a um atleta habilidoso. Um jovem de treze anos, campeão da categoria até 54kg, foi elogiado por um colega com um “sabia que você iria ganhar, você é assassino mano!”. Um treinador,

---

<sup>76</sup> Metáfora para um boxeador que perde a luta sem se entregar, se engajando no combate com coragem e resistência, mesmo que em clara desvantagem.

indignado com a desclassificação de seu aluno durante o segundo *round* da final na categoria até 60kg, devido a um sangramento nasal que não estancava, gritava para o juiz: “você não pode interromper a luta, é normal sangrar o nariz, meu moleque é assassino!”. Conforme descreveu Vicentin (2011, p.107), em sua etnografia com adolescentes internados na Fundação Casa, jovens sujeitos a diversas situações de vulnerabilidade,

se algo caracteriza os movimentos juvenis inseridos nos processos de exclusão e marginalização é também sua capacidade de transformar o estigma em emblema, quer dizer, fazer operar como signo contrário as qualificações negativas que lhes são imputadas.

Dessa forma, em uma competição de boxe, o “assassino” é aquele que não “briga”, aquele que encarna o conhecimento de que “a adrenalina precisar estar na ponta do punho e não na cabeça”, aquele que sabe “servir-se de seu corpo” (Mauss, 2002, p.401) colocando “a alma no golpe”<sup>77</sup>. Osmundo Pinho (1999) chama de evento-território lugares onde se materializam, transitória e circunstancialmente, identidades forjadas na imbricada relação entre espaços e processos dinâmicos de experiência social. A Forja dos Campeões, evento que evidencia uma prática historicamente estereotipada e continuamente racializada, altera, mesmo que contingencialmente, a dinâmica de circulação de corpos no Clube Pinheiros, assim como em seu entorno, configurado, em seu cotidiano, por uma classe média-alta hegemonicamente branca. Um evento-território, portanto, refletindo tensões e contradições estruturantes das relações de classe e raça. O corpo boxeador “não cria enfrentamentos, nem redige manifestos, mas se organiza, dá testemunho de sua diferença” (Pinho, 1999, p.274) e cria, em cada disputa realizada dentro do ringue, uma pequena revanche contra os essencialismos a que estão expostos.

---

<sup>77</sup> A “alma” do boxeador não parece estar subordinada ao *self*, através de alguma forma de transcendência. Assemelha-se mais a uma substância física, órgão que associa coragem e técnica corporal.



Foto 6: Através do espelho, o interior da academia da Boxe Tatuapé em período de treino. No ringue, dois oponentes se preparam para uma sessão de *sparing*. No canto esquerdo da foto, boxeadores golpeiam opoentes encarnados em sacos de pancada.



Foto 7: Maurício e Minotauro acenam com os punhos enfaixados, “mãos feitas”, logo após uma sessão de *sparring*. Na equipe do Tatuapé, o boxe é um território de afetos masculinos, performativizados na mímica da agressividade.



Foto 8: Cléber, um dia antes de sua estreia na Forja dos Campeões, expõe o resultado de sua conquista, o corpo-boxeador. Depois de alguns dias sob alimentação restrita, ele finalmente alcançou o peso de sua categoria, 60Kg, e estava motivado.



Foto 9: Cléber, logo após sua derrota, por nocaute no terceiro *round*, sendo observado por Minotauro. O ritual de iniciação do jovem boxeador aproxima-se do fim.



Foto 10: Wendel, com um enorme hematoma sob o olho direito, sendo analisado pelo médico do torneio, logo após o combate. Algumas horas antes, o mesmo médico havia barrado Wendel no exame preliminar.



Foto 11: O palco-ringue da Forja dos Campeões 2018, instalado no centro do salão nobre do Clube Pinheiros. Dois pugilistas novatos em ação, sob o olhar do juiz e do público que cerca o quadrado.

### Capítulo 3:

“Ensinar boxe, aprender política” – o boxe como técnica, “valor” e relação

*Quando eu vejo um treinador de boxe, no grupo de whatsapp dos treinadores, falando mal de gays, se dizendo ser homofóbico porque deus é homofóbico (oi?), é que eu me lembro como é importante trabalhar pra termos espaços libertários no meio do boxe. Lugares onde nenhum preconceito é tolerado, seja a homofobia, o racismo, o machismo, a xenofobia. Chega de tanto preconceitos no mundo dos esportes de combate*

*Breno Macedo*

*Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição.*

*Marcel Mauss*

## Prólogo – “Colocando vida através do boxe”

O Boxe Autônomo nasceu, cresceu e se desenvolveu em sua relação com a cidade de São Paulo. Breno Macedo, seu treinador e fundador, ex-auxiliar técnico do treinador cubano Paco Garcia, quando este era treinador da equipe de boxe do S.A. Palmeiras, é irmão de Leonardo Macedo, atual técnico da seleção brasileira olímpica de boxe. Um “boxe de valor”. Disseminando uma tradição cubana em ocupações, corpos e discursos, o Boxe Autônomo pretende praticar política através do boxe.

Em Mauss (2003, p.405), é possível notar uma aparente antinomia entre educação e imitação. “A educação, ato social e hierarquicamente superior, sobrepõe-se ao conceito de imitação nas maneiras de se utilizar o corpo humano”. Já para Guattari (1996, p.296),

supor que a única dimensão de eficiência é da natureza das relações de grupo, das induções de ideias, etc., é um tanto suspeito, é desconhecer a existência de uma outra: a dimensão de algo que prefiro nem chamar de conhecimento, algo que é mais da natureza de uma apreensão, de um agenciamento, da invenção de uma realidade singular.

Uma das contribuições pretendidas pela presente dissertação, com relação às técnicas corporais, é engendrar uma dimensão inventiva, imanente e imprevisível aos usos do corpo. Essa dimensão parece estar no corpo boxeador, principalmente durante os treinos de combate. O *sparring*, assim como a *participação observante*, é uma maneira de experimentar a relação sempre instável entre eu e o Outro. É a partir desse lugar ambíguo que construo o último subcapítulo da dissertação.

### Capítulo 3.1 – A política no ringue: o pugilismo com “valor” do Boxe Autônomo na Casa do Povo

Foi através de Rafael Piva<sup>78</sup>, meu colega da turma de mestrado e de núcleo de pesquisa, que conheci o Boxe Autônomo e seu fundador, o treinador de boxe Breno Macedo, mesmo antes de passar a integrar a equipe. Porém, no dia 26 de fevereiro de 2018 recebi, de Piva, um email padronizado com o seguinte comunicado:

Uma academia de esporte popular na Casa do Povo?

O coletivo Boxe Autônomo organiza neste sábado uma oficina para interessados e interessadas em conhecer e se aproximar da prática do boxe. O Boxe Autônomo atua desde 2015 em ocupações e espaços públicos da cidade, entendendo o esporte como direito social e como uma plataforma de cultivo de valores como o antirracismo, antifascismo e no combate a todas as formas de discriminação. Partindo da experiência do esporte popular, a oficina pretende ser um primeiro exercício de imaginação da Casa do Povo como uma academia livre, voltada ao bairro, que não se reduz a uma lógica mercadológica.

A atividade é gratuita e aberta a todos e todas, sem restrição de idade.

Recomendamos vir com roupas confortáveis.

A partir do dia 05 de março, as aulas acontecem regularmente toda segunda e quarta, às 18h.

Compareci à oficina, que aconteceu no dia 03 de março. Já havia visitado a Casa do Povo em outra ocasião e conhecia, parcialmente, sua história e atuação política. Localizada no bairro do Bom Retiro, região central de São Paulo, a Casa do Povo foi construída logo após o fim da segunda guerra, fruto da iniciativa da comunidade judaica recém-chegada no Brasil<sup>79</sup>. O prédio modernista de três andares, de aspecto arrojado e convidativo, foi inaugurado em 1953, passando a contar com um teatro e um ginásio israelita, ambos fechados, o primeiro no ano 2000 e o segundo ainda nos anos oitenta do século XX, fruto da diminuição de frequentadores frente o temor da repressão dos órgãos de segurança do regime ditatorial<sup>80</sup>. Reocupada a partir de 2015, atualmente é utilizada e administrada por coletivos artísticos, que se dividem entre os espaços existentes, alguns conservados, outros apresentando diversos níveis de deterioração.

---

<sup>78</sup> Raphael Piva Favalli Favero desenvolveu o projeto de mestrado “Os de várzea no Campo de Marte: disputas e sentidos em torno de uma prática cultural urbana”, também sob orientação de José Guilherme Magnani.

<sup>79</sup> Disponível em: <http://casadopovo.org.br/quemsomos>

<sup>80</sup> Lívia Roncolato, disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/casa-do-povo-bom-retiro/>

A oficina contou com aproximadamente 50 pessoas, entre boxeadores, atletas e novatos, colegas, amigos e praticantes, frequentadores de outras atividades realizadas no prédio – curiosos com a nova modalidade – e dezenas de crianças da Comunidade do Moinho, última sede do Boxe Autônomo antes de se instalar no novo endereço. Assim, o evento oficializou a hospedagem do boxe como prática rotineira no equipamento artístico multifacetado e historicamente saturado de significações que é a Casa do Povo. Entre outras, a Nobre Arte.

Atraído pela convergência entre o equipamento e uma equipe de boxe que pretende criar uma plataforma “de combate a todas as formas de discriminação”, passei a frequentar os treinos, regularmente às segundas e quartas. Assim, durante os meses de março e maio, dividi minha rotina de treinamento entre o Boxe Autônomo e o Boxe Tatuapé. Foi a partir de abril que, para concentrar-me na escrita da dissertação, decidi por, momentaneamente, abandonar a equipe do Tatuapé. O Boxe Autônomo, gerador de conteúdos e significados singulares sobre a prática do boxe, compõe o presente subcapítulo. É através da trajetória de vida de seu fundador, idealizador e treinador, Breno Macedo, que iniciamos o percurso pelo terceiro equipamento frequentado com o transcorrer da etnografia.

### **“Cresci no meio do boxe”**

Breno Macedo é um ex-boxeador e, atualmente, treinador de boxe, sua principal atividade, além de ser historiador<sup>81</sup>, atividade que pratica “mais por paixão”. Divide sua rotina de treinador entre diversos equipamentos, tanto em equipes competitivas como em academias elitizadas existentes na zona oeste de São Paulo – argumenta que o boxe competitivo, assim como o boxe enquanto projeto social, não oferece monetização, o que o faz buscar as mega-academias para garantir alguma estabilidade financeira. Nascido em São Paulo, mudou-se com a família para Rio Claro – cidade do interior paulista onde nasceu sua mãe – ainda criança, aos dez anos de idade, onde criou laços afetivos, profissionais e de parentesco. “Eu me considero rio-clarense”.

---

<sup>81</sup> Breno desenvolve, desde 2016, uma pesquisa de mestrado sobre a história do boxe no Brasil, ligado ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

Seu pai, Marcos Macedo, já era professor de boxe quando Breno nasceu. Marcos foi boxeador por um curto período de tempo, chegando a participar da Forja dos Campeões nos anos setenta, quando era atleta do Centro Olímpico<sup>82</sup>, sob orientação do ex-treinador Luiz Carlos Fabre. Como tinha formação universitária em Educação Física, além de vontade e comprometimento, passou a ser auxiliar técnico de Fabre, o que lhe rendeu experiência e capacidade para se tornar técnico. Logo em seguida passou a ser, ele próprio, treinador do Centro Olímpico, junto a Messias Gomes, detentor do cargo até hoje.

Eu fui criado no Centro Olímpico. Se você me perguntar, Breno, qual foi o seu primeiro contato com o boxe? eu vou te voltar a pergunta, qual foi o seu primeiro contato com uma bola de futebol? Você lembra quando viu uma bola pela primeira vez? Para mim foi a mesma coisa, quase que inato. Desde bebê, no colo da minha mãe, a gente ia aos campeonatos, frequentava a academia, principalmente porque minha mãe sempre trabalhou e meu pai, muitas vezes, levava a gente (meu irmão mais velho e minha irmã, mais nova) para o Centro Olímpico. Era nosso quintal de casa. Eu brincava na cama elástica, assistia às outras modalidades, treinava boxe em algumas ocasiões, em outras não, porque não era uma imposição do meu pai. Eu, junto de meu irmão e minha irmã, cresci no meio do boxe (entrevista, 21 de junho de 2018).

Dessa forma, as memórias sobre o boxe se confundem com as memórias de infância de Breno. “Desde criança, conheci e convivi com muitos boxeadores, vi muitas finais de campeonato, eu já estava dentro mesmo sem ter escolhido esse caminho, ele veio, era o trabalho do meu pai, eu era o filho do treinador”.

Foi ainda criança, em Rio Claro, que, incentivado pelo pai, começou a treinar boxe em espaços públicos, como praças, lugares abertos e ruas da cidade. Prática que será importante na própria formação da pedagogia utilizada pelo Boxe Autônomo, como veremos. “Foi importante para eu pegar confiança e me autoafirmar. Muitas vezes aparecia uma molecada de rua querendo aprender, meu pai botava a luva neles e

---

<sup>82</sup> O Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP) é um equipamento municipal criado em 1976 com a missão de desenvolver atletas competitivos desde as categorias de base. O boxe é uma das quatro modalidades pioneiras – junto ao atletismo, basquete e voleibol – a fazer parte do COTP desde sua fundação.

deixava o pau torar. Obviamente eu levava vantagem, pois já sabia alguns fundamentos técnicos”.

### **MM Boxe – o boxe como revitalização de uma região degradada**

Em Rio Claro, incentivado pelo pai e, frente a inexistência de treinadores de boxe, Breno e seu irmão começaram a puxar treinos, primeiramente em uma academia de jiu-jitsu pertencente a um conhecido. “Meu pai escrevia os treinos para a gente e nós aplicávamos”. Logo apareceram pessoas interessadas, entre estas, Nazaré, uma mulher que trabalhava na Guarda Civil Metropolitana e gostaria de aprender para lutar em competições.

Ela era dedicada e aprendeu rápido, começou a competir e a ganhar lutas<sup>83</sup>, isso em um momento em que o boxe feminino era incipiente. Meu pai foi um dos pioneiros em incentivar o boxe competitivo entre as mulheres. Uma das frustrações dele é que minha irmã, mesmo tendo praticado, nunca chegou a lutar.

Foi Nazaré, através da Guarda Municipal, quem mediou a instalação de uma academia de boxe em Rio Claro. Isso porque a instituição geria um equipamento, um pavilhão centenário que servia de armazém para acomodar mercadorias da antiga companhia Fepasa, ao lado da extinta estação da linha de trem que passava pela cidade. Como a Guarda utilizada apenas uma pequena sala, transformada em escritório, do pavilhão (que mede aproximadamente 100 metros de extensão por dez metros de largura), cedeu uma parte do armazém para que a recente equipe pudesse montar uma academia. Nasceu, em 2003, a MM Boxe, “uma ocupação, mas não uma ocupação tradicional: a gente não estourou o cadeado para entrar. Chegamos convidados e, mesmo com a transferência da Guarda Municipal para outro local, permanecemos lá”.

---

<sup>83</sup> Nazaré dos Reis Brito foi campeã, em sua categoria, da primeira edição do Campeonato Paulista de Boxe Feminino, realizado em Itapira entre julho e agosto de 2003

Pouco tempo depois Nazaré parou de lutar boxe. Foi então que a equipe de Breno perdeu os vínculos com a instituição mediadora e se tornou “autônoma”. “Trocamos o cadeado, abrimos a porta para a rua e, aos poucos, fomos limpando as outras seções do armazém, o que permitiu expandir e ampliar a academia”. Breno chama o equipamento de “ocupação” porque não possui, até hoje, nenhum contrato ou coisa semelhante com qualquer órgão, público ou privado, ligado ao pavilhão. Como o espaço é alvo de disputas e interesses por parte de diferentes instituições, não possui um proprietário definido. “A gente não paga água, não paga luz nem aluguel, mas, por outro lado, ajudou a revitalizar um espaço que estava totalmente abandonado, colocando vida através do boxe, atraindo crianças e moradores do bairro para conhecerem”. Fato que não exclui a possibilidade de conflitos, como o ocorrido, certa vez, com o Secretário de Obras do município, que chegou a lacrar o espaço, exigindo uma série de acordos, alianças e troca de favores para que a academia voltasse a funcionar.

Para Breno, é a relação com o entorno – a vizinhança e seus moradores – que permite a permanência da MM Boxe no armazém, mesmo nessa situação aparentemente instável. “Conseguimos o respeito dos moradores, mesmo os moradores de rua, ou usuários de drogas, que se utilizam das estruturas abandonadas da estação de trem. Nunca precisamos da polícia ou qualquer órgão do estado para resolver nossos problemas”.

### **Inventando cultura, criando tradição – a escola cubana no interior paulista**

Em 2005, aos 16 anos de idade, Breno foi inscrito por seu pai, junto de seu irmão Leonardo, em um curso nacional, organizado pela Confederação Brasileira de Boxe, para a formação de treinadores de boxe. “Vieram treinadores do Brasil todo, Pará, Pernambuco, Bahia, São Paulo. Apesar de nossa pouca idade, como éramos filhos do Marcão, fomos aceitos”. Durante uma semana, na antiga sede da seleção brasileira de boxe, em Santo André (município da região metropolitana de São Paulo), a turma experimentou uma capacitação intensa, teórica e prática. Foi nesse momento que Breno e seu irmão aprenderam a metodologia cubana de treinamento, a “escola cubana de boxe”. Isso porque o curso foi ministrado por Otilio Toledo, treinador cubano que

chegou ao Brasil em 1995 para treinar a seleção brasileira, cargo que ocupa até hoje. Segundo Breno, diversos treinadores, geralmente homens mais velhos, absorveram muito pouco do aprendizado, utilizando o curso prioritariamente como forma instrumental/burocrática de formalização do ensino. “Já eu e meu irmão, que éramos moleques, ficamos maravilhados com a metodologia e passamos a aplicá-la imediatamente em nossa academia em Rio Claro. Foi lá onde aprendemos a ser treinadores de boxe”. Segundo Breno, como no Brasil não existe uma tradição metodológica de boxe, cada treinador, em diferentes regiões do país, inventou um jeito de treinar.

A escola cubana é voltada para a competição. Começamos a utilizar a nova metodologia de treino e, dessa forma, conseguimos formar dezenas de atletas de alto nível, muito porque seguimos o jeito dos cubanos treinarem, demos uma cara ao nosso sistema de treinamento (entrevista, 21 de junho de 2018).

Em Cuba, o boxe é uma atividade amplamente prestigiada e praticada por milhares de pessoas – em sua ampla maioria homens<sup>84</sup> – de todas as faixas-etárias, sendo o segundo esporte mais popular da ilha, perdendo apenas para o *baseball*. Vale lembrar que Cuba é o segundo país mais bem sucedido na história do boxe olímpico, com 79 medalhas (sendo 40 de ouro), atrás apenas dos Estados Unidos. Desde o advento da Revolução de 1959, Cuba ganhou mais medalhas de ouro em jogos olímpicos que qualquer outro país. Feito bastante significativo para um país pequeno e insular, considerando que a maioria de seus oponentes tradicionais no boxe, como os Estados Unidos, o México ou a Inglaterra, seria de nações com muito mais apoio financeiro nos esportes. Historicamente, a imagem do heroísmo revolucionário sempre esteve muito ligada às práticas esportivas, como observou, em sua tese de doutorado, Marcelo Prioste (2014, p.126):

Seja no boxe, beisebol, voleibol ou atletismo, Cuba investiu muito em esportes de alta performance, principalmente durante a Guerra Fria, período em que muitos atletas cubanos figuraram entre os melhores do mundo em diversas

---

<sup>84</sup> A prática do boxe por mulheres é proibida em Cuba desde o advento da revolução, em 1959. “O meu sonho é que aprove o boxe feminino em Cuba, para que eu possa competir, representar o meu país e me tornar uma campeã olímpica. Mas o governo diz que o boxe é muito perigoso para as mulheres” (Namibia Flores). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYREqVY0FWQ>

modalidades, como o boxeador Teófilo Stevenson (1952 – 2012), tricampeão olímpico, dentre muitos outros

### **“Foi um marco para a gente: somos bons!”**

“Eventos mudam os atores envolvidos” (Peirano, 2000, p.4). Como vimos no capítulo 2, a Forja dos Campeões, evento-território ritual de iniciação dos boxeadores novatos, “traz como consequência o fato de que os participantes foram alterados por ele” (Idem, p.4). Para Breno não foi diferente. Em 2007, com 18 anos, Breno se inscreveu para a Forja dos Campeões, ao formar a primeira equipe de boxe amador da cidade de Rio Claro. “Foi um ponto de virada, quando eu comecei a me enxergar como pessoa, boxeador e atleta, mesmo que já treinasse e puxasse treino desde os 14 anos”. Na categoria até 75 kg, Breno fez cinco combates. Ao relatar sua participação, relembra datas, horários, sensações e percepções em seus mínimos detalhes: o medo de perder na estreia, as viagens semanais até a capital, as lutas de seus companheiros. “A equipe era formada por seis pessoas e eu fui o primeiro da turma a lutar”. Leonardo, seu irmão, venceu as cinco lutas em sua categoria e sagrou-se campeão, mesmo fazendo a final contra um oponente da Bahia que era “estreado entre aspas, pois descobrimos depois que ele já tinha várias lutas em sua trajetória”. Após quatro lutas, Breno chegou à final e viveu “uma das experiências mais intensas da minha vida”. Breno foi nocauteado, ao final do segundo *round*, após um golpe certo na face, que resultou em uma fratura no nariz. “Foi traumatizante para mim e minha equipe, meu nariz torto, muito sangue... sai direto do ringue para o centro cirúrgico do mesmo hospital em que nasci, o Hospital do Servidor Público”, onde realizou uma cirurgia de redução da fratura.

Na classificação geral, a MM Boxe terminou na terceira colocação, conquista muito valorizada, ainda mais por ser uma equipe estreada. Depois da estreia na Forja vieram outros torneios nacionais e uma sequência de bons resultados, gerando a conquista de pequenos incentivos municipais e federais, como a Bolsa Atleta, garantida para os campeões, em suas categorias, no campeonato brasileiro. “O esporte competitivo, no Brasil, é muito excludente, quem é bom tem espaço, quem não é, não

tem. Mais ou menos mil reais por mês é importante para esses atletas continuarem no boxe”.

### **“Ensinar boxe, aprender política”**

Foi em uma viagem a passeio para a Itália que Breno conheceu o boxe como prática de sentido ligada aos movimentos urbanos antifascistas que atuam na cidade de Roma. “Por mais que eu estivesse viajando, queria viver o boxe de lá e fiquei sabendo, através do Raphael Piva, das academias de boxe que existem em ocupações”. *Palestra Popular* são academias de boxe que utilizam o pugilismo como forma coletiva para combater valores fascistas que operam no país. Ocupando equipamentos abandonados, prédios e espaços públicos, operam através da autogestão, criando espaços autônomos de funcionamento e administração. Em sua estadia de um mês no país, Breno visitou a *Revolution Palestra Popular* poucos dias antes da data de retorno. “Foi lá que eu conheci uma outra Itália”. Um centro social ocupado há mais de vinte anos, instalado em uma antiga escola pública, onde funcionam um restaurante, uma biblioteca, uma escola de italiano para imigrantes, uma bicicletaria e, claro, uma academia de boxe. A partir de então, Breno conheceu mais outras três academias, todas funcionando sob o mesmo princípio. Foi através de Lorenzo Catalano, seu anfitrião em Roma, que Breno conseguiu hospedagem e realizou o desejo de “viver o boxe de lá”. Isso porque Lorenzo o levou para treinar em uma academia de boxe competitivo e Breno pode fazer um *sparring* com um ex-campeão italiano, que inclusive já havia lutado no Brasil. “A academia parou para nos assistir. Foi uma experiência intensa, incrível”.

De volta ao Brasil, Breno logo planejou colocar em prática o boxe da forma como havia aprendido em sua viagem. “Na Itália eu dormi e comi em uma ocupa, treinei em ocupa e aqui no Brasil eu nunca entrei em uma ocupação, que vergonha, eu não conseguia nem falar das lutas por moradia que ocorriam em minha própria cidade para meus colegas italianos”. Junto a Piva, que já militava em movimentos sociais, planejaram a primeira ação do que viria a ser chamado de Boxe Autônomo, no final do

ano de 2015. Passaram a puxar treinos de boxe na Ocupação Leila Khaled<sup>85</sup>, em uma sala improvisada, para moradores e apoiadores da Ocupação.

O boxe com valores declaradamente antifascistas, muito comum na Itália, é algo que não existia no Brasil. Muita gente gosta de praticar, mas não frequenta academias por que não compactua com padrões reacionários muito comuns no mundo dos esportes de combate. Foi então que pensamos em montar uma equipe com os nossos valores. Criamos o Boxe Autônomo (entrevista, 21 de junho de 2018).

Depois de aproximadamente seis meses na Leila Khaled, devido a problemas estruturais que inviabilizaram os treinos, Breno e Piva decidiram transferir os treinos para uma equipamento público, a Praça Roosevelt, onde permaneceram durante mais alguns meses. Da praça, surgiu a oportunidade de ocupar, através de uma liderança comunitária, uma pequena sala na Comunidade do Moinho<sup>86</sup>, onde o Boxe Autônomo permaneceu por quase um ano. A alta frequência de crianças, jovens, imigrantes e outras pessoas interessadas, encontrada na comunidade do Moinho, motivou Breno e Piva a expandir o projeto. E, para isso, precisavam de um espaço maior, com mais estrutura e, concomitantemente, próximo ao Moinho, para que as crianças pudessem continuar frequentando. Foi novamente Raphael Piva quem mediu a instalação da equipe no mais recente endereço, a Casa do Povo. “A casa tem a intenção de ser um espaço mais democrático e acessível às pessoas do bairro, o que tem tudo a ver com a proposta do Boxe Autônomo”, resumiu o treinador.

Breno voltou à Itália mais duas vezes, onde foi, como ele próprio diz, “ensinar boxe e aprender política”. Em 2016, após um trabalhoso processo burocrático,

---

<sup>85</sup> A Ocupação Leila Khaled abriga cerca de cem pessoas em um prédio de dez andares na região central de São Paulo, próximo à Baixada do Glicério, desde 2015. Organizada pelo Movimento Terra Livre com o apoio do Movimento Palestina para Todxs, acolhe uma maioria de imigrantes sírios, além de outros imigrantes. Fonte: Sarah Fernandes (<https://www.revistaforum.com.br/ocupacao-de-sem-teto-em-sao-paulo-acolhe-refugiados-sirios/>)

<sup>86</sup> A Comunidade do Moinho, tida como “a última favela do centro de São Paulo”, é formada por cerca de quinhentas famílias. Existe desde o início dos anos noventa do século XX, em um terreno onde se encontram as ruínas do abandonado Moinho Central da cidade. Fonte: Denilson Oliveira (<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/09/1920661-favela-do-moinho-unica-do-centro-vive-sob-ameaca-da-prefeitura.shtml>). “A presença do Estado tem sido constante no Moinho, não para prover as necessárias infraestruturas ou para dialogar e construir alternativas habitacionais para as famílias, mas para oprimir ostensivamente seus moradores através de ações da Polícia Militar (PM) sob a justificativa da segurança pública”. Fonte: Jéssica Tavares (<http://polis.org.br/noticias/a-favela-do-moinho-e-o-direito-a-cidade/>).

conseguiu levar uma equipe de dez atletas para passar um mês nas *Palestras Populares*. Sem investimento, “a molecada fez de tudo para pagar a própria passagem, vendeu rifa, conseguiu um patrocínio do comércio local e deu certo”. Treinando com atletas italianos, a equipe pode participar de eventos comunitários e trocar experiências de vida. “Ver uma galera preta, pobre, do interior do Brasil, ser tratada com dignidade na Europa foi uma experiência magnífica”. Foi durante essa viagem, quando Breno conheceu uma ocupação recente localizada no bairro Quarticciolo, na zona leste da periferia de Roma, que ele foi convidado para dar aula de boxe na mais nova academia que se instalaria na ocupação. “O santo bateu forte com a galera de lá, eu me senti em casa”. Em janeiro de 2017, Breno decidiu aceitar o convite e voltar ao continente europeu. Dessa vez, para a estadia mais longa de sua vida, quando ficou até julho do mesmo ano, dando aula de boxe. Desde então, os boxeadores italianos antifascistas viraram “irmãos” e, invertendo o fluxo, vieram a São Paulo para conhecerem o trabalho de Breno. No Boxe Autônomo, os estrangeiros são italianos<sup>87</sup>.

### **“O boxe é o futebol de várzea da Itália” – Jacopo e a *Palestra Populare***

Jacopo nasceu na Itália, na cidade de Perúgia, e chegou ao Brasil em 2014 para a realização de um pós-doutorado na área de Política Comparada, realizado na Universidade Federal de Passo Fundo. “Chegando no Brasil, a primeira coisa que eu fiz foi procurar uma academia de boxe”. Praticando de pugilismo há mais de vinte anos, é professor de boxe, em sua cidade natal, dentro de um projeto, o qual ajudou a fundar, chamado *Palestra Populare Perugia*. “O projeto possui a finalidade de ser inclusivo, um meio de agregação social para a classe trabalhadora, além de ser uma ferramenta de emancipação e autonomia; essa é a função das *Palestras Populares*, uma rede de academias tradicional na Itália”. Isso porque para Jacopo, diferente do Brasil, onde a prática esportiva sempre ocupou lugar de destaque enquanto atividade social, com os campos de várzea, quadras e parques, “o esporte na Itália é um privilégio e pouco acessível às camadas populares”. Após morar durante dois anos no Rio Grande do Sul,

---

<sup>87</sup> Uma exceção precisar ser anotada. Trata-se do tanzaniense Abdallah, morador da capital paulistana há cinco anos. Conheceu o boxe em seu país natal e passou a praticá-lo na passagem do Boxe Autônomo pela comunidade do Moinho. Frequentou a Casa do Povo nos primeiros meses, mas logo abandonou, creio que momentaneamente, a equipe.

Jacopo mudou-se para São Paulo e conheceu, através de um amigo italiano que estivera com Breno em uma reunião da rede de *Palestras Populares* em Roma, o Boxe Autônomo. Logo começou a integrar a equipe como treinador, mesmo antes do coletivo instalar-se no equipamento do Bom Retiro. “Assim como um time de futebol precisa de um campo, uma equipe de boxe precisa de uma academia”. Na Casa do Povo, a primeira *Palestra Popular* brasileira.

Não exatamente uma *Palestra Popular*. Jacopo discorreu sobre a diferença entre as duas propostas, comparando suas trajetórias históricas. Para ele, o Boxe Autônomo nasceu como uma “experimentação de pugilismo entre militantes políticos, com uma finalidade social, mas entre militantes de esquerda”. Já uma *Palestra Popular*

é muito mais parecida com o futebol de várzea aqui no Brasil, não nasceu com uma conotação política, mas como locais de prática de uma atividade esportiva para e pelos pobres. Foi a partir de então que criamos uma rede para buscar emancipar o esporte da lógica capitalista.

Dessa maneira, as academias italianas passaram a adotar diferentes iniciativas no intuito de uma formação pedagógica e educacional de seus participantes. Cursos, lançamentos de livros, jantares, palestras e outros eventos relacionados, tudo acontecendo dentro da academia. “Na sexta, quando a academia fechava, ainda com o cheiro das luvas suadas, a gente sempre fazia algum evento cultural e todo mundo gostava, justamente por ser um ambiente diferente dos locais consolidados”.

### **Uma pedagogia do comprometimento**

*“Disciplina revolucionária, método revolucionário.  
Minimização de esforços, maximização de resultados”  
(Breno Macedo)*

A aprendizagem do boxe proposta pelo Boxe autônomo requer poucos, muitas vezes nenhum instrumento, com a óbvia exceção do próprio corpo dos aprendizes.

“Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo”, já alertava Mauss (2003, p.407). Dessa maneira pôde ser aplicada/ensinada em espaços abertos, como praças e quadras. Com a fixação da equipe na Casa do Povo, pude acompanhar a aplicação de uma pedagogia elaborada, testada e ensinada pelos professores a partir de uma relação diferente da vivenciada por mim com a equipe do Tatuapé.

Entre média, cerca de quinze pessoas frequentam rotineiramente os treinos, entre crianças, novatos, curiosos e comprometidos. Algumas mulheres frequentam ocasionalmente o treino, sendo que apenas três participam assiduamente. A Casa do Povo cedeu o espaço ao Boxe Autônomo sem cobrar aluguel. Assim, não há cobrança de mensalidades para os praticantes, mesmo que, constantemente, os treinadores, Breno, Piva e Jacopo, se mobilizem para incentivar conversas sobre maneiras de monetarizar a equipe, principalmente para cobrir os gastos com o transporte e a alimentação das crianças praticantes. Um “trabalho de base”, como disse Piva. Assim, na pedagogia do comprometimento do Boxe Autônomo, as crianças têm prioridade e são cuidadas por todo o grupo, incentivadas a práticas coletivas de conhecimento, cuidados de si, valores humanitários e democráticos, como o respeito entre os gêneros e entre as faixas-etárias. Um “boxe com valor”, como diz Breno. Entre três e doze crianças, todas moradoras da Comunidade do Moinho, praticam boxe regularmente no equipamento. Meninos e meninas de diferentes idades, alguns ainda sem entender bem para que serve toda aquela rotina repetitiva de movimentos, mais preocupados em correr, brincar e testar alguns limites dos professores, do espaço e dos equipamentos. Toda uma logística é montada para que suas presenças seja efetivada: algum membro da equipe vai à Comunidade do Moinho buscá-los, outro fica encarregado por levá-los. Tudo a pé, caminhando por aproximadamente 1,5 km. Ao final de cada treino, todas as crianças ganham um lanche e um copo de suco. O financiamento funciona voluntariamente, a maneira do “passar o chapéu”. Os treinadores não são remunerados e, como explicou Jacopo, “não é qualquer professor de boxe que pode trabalhar com a gente, mesmo que pagássemos um salário; precisa estar comprometido com nossas ideias e valores, antes de tudo”.

O Boxe Autônomo não é projeto e sim uma “escola de boxe”. Dessa forma, adere à tradição do boxe cubano disseminada por Breno. Os treinamentos seguem uma ordem pré-estabelecida e são realizados coletivamente a maior parte do tempo. Todo movimento é observado de perto pelos treinadores, que buscam corrigir as posturas,

instruir sobre a forma correta da *guarda*<sup>88</sup>, a posição angular dos cotovelos, a movimentação da cabeça, a maneira de girar o tronco em consonância com o lançamento de um golpe, educar sobre a forma correta de caminhar, enfim, disciplinar os praticantes quanto aos “movimentos do corpo inteiro” (Mauss, 2003, p.416). A sequência do treinamento acontece da seguinte forma:

1. Forma-se uma roda com todas as pessoas;
2. Aquecimento das articulações: Breno escolhe alguém para “puxar o aquecimento”, geralmente uma pessoa assídua, com alto grau de comprometimento. Em uma ocasião, escolheu-me e ensinou a ordenação dos movimentos: “pense nas principais articulações usadas no boxe, começando de baixo para cima: tornozelo, joelho, quadril, braços, pescoço, cotovelos, punhos...”;
3. Corrida em volta do espaço, alterando os movimentos: corrida lateral, de costas, levantando os joelhos, com ênfase na coordenação entre braços e pernas. Ou seja, uma corrida já pensada para a movimentação do boxe;
4. Aquecimento específico: geralmente realizado com uma “bolinha de tênis” – simulação semelhante ao jogo de basquete, exigindo a coordenação da movimentação de pernas e rapidez nos braços para movimentar a “bolinha”; ou através do “toquinho”, uma simulação de combate onde o objetivo é tocar a barriga, ombro ou joelho do adversário;
5. Escola de boxe: pode ser realizado individualmente ou em dupla. São as técnicas específicas do boxe, maneiras de golpear, movimentar as pernas, as esquivas, ataques, contra-ataques e defesas;
6. Escola de Combate: realizada em dupla, geralmente independente do grau de habilidade dos praticantes, já que as duplas variam a cada contagem de tempo, para que todos treinem entre si. São simulações de um combate de acordo com as especificações do treinador. Dividem-se em:
  - Escola de combate dirigida: o treinador dirige o combate com algum comando que sinaliza o movimento que o boxeador deve efetuar em dado momento. Por

---

<sup>88</sup> A guarda é a posição inicial de combate, a postura do boxeador, a maneira como cada praticante se utiliza dos membros superiores, tronco e cabeça a fim de evitar os golpes de seu oponente.

exemplo: “quando eu avisar, apliquem uma sequência de três golpes andando para frente”;

– Escola de combate condicionada: o treinador impõe uma condição para o combate. Por exemplo: “usem apenas os golpes retos (*jab* e direto)”;

– Escola de combate livre: esse é o treinamento mais similar a um combate que existe na pedagogia da equipe. São combates semelhantes a *sparrings*, onde o praticante pode testar todas as técnicas apreendidas que adquiriu com a sequência de treinamentos. Para Jacopo, a Escola de combate livre é o momento de “experimentar o que não sabe, testar o que sabe”;

7. Exercícios físicos: séries de movimentações que podem ser sequências de abdominais, corridas, flexões, agachamentos, entre outros.

8. Alongamento final: forma-se, novamente, uma roda, com alguém indicando os exercícios de alongamento a serem praticados. Ao final, todos se aplaudem.

É claro que há pequenas variações de acordo com o professor que puxa o treino. Jacopo busca puxar um treino físico mais intenso, dizendo que “o treino físico é bom para a técnica também”. Piva é exigente com a postura: “prestem atenção na matemática do boxe”, afirma, chamando a atenção para a série repetitiva dos movimentos. Breno é o mais minucioso, capaz de diagnosticar, dar exemplos e demonstrar a coordenação necessária para a eficiência de cada golpe ensinado. “Trocar soco pode ser algo parecido com boxe, mas ainda não é boxe”.

### **“Alegria nas pernas”**

Visto *de longe e de fora*, o combate pugilístico, envolvendo golpes com ambos os punhos, principalmente na cabeça do oponente, necessita prioritariamente a destreza dos braços e das mãos. Soaria estranha a afirmação de que “a força está nas pernas”. Mas *de perto e de dentro*, todo boxeador comprometido sabe a importância das pernas na eficácia da prática. Os longos e extenuantes exercícios para as pernas, tanto no treinamento com Leon como entre a equipe do Tatuapé, vão nesse sentido. Porém, é na

escola do Boxe Autônomo que pude compreender a pedagogia do jogo de pernas. Se o boxe é “alegria nas pernas”, se a potência do golpe está diretamente ligada ao gesto do corpo inteiro e não apenas dos braços, tudo ficou mais claro a partir dali. Novamente, o corpo total maussiano, para falar de um só golpe. É a perna que “marca o golpe” e, mesmo quando parado, é a perna que se movimenta para dar eficácia ao golpe. “O boxe é golpe em movimento”, disse Piva. Assim, a pedagogia do Boxe Autônomo busca inculcar, no corpo de seus praticantes, uma complexa engrenagem resultante da combinação entre a coordenação motora individual e a atenção coletiva aos ensinamentos e ao corpo do outro. Para Breno, boxe é “ritmo, tempo e barulho”. Uma aprendizagem excessivamente sensorial, mimética, inconstante e criativa, como veremos no próximo subcapítulo.

É na equipe do Boxe Autônomo que temos o boxe em seu caráter esportivo e lúdico mais evidente. Apesar de encontrarmos essas características entre as outras equipes por mim visitadas – e creio que em todas as academias de boxe – é aqui que percebemos o aspecto do jogo, e suas respectivas metáforas, de forma mais manifesta. “Alegria nas pernas” é uma das frases mais utilizadas pelos treinadores como forma de incentivo durante o treinamento. Por outro lado, em seu discurso e prática, o Boxe Autônomo busca contestar o lugar social do boxe como essencialmente masculinizado – muitas vezes propagando valores abertamente machistas. Pretende recusar, dessa maneira, regularidades objetivas que caracterizam hegemonicamente a prática. Deseja, dessa forma, reterritorializar o boxe enquanto prática educacional e emancipatória, coletiva não apenas enquanto modo de aprendizagem, mas também em suas formas reflexivas e ações de tomada de decisões. Assim, mas que a fabricação de um corpo boxeador, a autonomia do Boxe Autônomo pretende expressar, em um nível micropolítico, cotidiano, a produção de uma pessoa, em termos maussianos, militante, tolerante e libertária. Para Guattari, “a autonomia se refere mais a novos territórios, novos refrões sociais” (Guattari, 1996. p.122). Não por acaso, o Boxe Autônomo cria um território, singular, coletivo e com pretensões democráticas, em uma Casa do Povo. A eficácia dessas potencialidades em outras relações tecidas por seus integrantes não podem ser perseguidas no âmbito desta dissertação. Mas podem ser apontadas. O seguinte evento apresenta uma exterioridade do Boxe Autônomo enquanto *corpo na cidade* e serve para pensar.

Uma passeata de mães com filhos em escolas públicas foi realizada em frente à Câmara Municipal, contra a reforma da Previdência da Prefeitura de São Paulo que a gestão do PSDB buscava implementar. O Boxe Autônomo foi chamado, através de uma organizadora, a qual também trabalha em um dos coletivos da Casa do Povo, para “dar uma força” – como uma forma de segurança velada, não oficial. Breno anunciou, ao final de um treino, a proposta e montou uma equipe com as pessoas interessadas. Seis boxeadores compareceram ao evento, incluindo o etnógrafo. Breno organizou a equipe de segurança com uma seriedade profissional. Eu e Jefão<sup>89</sup> ocupamos uma das laterais do grupo de participantes e seguimos conversando, enquanto observávamos a passeata. O ato foi pacífico e a equipe do boxe foi elogiada e agradecida ao final. Entre outros fatores, creio que o prestígio de ser visto como boxeador incentivou a participação dos alunos, ocasionando, de certa forma, uma maneira de politização destes. “Sempre que precisar de alguém para esses atos, pode contar comigo”, despediu-se Jefão.

Diferente do Boxe Tatuapé, onde a utopia consiste em recriar um espaço de relações monásticas, uma heterotopia foucautiana (2013), no Boxe Autônomo a utopia é educacional, emancipatória e política. Em comum, ambas buscam transformar, através da prática comprometida do pugilismo, realidades vulneráveis e/ou disruptivas em ferramentas potentes de dignidade, harmonia, disciplina, vitalidade e coragem.

---

<sup>89</sup> Jeferson mora na Avenida São João, região central, e começou a treinar boxe com Breno no Moinho. Tem 39 anos, mas aparenta bem menos. Disse que trabalhava em um bar na Rua dos Gusmões de noite, todos os dias. A partir do boxe começou a se preocupar com a alimentação, visto que estava com quase 100kg. “O boxe muda nossa cabeça, antes só queria comer hambúrguer e refrigerante, hoje me preocupo mais. Também parei de chapar de domingo, senão apanho no treino de segunda”.

## Capítulo 3.2 – “Pensar em movimento”: *sparring*, aprendizagem e o corpo em metamorfose

*"Eu digo às pessoas que tenho duas personalidades. Fora do ringue, sou Deontay Wilder - o cara que está aqui. Dentro do ringue, sou totalmente diferente. Não me importo com o quanto machuco você. E você também vai me machucar. Mas não posso perder a luta. Tenho uma promessa e tenho de cuidar de meus filhos".*<sup>90</sup>

Ao longo da dissertação coletamos diferentes perspectivas sobre a pedagogia do boxe. Seja “aprendendo a apanhar”, se preparando para “perder a cabeça” ou jogando com “alegria nas pernas”, a aprendizagem do boxe acontece através de processos que buscam reproduzir padrões de relação, gestualidades eficazes e sensibilidades perceptivas, através de uma atenção integral ao próprio corpo e ao corpo de seus colegas de treino. Dessa forma, semelhanças, singularidades e arranjos criativos vão se desenvolvendo coletivamente. Técnicas e percepções intimamente justapostas, quer seja pelo incentivo dos treinadores – como no caso do Boxe Autônomo – ou pelas relações de proximidade – como no Tatuapé. Mimesis, tradição e invenção<sup>91</sup>, atributos associados que formam o corpo boxeador.

É no tempo-espço da academia que o pugilista comprometido pode experimentar outro de si. E é no combate, seja durante uma sessão de *sparring*, ou em sua versão praticada fora do ringue, a Escola de Combate, que esta experimentação de si pode ser experienciada. Para Minotauro, “quem não pratica *sparring* não aprende boxe de verdade”. Para Breno, “o boxe é uma experiência muita intensa para quem quer lutar no ringue. Então se a pessoa gosta de boxe e consegue se dedicar, vale a pena viver essa experiência”. Longe de ser uma aplicação, ou uma *performance*, das técnicas apreendidas durante os treinos, o combate é o próprio treino em si, é o “boxe de verdade”. Assim,

<sup>90</sup> Deontay Wilder, boxeador profissional. Disponível em:

<http://hojeemdia.com.br/esportes/hist%C3%B3ria-de-amor-pela-filha-fez-de-deontay-wilder-um-campe%C3%A3o-no-boxe-1.605363>. Acesso em 14/03/2018.

<sup>91</sup> A invenção é aqui tratada como uma série de práticas criativas que incluem a dissimulação, pequenos truques e malícias, aparentemente imprevisíveis, que correspondem a singularidades historicamente incorporadas em sujeitos concretos.

fazer *sparring* com diferentes parceiros é uma prática comum, incentivada pelos treinadores, como maneira de conhecer outros estilos, entrar em contato com outras relações, habilidades e corpos. É o combate que sedimenta a memória do corpo boxeador. A proximidade do oponente, o perigo do golpe, a intuição da esquivada, a vontade de atacar, a percepção cuidadosa, enfim, o complexo corpo-mente que coloca em ação uma gestualidade integral, acontece de forma abrangente nesse momento do treino, e apenas durante esse momento.

Foi a partir de minha própria aprendizagem da prática pugilística, junto a meus colegas de treino – os quais, através de múltiplas determinações, dedicavam-se com intensividade aos treinos semanais – que passei a interessar-me pela ideia de uma *construção do corpo* boxeador, buscando assim dialogar com os conceitos de corpo, técnicas corporais e processos de percepção. É claro que parto do aprendizado de uma técnica corporal específica para tecer minhas considerações, como poderia ter escrito sobre qualquer outra. Porém, o que singulariza a prática do boxe de outras técnicas corporais, entre estas tantos outros esportes de combate, inclusive o midiático MMA, é sua formação histórica, transcorrida principalmente durante todo o século XX, sedimentada em sujeitos concretos polêmicos e controversos como Muhamad Ali, Sonny Liston e Mike Tyson, ídolos que foram também importantes agentes políticos e/ou críticos das políticas raciais/racistas universalizantes. “Quando eu era criança, via o Mike Tyson na TV, aquilo me encantava. Eu dizia pra mim mesmo, um dia vou ser assim”, disse, certa vez, Minotauro. “Não existe *gym* que não tenha sua ou suas fotos de (Muhamad) Ali na parede” (Hauser, em Wacquant, 2002, p.53). Dessa maneira, o boxe pode ser considerado como um bom exemplo de transnacionalidade da “cultura”, atuando e operando símbolos, corpos e políticas através de múltiplas e efervescentes práticas. Como notou Kath Woodward (2004, p.13), o “boxe é abundante em lendas, histórias de lutas e lutadores, que constituem uma forma particular de masculinidade heroica”. No Brasil, é o paulistano Eder Jofre – campeão mundial em três oportunidades entre os anos sessenta e setenta do século XX – quem ocupa o lugar de símbolo mítico do boxe brasileiro. Os midiáticos Adilson Maguila e Acelino Popó<sup>92</sup> ganharam fama e reconhecimento. Em comum, narrativas de pobreza, superação e conquistas através do boxe. Uma técnica corporal historicamente vinculada a corpos desterritorializados,

---

<sup>92</sup> Tanto o sergipano Adilson Maguila como o bahiano Acelino Popó foram campeões mundiais em seus respectivos pesos, assim como representando diferentes associações.

ancorados em histórias de vida construídas sob a ótica da superação e do heroísmo da ascensão social. Indisciplinados, portanto. De uma forma geral, creio que estes vínculos históricos conectados às historicidades do boxe servem como potentes ferramentas de empoderamento para muitos de seus praticantes, substituindo categorias pejorativas de marcação social – às quais estão cotidianamente identificados –, formando possibilidades constitutivas de territórios utópicos, destinos possíveis, ainda que não realizáveis.

A aprendizagem do boxe se dá através de uma pedagogia oculta e silenciosa, para quem a observa de longe. Não que não haja comunicação verbal durante os treinos. Muito pelo contrário, conversa-se o tempo todo e a academia, qualquer que seja, fica habitada por uma sonoridade que combina falas, risadas, *hip-hop*, som das pancadas nos sacos e cordas tocando o chão. Mas o conhecimento depende, principalmente, de um engajamento ativo, conjunto e rotineiro junto ao grupo de boxeadores. “Como as pessoas aprendem é algo que pode ser mais bem capturado pela noção de participantes cambiantes na prática em curso do que por pressuposições naturalizadas sobre aquisição de conhecimentos” (Lave, 2015, p.40). Ou seja, aprender boxe é construir uma relação com outros praticantes, relação esta que depende de um comprometimento engajado junto ao grupo, construindo um corpo boxeador aprendendo “a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo” (Idem, p.41). Aqueles praticantes que, por motivações diversas, não se comprometem coletivamente com a prática, buscando certo isolamento dentro da academia, estarão menos sujeitos a dividirem os ensinamentos, que são compartilhados em forma de prática. Nos ensinamentos verbalizados são utilizadas diversas imagens e metáforas que apresentam o corpo como *lócus* do conhecimento. “Pensar com as pernas”, “roubar no olho” – antecipar-se à imprevisibilidade das ações do oponente – são dois exemplos da linguagem utilizada na pedagogia da aprendizagem. Uma prática coletiva, portanto, como já apresentada por Wacquant. É através dessa complexa pedagogia que ocorre a construção do corpo boxeador, compartilhando narrativas sobre a experiência dos mais antigos, mas, principalmente, fazendo junto. Trata-se, portanto, não de um conhecimento essencial, pronto e adquirido a ser transmitido aos discípulos por um mestre, mas de um conhecimento que se dá no convívio, na relação e no fazer.

## “Tira-sangue”

Pela primeira vez na vida, recebi um soco – cruzado de esquerda certo no queixo. A boca se encheu de sangue, mas o pior é a tontura e dor na cabeça, afetada pela ligação com a mandíbula, deixando-me zozinho pelos próximos segundos. A dor de cabeça continuou pelo menos por mais duas ou três horas. Um enorme hematoma roxo surgiu abaixo de meu olho direito, lado atingido pelo golpe (Caderno de Campo, 17 de julho de 2017).

Meu *rito de passagem* na academia do Tatuapé aconteceu em uma sessão de *sparring* com Minotauro. Considerando-me apto a um combate mais sério, desafiou-me para três *rounds*<sup>93</sup>. Em Angola, disse Leon, treino de *sparring* é chamado de “tira-sangue”. “É normal”, ele sempre diz. “É preciso apanhar para perder o medo”. O que faz um bom aprendiz de boxe é sua capacidade para apanhar e seguir em frente. Não é qualquer praticante que pode participar do “tira-sangue” e, assim, expor-se à possibilidade de receber um golpe cortante em sua face, mesmo que devidamente protegido pelos materiais específicos: capacete e protetor bucal. O ringue permanece, dentro do ambiente da academia, como um local de restrito acesso e permanência. Michel Foucault possivelmente chamaria o ringue de uma *heterotopia*, “a contestação de todos os outros espaços” (Foucault, 2013, p.28). Para Foucault, a heterotopia determina uma contestação que pode ser exercida de duas maneiras, “criando uma ilusão que denuncia todo o resto da realidade com ilusão, ou, ao contrário, criando outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso, tão em disposto quanto o nosso é desordenado” (Idem, p.28). Creio que o ringue atenda às duas expectativas: é uma ilusão – no sentido de ser o palco utilizado cotidianamente para as sessões de *sparring*, ou seja, cenário para simulações de combate – e um espaço real perfeito – por ser o *locus* do boxeador – ao mesmo tempo. Pela perspectiva da antropologia urbana, o ringue seria um “lugar fora do pedaço” (Magnani, 2016, p.4), território de conflito latente, associado ao perigo e ao desconhecido. Uma microlocalidade em disputa, saturada de sentidos, portanto.

---

<sup>93</sup> Pela primeira vez na vida, recebi um *cruzado de esquerda* certo no queixo. A boca se encheu de sangue, mas o pior foi a tontura e dor na cabeça, afetada pela ligação com a mandíbula, deixando-me zozinho pelos próximos segundos. A dor de cabeça continuou pelo menos por mais duas ou três horas. Um pequeno hematoma roxo surgiu abaixo de meu olho direito, lado atingido pelo golpe.

Qualquer movimento durante um *sparring* é observado, mesmo de canto de olho, mesmo que não pareça ser, ao contrário dos outros usos do espaço, quando pouca atenção é dada aos movimentos individuais de cada boxeador (nos *sacos de pancada* ou durante a *sombra*, por exemplo). No Tatuapé, alguns dos praticantes mais velhos e experientes pouco subiam ao ringue durante suas compromissadas horas diárias passadas na academia. Dentre as subdivisões territoriais existentes dentro da academia, o ringue permanece como local proibido, sagrado, espetacular, romantizado da prática pugilística. Quer seja na *Street Boxing* ou na Boxe Tatuapé, o ringue ocupava diferenciado *status* dentro da academia. Gigante explicou porque nunca pratica *sparring* durante os treinos: “o que eu mais gosto no boxe é bater e derrubar, então não consigo bater leve, seu for pra subir eu vou pra nocautear”. Maurício supõe um *sparring* com ele e logo é advertido por Minotauro, que confirma sua vocação. “se ele subir derruba mesmo, você não aguentaria um *round*”.

A aprendizagem do boxe através do *sparring* permite a experimentação de variações de si enquanto participante de uma complexa relação corporal, visual, dinâmica e gestual. Um “corpo total, social e biológico, e não uma entidade separada na qual vemos converterem-se depósitos de historicidade ou cultura” (Pinho, 2005, p.136) Uma aprendizagem do corpo, pelo corpo e para o corpo, através de uma apreensão complexa, educacional e, principalmente mimética. “O corpo que ensina dança suavemente seu conhecimento para que a assistência entre em transe com ele e que, pela imitação virtual de seus gestos, algumas dessas ideias entrem na cabeça por meio dos músculos e dos ossos” (Serres, 2004, p.90). O boxeador precisa estar preparado para “pensar em movimento”, como sempre diz Minotauro, criando na experimentação, exposto, disponível para o jogo. “Joga!”, sempre grita Leon nas sessões de *sparring*. É estar disponível para o jogo. Devir jogador. É “pensar com as pernas”, “pensar com o quadril”, sempre repete Minotauro.

### **Corpo, *mimesis* e percepção**

Foi durante uma sessão de Escola de Boxe que ouvi de Breno a definição mais complexa e multifacetada sobre a aprendizagem do boxe. “Boxe é ritmo, tempo e

barulho”. O antropólogo britânico Tim Ingold provavelmente se interessaria sobre essa definição para o pugilismo. Ingold (2015, p.95) desenvolveu suas “meditações sobre um processo de habilidade” a partir das atribuições de um marceneiro: “sua ordem é processual, ao invés de sucessiva. Na caminhada, cada passo é um desenvolvimento do anterior e uma preparação para o seguinte. O mesmo é verdadeiro para cada movimento da serragem” (Idem, p.98). Em outra ocasião, Breno repetiu quase a mesma fórmula, ao dizer que, no boxe “cada movimento prepara o próximo movimento”. Assim, a perspectiva de Ingold, para quem a habilidade se desenvolve “no estreito acoplamento do movimento corporal e da percepção<sup>94</sup>” (Idem, p.151), possui enorme ressonância com a pedagogia do boxe. Conforme observou Carvalho e Steil (2013, p.65) “contra a concepção de que as estruturas mentais são anteriores à ação, Ingold argumenta que tanto a produção do conhecimento quanto a sua transmissão são indissociáveis do engajamento dos sujeitos no mundo e da sua ação criativa no presente”. Ação e percepção como fundamentos indissociáveis na formação do corpo boxeador. Outros exemplos parecem indicar justaposições semelhantes. Em outra ocasião, anotei a orientação de Piva, durante uma sessão de Escola de Combate, quando percebeu que a fadiga dos praticantes atrapalhava a atenção: “cuidado para não perder a técnica”. Jacopo contou sobre um aluno seu, em Perúgia, que começou a treinar boxe aos 38 anos de idade e, aos 42, começou a competir em torneios oficiais. Usou esse exemplo para me dizer como “o limite está na cabeça e não no corpo”.

Se o *sparring* corresponde a padrões de relação testados e experimentados durante as sessões de treino, uma outra forma de aprendizagem que opera em uma academia de boxe diz respeito à faculdade mimética, ou *mimesis*, nas relações entre os corpos. Prestar atenção aos movimentos dos treinadores, boxeadores mais experientes e colegas considerados habilidosos é fundamental para a pedagogia do boxe. Imperativos como “presta atenção!”, “olha como eu movimento o quadril”, “veja como ele estica o braço todo”, recheiam meu caderno de campo. Wacquant (2002, p.138) aponta para uma “dialética do corporal e do visual: para compreender o que se deve fazer, olha-se os

---

<sup>94</sup> Em *Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano* (2008), Ingold desenvolve seu conceito de percepção. “A percepção não é uma operação “dentro-da-cabeça”, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo” (Idem, p.2). Dessa forma, o autor realiza uma crítica aos estudos associados à Antropologia dos Sentidos, visto que esta separa e dicotomiza mente e corpo, tomando os sentidos como uma característica universal humana. Ou seja, para Ingold, o erro estaria em supor que todos receberíamos os mesmos estímulos, que seriam filtrados, interpretados e priorizados de acordo com os modelos mentais e conceitos que nossa aprendizagem em dada cultura nos teria fornecido.

outros boxearem, mas só se vê verdadeiramente o que eles fazem quando isso já foi um pouco compreendido com os olhos, isto é, com o corpo”. Ver com o corpo através de uma *educação da atenção*<sup>95</sup>. Em *A doutrina das semelhanças*, Walter Benjamin (1987) conceitua o comportamento mimético como uma característica do aprendiz, para além de seu conteúdo sensível. Ou seja, a faculdade mimética não se resume a imitação gestual, por mais que possa se iniciar a partir desta. Isso porque o boxeador busca, através dos contínuos e rotineiros treinamentos, inculcar padrões tradicionais de gestualidade ao mesmo tempo em que persegue um movimento singular, capaz de particularizá-lo entre os outros praticantes. Os dois movimentos ocorrem sem uma ordem determinada, ou seja, repetição e alteração se justapõem no corpo do praticante. Aqui vamos ao encontro do antropólogo americano Michael Taussig (1993, p. xiii), para quem “a *mimesis*, para além de equivaler a copiar e imitar, é da ordem de explorar diferenças, ceder-se ao e tornar-se outro”. Para Mylene Mizrahi (2007, p.254), “*mimesis* e alteridade são assim duas faces da mesma moeda. O que se quer não é tanto permanecer o mesmo, mas manter a igualdade, transpondo-se corporalmente pra a alteridade”. Boxeadores imitam para transformar. É através da intensidade, do comprometimento e da atenção que se desenvolve um verdadeiro Outro.

### **Outras técnicas corporais**

**Dor.** Seja no discurso de Leon ou na práxis do Boxe Tatuapé, a dor e o sacrifício dos exercícios físicos extenuantes são o que fazem o conhecimento “entrar” no corpo dos praticantes. “Se sente dor é porque o boxe está a entrar em você”. O que Leon está dizendo é que não é através do intelecto que se apre(e)nde o boxe e sim pela capacidade de adquirir dor. Que a dor parece ser um componente intrínseco da prática do boxe não é novidade. Faz parte da rotina do boxeador, mesmo daquele que não se sujeita a prática do *sparring*. “Estou moído do treino físico de ontem, mas não podia deixar de treinar hoje para não relaxar o corpo”, disse Marcelo, um novato da equipe do Tatuapé,

---

<sup>95</sup> Ingold, novamente, relampeja aqui. Para o autor, “os sistemas perceptuais não apenas se imbricam em suas funções, mas também se submetem a um sistema total de orientação corporal (...). Olhar, ouvir e tocar, portanto, não são atividades separadas; elas são apenas facetas diferentes da mesma atividade: a do organismo todo em seu ambiente” (Ingold, 2008, p.20).

comprometido desde o início com o grupo. Ombro, costas, pescoço, punho, joelhos, enfim, o complexo muscular que se efetua na prática do boxe marca o corpo-organismo de seus praticantes, muitas vezes de maneira irreversível. Pequenas fraturas, “mal-jeito”, hematomas, arranhados, cortes e diversos tipos de machucados são constantemente relatados, observados e comparados. Wacquant escreveu que “os boxeadores não têm qualquer especial afeição pela dor” (2002, p.114). Longe de encerrar a questão dentro de um dualismo imaginário – dor *versus* bem-estar –, proponho considerar a dor como uma técnica a ser apreendida no cotidiano da academia. “Um corpo sem dor é um corpo que não aprende boxe”, sempre diz Leon. Dores criadas em outras atividades são lembradas e comparadas, relativizadas e medidas a título de comparação com o boxe. “Quando eu andava de skate, machucava a canela e o joelho, agora no boxe machuco a cara”, disse Careca, um novato da equipe do Tatuapé.

**Matemática.** Para Leon, “boxe é matemática”. “É igual no mundo todo, são apenas três movimentos possíveis” – ele gesticula enquanto fala: “reto (*jab* ou direto), por baixo (*upercut*) ou cruzado. O que muda são as combinações possíveis entre eles”. Uma arquitetura gestual simples, certamente, que deve ser acoplada a um corpo que “pensa com as pernas”. Nos afastamos da simplicidade. Foi durante uma sessão de *sparring* entre eu e Leon que a aparente contradição foi pronunciada. A metodologia combinada, para efeito do treino, era que somente eu pudesse golpear enquanto ele apenas se defendesse. Observando a maneira como eu hesitava em aplicar uma sequência eficaz de golpes, dando a clara sensação de que o conhecimento ainda não fazia parte de meu repertório gestual, ou, dito de maneira ingênua, não estava *naturalizado* em minha *performance*, ele interrompe o treino e me diz: “não pode ser muito matemática!”.

**Confiança.** Sendo o boxeador “uma *engrenagem viva* de corpo e de espírito que despreza a fronteira entre razão e paixão, que explode a oposição entre a ação e a representação” (Wacquant, 2002, p.34), a aprendizagem da técnica pugilística consiste em inculcar no complexo corpo-mente do praticante comprometido a habilidade de acreditar na própria intuição. Aqui, novamente, retomamos Mauss, para quem a eficácia da técnica não pode ser compreendida sem a *confiança*, “momentum psicológico capaz de associar-se a um ato que é antes de tudo uma proeza de resistência biológica” (Mauss, 2003, p.406). Para o italiano Jacopo, a confiança é fundamental para a relação dentro da academia, é “um elemento de conexão” sem o qual não se desenvolve o boxe. A confiança em si depende da confiança no treinador, pois é este que vai colocar você

no ringue. “No ringue você está sozinho, mas depende da visão do treinador, que está no *corner* e trabalha orientando o atleta o tempo todo”. Confiança em si e no treinador como indissociáveis. Dessa maneira, a *magia* do boxe consiste, como em toda técnica corporal eficaz, na justaposição do “ato técnico, ato físico e ato mágico-religioso” (Idem, p.407) que engendre uma “intencionalidade predatória” (Viveiros, 2004, p.355) em seu praticante, uma capacidade de autodeterminação que coloque em movimento essa engrenagem viva. Um corpo total, novamente. A pergunta que cabe é: essa confiança adquirida com a aprendizagem do boxe reterritorializa-se em outras relações do boxeador? Novamente, longe de esgotar a discussão, alguns indícios foram apontados no decorrer da presente dissertação.

**Memória.** Ao assumirmos que o corpo é o primeiro suporte da memória, podemos supor que a lembrança, ou o ato de lembrar, possivelmente envolverá uma ordem sensorial. Aqui colocamos em diálogo a percepção sensorial de Ingold (2008) com os escritos sobre *memória* de Michael Pollak. Para este, “nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores” (Pollak, 1989, p.12). Narrativas de antigos combates são recheadas de percepções e lembranças corporificadas: um olho roxo, o nariz quebrado, o gosto de sangue na boca, a visão torpe, a dor de cabeça, o nocaute. Nunca um nocaute é esquecido. Minotauro lembra em detalhes as diversas sensações percebidas quando caiu, no segundo *round*, consequência de um golpe na costela, em sua primeira luta na Argentina:

a primeira sensação foi da perna ficando mole; os joelhos ficaram bamba e quando percebi já estava no chão. Tentei puxar o ar e senti uma dor horrível. Tentei levantar a cabeça e não consegui, então voltei para a lona e esperei a contagem do juiz, já sabendo que não ia dar para continuar. Foi tudo muito rápido, mas na hora senti como se o tempo tivesse parado (Caderno de campo, 23 de outubro de 2017).

**Violência.** A violência no boxe é vista como sinônimo de uma relação desleal, abusiva, absurda e/ou arbitrária entre dois oponentes durante um *sparring*. Foi assim que o golpe *direto* de Rogério em Rodrigo, formando um enorme hematoma no olho esquerdo deste, que duraria semanas para se curar, foi severamente condenado por meus colegas de

treino. Rogério lutava entre os profissionais, tendo em seu currículo alguns combates internacionais, além de pertencer a uma categoria de peso maior, enquanto Rodrigo, menor e mais leve, era apenas um novato. Por mais que seja tênue a separação, em uma sessão de *sparring*, entre treino e “pega pra valer” (combate exaustivo), a diferença técnica e de peso entre dois oponentes geralmente é levada em conta na hora do combate, resultando em uma relação fluida e dinâmica, que busca o aprendizado, mais que o resultado. Assim, um “pega pra valer” (geralmente) acontece apenas a partir de um acordo explícito, mesmo que não verbalizado, mas tacitamente percebido, entre dois praticantes. Uma quebra desse acordo pode ser entendida como violência, como no caso citado acima.

**Medo.** O medo é outro componente íntimo ao mundo do boxe. “Se alguém disser que não sente medo de lutar é porque sua vida já perdeu o sentido”, disse certa vez Linguíça. “Quem tem queixo tem medo”, disse, em outra ocasião, Assolam. Minotauro, o mais experiente do grupo, revelou seu enorme medo em fazer *sparring*, pela primeira vez, com Leon. Longe de ser universalmente natural, ou naturalmente universal, o medo precisa ser apreendido, domesticado, conquistado e, muitas vezes, desejado. Uma técnica do corpo maussiana, novamente. A ligação entre medo e fisiologia corporal foi descrita por Jacopo em uma conversa: “o medo corta o fôlego, corta a capacidade do boxeador de se movimentar. Por isso, principalmente nas primeiras lutas, o atleta não consegue reproduzir o que desenvolve no treinamento”. Ouvi algumas histórias de boxeadores que eram excelentes nos treinos, mas não conseguiram tornarem-se bons atletas competitivos. Linguíça contou sobre o Tatuado, ex integrante da equipe do Tatuapé: “era bonito ver ele treinando, muito dedicado, nunca cansava, sabia bater no saco como ninguém. Mas suas lutas competitivas eram horríveis, não ganhou quase nenhuma, ele tinha muito medo de lutar”. Jacopo também contou sobre um colega de treino que era excelente no *sparring*, mas não conseguia desenvolver suas habilidades durante uma luta competitiva. “No futebol você pode jogar mal e conseguir vencer o jogo, já no boxe jogar mal significa apanhar, poucos praticantes lidam bem com isso”.

É a prática do *sparring* que permite o exercício de controlar e administrar o medo, como explicou, certa vez, Maurício:

“Não dá pra dizer quando ele começa e quando termina. Muitas vezes chego na academia e imediatamente sinto aquele frio na barriga, aquela sensação gostosa

de perigo. Esse é o dia bom para fazer *sparring*. Quando estou muito relaxado, prefiro nem subir (no ringue), porque sei que vou apanhar e me chatear com isso. O medo é o melhor instinto do boxeador” (Caderno de campo, 02 de março de 2018)

Os constantes desafios, provocações e brincadeiras jocosas que circulavam entre os membros da equipe Tatuapé eram formas de se praticar algumas dessas outras técnicas corporais. Dessa maneira, não é apenas o gestual que deve ser apreendido pelo pugilista em busca da eficácia, mas todo um arranjo de comportamentos que envolvem lidar com múltiplas sensações e percepções. Nenhum conhecimento acontece sem uma metamorfose do corpo. “Toda relação é uma transformação” (Viveiros de Castro, 2002, p.114). Minotauro, observando um novato durante uma sessão de *sparring*, gritou: “você não está fazendo nada do que faz no saco de pancada”. A inconstância do corpo boxeador entre o praticar e o lutar revela os passos de um aprendizado lento e doloroso, processo de transformação onde o aprendiz objetiva “modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas” (Wacquant, 2002. p. 115). Jotabê sabia efetivamente a diferença entre “praticar boxe” e “lutar boxe”, como vimos no primeiro capítulo. A aprendizagem do boxe através do *sparring* permite a experimentação de variações de si enquanto participante de uma complexa relação corporal, perceptiva, dinâmica e gestual. Foi Breno quem alertou, durante um treino, de que “não existe técnica infalível, toda defesa gera um vulnerabilidade; sempre vai entrar um golpe, o ideal é minimizar o volume de golpes recebidos”. Por mais que existam diversos arranjos em torno das lutas, competitivas ou não, podemos afirmar que não há previsibilidade no boxe. Fato que, além de reforçar seu arquétipo dualista, aponta para o processo inventivo e utópico dessa complexa técnica corporal.



Foto 12: Breno, ao centro, trabalha como juiz em um torneio de exibição na MM Boxe, a academia de tradição cubana administrada por sua família, em Rio Claro/SP.

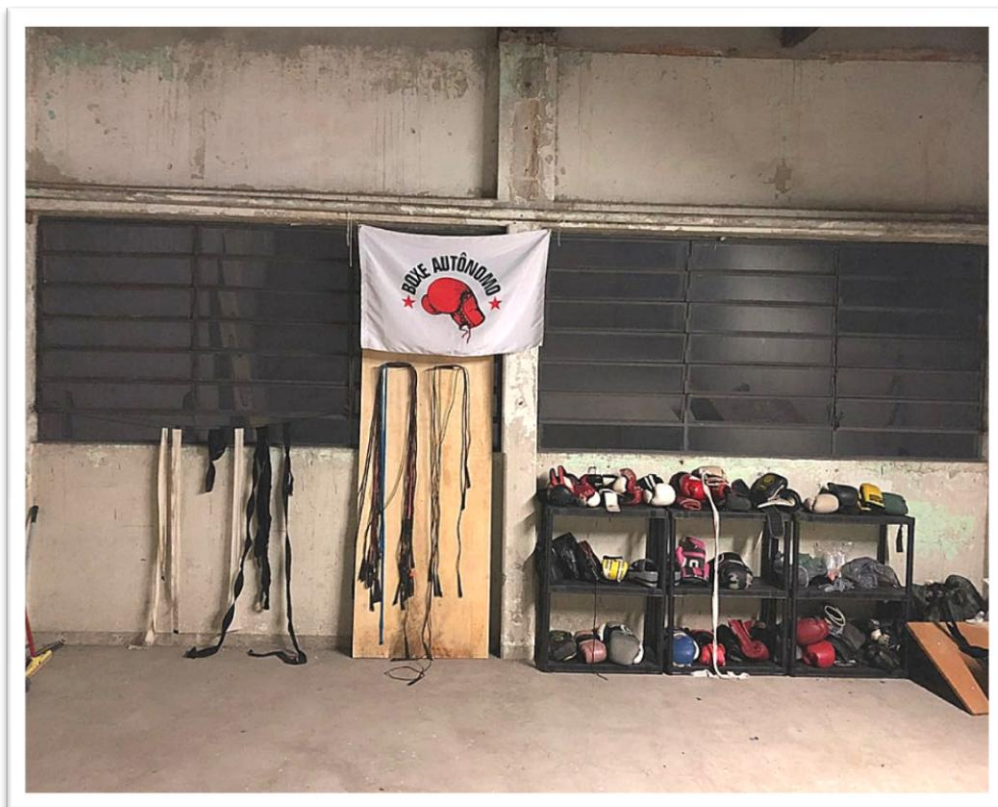


Foto 13: O canteiro de obras do Boxe Autônomo, em uma das salas ocupadas pela equipe, no terceiro andar da Casa do Povo. Ao centro, a bandeira com o símbolo da equipe.

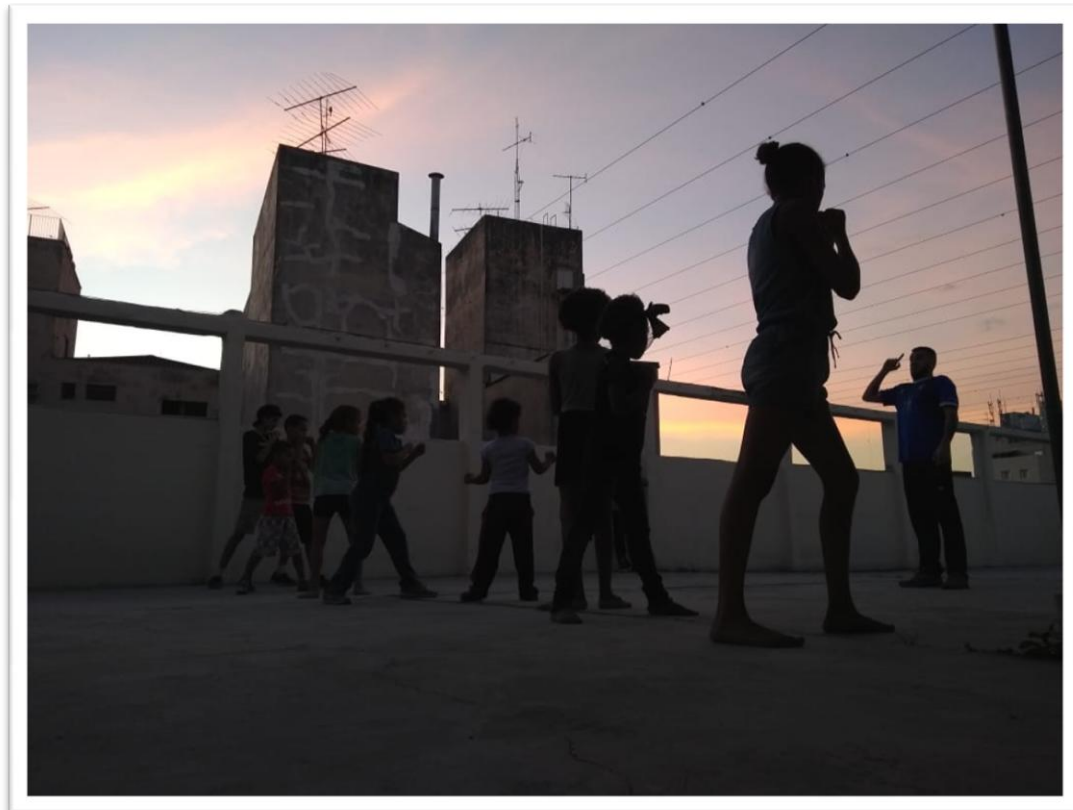


Foto 14: Piva puxando um treino para as crianças da Comunidade do Moinho, na parte externa do terceiro andar da Casa do Povo, anteriormente ocupada por uma quadra de futebol.



Foto 15: Sessão de *sparring* entre Assolam e Minotauro, na Boxe Tatuapé. Ao fundo, cartaz com foto do Mestre Baltazar, entre as bandeiras do Brasil e do Estado de São Paulo.



Foto 16: Sessão de Escola de Combate durante treino na Casa do Povo, na sala de piso de madeira do segundo andar.

## Considerações finais

*O boxe é movimento, é o movimento que conta.*

*DeeDee*

*A cidade é feita essencialmente de movimento.*

*Michel Agier*

## Notas para alguma discussão

O presente trabalho, uma etnografia onde “é o movimento que conta”, demandou uma *itinerância*<sup>96</sup> entre academias, equipamentos, ruas e bairros, levando a sério uma metodologia multidimensional, concretizada a partir de meu engajamento no mundo do boxe. Um *movimento* carregado de experimentações, improvisações e imprevistos, seguindo, assim, a proposta de Ingold (2015, p.309) de que “improvisar é seguir os caminhos do mundo, na medida em que se abrem, ao invés de recuperar a cadeia de conexões, desde um ponto final para um ponto de partida, em uma rota já percorrida”. Ou seja, uma etnografia que buscou captar a dinâmica sobreposição de dois complexos movimentos: o movimento *essencial* do boxe enquanto metáfora vivida, assim como a constante mobilidade de seus sujeitos e equipamentos. Conheci diferentes formas de *habitar* (Idem, p.247) o mundo, marcadas por múltiplas determinações de cunho histórico-estruturais, justaposições, assim como hibridações, as quais compõem modos de subjetivação, corporeidades e arranjos político-sociais de meus colegas boxeadores.

O corpo boxeador é, de certa maneira, o inverso da “desposseção corporal radical” (Viveiros de Castro, 2016)<sup>97</sup> – forma social de biopoder do estado escravocrata até pouco tempo vigente no Brasil. Através das narrativas apresentadas aqui, pudemos verificar como, de certa forma, a potência transformadora do corpo boxeador – corpo-território constantemente racializado – consiste em gerar “uma alteridade que já não existe enquanto forma de vida alternativa e completa, mas sim como indício persistente de certa violência inicial que delata a arbitrariedade da ordem vigente” (Moraes, 2018)<sup>98</sup>. A discussão diz respeito à íntima relação entre o sacrifício exigido na prática do boxe e as narrativas *heroicas* autobiográficas de meus colegas. Parece que o boxe serve para *falar* sobre os limites a que são/foram expostos suas vidas. Limite entre vida e morte, limite da condição de estrangeiro e negro, limite impostos pela segregação, acesso às condições de cidadania e pertencimento à cidade, entre outros. Aqui nos afastamos dos pressupostos teóricos que orientaram a Escola de Chicago. Conflito, ruptura e invenção ao invés de coesão, integração e assimilação. Preocupado com

<sup>96</sup> Conceito que se opõe ao de *iteração* (Ingold, 2015, p.309). Itinerância significa seguir o movimento em busca de singularidades, enquanto iteração seria a reprodução de um ponto de vista fixo.

<sup>97</sup> Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/554056-povos-indigenas-os-involuntarios-da-patria>

<sup>98</sup> Disponível em: <https://antropologiacritica.wordpress.com/2018/01/29/pesquisa-social-contemporanea-e-sensibilidades-comunistas/>

processos de construção de territórios, corpos e relações, busquei captar as variações, controvérsias e o fluxo social. Ou seja, a inquietação que me motivou foi sobre como a sociedade *se transforma* e não como ela *se mantém* – premissa funcional-estruturalista, que privilegia a construção de modelos e descrição das regras sociais. Assim, uma primeira hipótese, preliminar, de que o boxe seria uma maneira de integração/inserção de meus colegas em redes de sociabilidade, através de uma prática sócio-esportiva, parece não se confirmar. As intenções e compromissos de meus interlocutores com relação ao boxe são outras e diversas.

Mais que conhecimento incorporado, a prática do boxe permite a experimentação de si enquanto corpo em relação, possibilitando reflexões sobre o estar no mundo de uma perspectiva singular, formada no comprometimento com o calçar das luvas. Se existe alguma magia nessa técnica corporal, como supôs Mauss (2003), ela está em sua exigência de compromisso rotineiro, através do *corpo total*, fazendo da prática, território saturado de significações, uma atividade favorável à “conversão religiosa” (Peirano, 1994, p.217), independente da motivação de seus iniciantes. Assim, captado pela instituição pugilística através de um engajamento concreto e permanente com meus colegas boxeadores, incluo-me entre os convertidos. “A conversão religiosa parece indicar que a antropologia favorece, em determinados contextos, uma reestruturação da visão de mundo destes pesquisadores” (Idem, p.217). O próprio Wacquant (2002, p.20) deixou claro o limite sob o qual se achou em dado momento, visto que “na embriaguez do mergulho, durante algum tempo, cheguei a pensar em interromper minha carreira universitária para “passar para o lado” dos profissionais e, assim, permanecer junto a meus amigos do *gym* e ao técnico”.

Dessa maneira, academias de boxe formam territórios de engajamentos coletivos, agenciados por múltiplos e variáveis comprometimentos. O pugilismo é uma técnica corporal que instaura padrões de relação imanentes, onde as perspectivas de cada participante, ainda que precárias, se suplementam umas às outras gerando possibilidades sempre inéditas de combinação e efeito. São ordenações que operam silenciosamente, através do cotidiano, por isso pouco perceptíveis a um olhar *de fora*. Exatamente por ser uma prática coletiva, o boxe é um território de entrega e confiança, não nos fins, mas nos meios<sup>99</sup>. E em todos os casos, o corpo boxeador é sempre forjado

---

<sup>99</sup> Agradeço a Renato Jacques pela colaboração nessa discussão.

levando-se em conta uma virtualidade da situação de *conflito*<sup>100</sup>, reforçada pelo estado de exceção – na verdade, a regra, como previa Benjamin (1987, p.226) – sob a qual está submetida nossa conjuntura política. Quer seja o conflito dos enfrentamentos politizados, como prevê o Boxe Autônomo, quer seja o conflito gerado pela violência cotidiana nos territórios vulneráveis da cidade, como me alertaram, no Boxe Tatuapé, Gigante e Ronaldo. Quer seja o conflito relacionado a história de vida, como para Jotabê, ou entrelaçado às memórias afetivas, como para Leon. Porém, o conflito, para um boxeador, não é uma situação a ser evitada, pelo contrário. É, de certa maneira, desejado como forma de habitar o mundo. É no conflito que o boxeador pode se expressar. É no conflito que o boxeador existe. É no conflito que o boxeador habita a cidade.

### **“É preciso conhecer o mundo”**

É preciso reconciliar a afirmação de Jonas, de que “é preciso conhecer o mundo”, com sua condição de cidadania enquanto “solicitante de refúgio”, visto que ambas habitam o mesmo corpo e pressupõem uma lógica que aparentemente apresenta-se como contraditória. O uso situacional da condição de refugiado revela uma agência interessante, entre a vitimização – quando necessária para acessar alguma condição de cidadania – e a moral meritocrática – quando afirma sua superioridade por ser africano. Tanto Jonas quanto Leon são, assim, “in-corporados como uma fronteira entre significados impostos e auto-atribuídos em disputa e em interseção com sentidos historicamente determinados de identidade e cultura negras” (Pinho, 2005, p.127). É Julia Moreira quem nos alerta que “os refugiados são atores que não apenas entendem o significado do termo ‘refugiado’, mas também usam estrategicamente esse rótulo para obter benefícios” (Moreira, 2012, p.27) nos embates das escassas oportunidades de aderir aos *privilégios* e instituições sociais, seja quais forem. Por outro lado, tenho como pressuposto que

---

<sup>100</sup> O *conflito* é visto aqui como uma possibilidade de contra-violência. Forma de relação, simbólica e virtual, com estruturas opressoras, conforme conceito elaborado por Frantz Fanon (1968). Nesse caso, o conflito não se encerra em sua forma metafórica ou física. Trata-se de uma *teoria vivida*, portanto. Um conceito de *pessoa*.

“a migração é experienciada subjetivamente e que, do ponto de vista social, trata-se de algo complexo e multifacetado, compreendendo-se que o deslocamento físico é apenas um dos momentos do movimento, constituído por temporalidades materiais e imateriais, cronológicas e subjetivas” (Coelho, 2012).

Leon e Jonas parecem indicar como o corpo é o lugar de uma *reinvenção de si* (Pinho, 2005) em suas atividades cotidianas, desejos, memórias e silêncios. Reinvenção esta relacional, criativa e controversa. É através da criação de uma historicidade a partir do símbolo-África, assim como a *reação* contra a figura de vulnerável através da performatividade-boxeador que se processa essa *reinvenção de si*, imbricadamente relacionada com o “fazer-cidade” (Agier, 2015). Pois, antes de ser tema de reflexão, o processo de “fazer-cidade” é realizado, aprendido, memorizado e marcado através e pelo corpo. Leon e Jonas são corpos negros-imigrantes-refugiados e estas três dimensões não podem ser desassociadas em qualquer que seja a análise, com risco de perder as contradições que formam sua singularidade histórica no embate dos processos de modernização mundial. Carregam, assim, duas categorias aplicadas aos sujeitos em mobilidade, duas formas de biopolítica estatal aplicadas a sujeitos e coletivos regularmente distintos, visto ser *imigrante* uma categoria das mobilidades voluntárias e *refugiado* um categoria das mobilidades forçadas. Suas corporeidades suportam, assim, esta aparente incongruência, assim como as contradições próprias da masculinidade negra.

Por outro lado, tanto Leon como Jonas se utilizam de nossa relação, no mínimo para compor um *capital social* que possa fazer algum sentido em certo momento. As fotos tiradas por Leon durante os treinos, e postadas em sua rede social, caminham nesse sentido. Supor que eles não refletem, ou não estão conscientes sobre a gama de interesses que se desenvolvem em nossa intersubjetividade é uma constatação no mínimo ingênua que termina por reforçar a distância temporal entre pesquisador e pesquisado. “Assegurar que os interlocutores sejam vistos como agentes sociais pode ser conseguido dando-lhes o poder de refletir não só sobre suas próprias maneiras de viver, mas também sobre de seus "etnógrafos" visitantes e o que eles podem conhecer” (Venkatesh, 2002, p.108, tradução minha). Por mais que eles não concordem com nossas projeções – assim como julgamentos, conclusões e descrições – sobre suas práticas e as formas pelas quais nós as apresentamos em textos e seminários, nada

impede que mantenhamos uma relação de interesse ambíguo, mesmo que marcado por desigualdades e contradições, para ambos.

### **“Viajar é existir em outro lugar”**

*“A política e a economia africanas são condenadas a somente surgir no campo da teoria social como o signo de uma falta”  
(Mbembe, p.377. 2015)*

Por oposição ao signo da *ausência*, atributo identitário das populações africanas, como descreve Mbembe – o Outro *não ser*, alteridade hierarquicamente negativa, a imagem “do nada” mesmo –, meus colegas angolanos apresentam-me paradoxalmente outra. *Existência*. Fundam, assim, um devir universalista, cosmopolita e desejante de relações e alteridades – o boxe parece ser, em si, uma relação de alteridade direta, conflitiva e harmoniosa ao mesmo tempo, criativa e perceptiva. Assim, a cidade de São Paulo, e creio que posso, dentro desse argumento, ampliar meu foco, as cidades brasileiras não podem mais ser pensadas sem levar em conta uma multiplicidade de tempos, mobilidades, determinações, hibridizações e de racionalidades que, ainda que particulares e/ou muitas vezes locais, não podem ser pensadas fora de um mundo em constante processo de mutação para além das fronteiras, reais ou simbólicas. Dinâmica esta que acaba por questionar a própria materialidade da ideia de nação.

A indeterminação de seus caminhos, traçados engajadamente através do *fazer-caminhos*, em nada se equivale a uma pretensa desordem e/ou falta de projeto de vida. Talvez este o melhor exemplo do “fazer-cidade” (Agier, 2015) dos meus colegas angolanos. *Fazem fazendo*, mesmo que contraditórios, ora eficazmente, ora não. Fazem sem medo, mesmo que sem aparente medo, talvez conhecedores de que “o tempo da existência africana não é nem um tempo linear, nem uma simples relação de sucessão (...) mas um *encaixe* de presentes, de passados e de futuros que detêm sempre suas próprias profundidades de outros presentes, passados e futuros” (Mbembe, p.388, 2015).

Um passo para trás não significa retrocesso, mas sim oportunidade de contra-ataque. Criam e recriam, sempre em movimento, como no boxe.

### **Do lado errado da história**

Como visto, um dos fios que se soltou desse novelo aparentemente coerente que a etnografia, muitas vezes, se propõe, foi a demanda de Jotabê para que eu o ajudasse a descobrir quem era seu pai. Segui sua trajetória o mais longe que pude – uma complexa rede de desigualdades raciais, heranças e reproduções da escravidão – e busquei relacioná-las com sua atuação político-social enquanto professor de boxe. Creio que as narrativas do passado autobiográfico apresentadas por Jotabê através de palavras e corporalidades, silêncios e procedimentos, expõem as realidades sombrias experimentadas por aqueles que estiveram do *lado errado da história* e nos permite perceber a complexa inscrição do passado histórico no presente. Desse maneira, a presente análise segue ao encontro da proposta realizada pelo casal Comarrof (2010, p.21), para quem

sem a devida contextualização, as histórias passadas de pessoas comuns correm o risco de permanecer só isso: histórias. Para tornarem-se algo mais, estas “histórias escondidas”, parciais, têm de ser situadas nos mundos mais abrangentes do poder e do significado que lhes deram vida.

Em outro sentido, creio que através da biografia de Jotabê podemos verificar como as táticas cotidianas das pessoas não são completamente moldadas pelas normas culturais, por isso a importância de *levar a sério* as atualizações agenciadas por nossos(as) interlocutores(as). O que aprendi com Jotabê é que o conteúdo da decisão não é tão importante quanto o ato de ser determinado. Assim como no boxe, “a decisão é tomada no ato propriamente de agir; não há separação entre teoria e prática” (Wacquant, 2002, p.118) – e para isso, considere fundamental reconhecer a historicidade, de forma nenhuma accidental, dos sujeitos e não apenas dos objetos da observação etnográfica. Como vimos, Jotabê criava uma ordem temporal que parecia ligar os eventos traumáticos passados com os eventos atuais: o acidente com o time da

Chapecoense e a notícia da anulação do julgamento dos policiais do Carandiru foram dois exemplos. Assim como para Manjit, interlocutora de Veena Das (1999), a violência habitava seu cotidiano como um ato inacabado, sempre atualizado, metaforicamente como o texto do pesquisador, sempre reescrito. Contudo, enquanto para Veena Das a agência de suas interlocutoras não está no heroico e sim na vida cotidiana, a biografia de Jotabê parece suspender a própria dicotomia entre heroico e cotidiano. Sua passagem pelo Carandiru, assim como suas ações ilícitas e relatos de brigas são apresentadas como fatos heroicos, porém intimamente ativos e recriados em suas relações sociais cotidianas.

Dessa forma, é preciso historicizar e ampliar ao nível macro-geo-político a análise, para perceber como essas desigualdades foram criadas e permanecem continuamente reproduzidas. Não apenas o evento trágico do Carandiru, mas o projeto político desenvolvimentista do estado brasileiro, e sua posterior derrocada; a migração interna pós segunda guerra e o surgimento das periferias em São Paulo; a gritante desigualdade racial; o hiperencarceramento – consequência das políticas neoliberais – nos anos noventa; tudo isso incorporado no corpo-testemunho do boxeador.

### **Desvãos, espaços e presenças**

Os boxeadores com quem convivi possuem, como pretendo ter demonstrado, muitas ideias, desejos, percepções e relações ambíguas com relação à própria prática com a qual e pela qual se relacionam. Acompanhar essas construções de si através de suas narrativas, performatividades, atuações políticas e desejos, permite-nos esboçar como o boxe, onde “cada movimento prepara o próximo movimento”, está sempre aberto a novos sentidos. Mais que um mediador entre a casa e a rua, entre o público e o privado, as academias de boxe aqui frequentadas criam territórios de pertencimento espaço-temporal, lugares de pertença moral, emocional e material. Jotabê não se sentia em casa em lugar nenhum e encontrou no boxe um lugar seguro para si. Por outro lado, Leon se sente em casa em múltiplos lugares. Entre o nenhum e o múltiplo existem processos concretos de desejos, anseios e realizações, agenciados por meus colegas

boxeadores, engendrados nos processos de mobilidade pelos quais eles fabricam seus corpos e habitam a cidade.

É através da conexão entre as diferentes *camadas de movimento* que encerramos o percurso da dissertação. Seja na microlocalidade do ringue, seja na mobilidade transnacional dos angolanos, a ideia de *movimento* é um paradigma fundamental para pensarmos as relações entre os boxeadores e seus territórios. Na concepção de Ingold (2015, p.247), “as pessoas não são seres que se movem, elas são os seus movimentos (...). E lugares não são tanto localidades para serem conectados quanto formações que surgem no processo de movimento, como redemoinhos em uma corrente de rio”. Agier (2015, p.491) chama de *fazer-cidade* esse processo entendido como “sem fim, contínuo e sem finalidade”, ressaltando como “o movimento é essencial nesta concepção da cidade como construção permanente”. Magnani (2014, p.9), em uma revisão da categoria *circuito*, entendida como “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo”, chama atenção para o fato de que “são os *trajetos* que acionam essa movimentação, produzindo configurações no interior do circuito: podem ser mais amplas ou mais restritas, mais duradouras ou efêmeras”. Em sua construção do conceito de *território circulatório*<sup>101</sup>, Alain Tarrius (2002) chama de “saber-circular” a forma como as populações em mobilidade transnacionais se engajam com o mundo. Seja dialogando com a antropologia urbana, com os estudos migratórios ou com o conceito de construção de pessoa, essas ideias apresentam, em comum, uma descrença em ver a cidade como um espaço inerte, dado e homogêneo.

Para uma teoria vivida da cidade, podemos pensar nela, também, como uma forma de *técnica corporal*, onde “é o movimento que conta”. Vimos como a cidade *no* boxeador – seja sob o Viaduto do Glicério, em ocupações como na Favela do Moinho ou nos galpões da MM Boxe, ou em equipamentos compartilhados, como a Casa do Povo ou o parque municipal do CERET – é constantemente associada às suas próprias construções de si. Isso porque, esse o argumento central defendido aqui, são espaços que acolhem a prática, mesmo que de forma conflituosa. Espaços historicamente e estruturalmente diferentes que abrigam a presença, em seus cotidianos, da Nobre Arte.

---

<sup>101</sup> “O “território circulatório” faz referência a uma territorialidade constituída por coletivos/grupos – não necessariamente de migrantes/imigrantes – que se reconhecem enquanto tais na medida em que compartilham as mesmas situações de mobilidade e que se sobrepõem e se opõem às territorialidades constituídas pelo planejamento técnico e estatal” (Freitas, 2013, p.95).

Em uma academia de boxe, histórias de vida, corpos em metamorfose, olhares e gestos que representam, como mímica da violência, a postura da agressividade, se entrelaçam no limite entre o fantástico e o cotidiano. Através de relações de conflito e confiança, permanências e deslocamentos. Uma política do corpo, novamente.

## BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. “Refugiados diante da nova ordem mundial”. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v.18, n2, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro”. In: *Mana* 21 (3), 2015.
- ALMEIDA, Miguel Vale (org). *Corpo Presente: Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora, 1996.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai – A África na Filosofia da Cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BÁLSAMO, Pilar U. “Migrações entre a Costa do Marfim e a Venezuela: local, global”. In: *Cartografias da imigração: interculturalidade e políticas públicas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- BEAUCHEZ, Jérôme. “In the Shadow of the Other: Boxing, Everyday Struggles and the Feeling of Strangeness”. In: *Sociology*, vol.50, n.6. 2015.
- \_\_\_\_\_. “Quand les boxeurs “mettent les gants”: le sparring et les limites de l’institution du combattant”. In: *Ethnographiques.org*, n.20. 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Brasília: Editora Brasiliense, 1987.
- BERTHO, Alain. “Penser la ville monde”. In *Socio-anthropologie* n. 16, 2005.
- BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. “Corpo & Cidade: coimplicações em processo”. In: *Revista UFMG*, v.19, n.1 e 2, Belo Horizonte, 2012.
- CAPRARO, André M. SILVA, Bruna B. P. O., Fernando R. CAVICHIOLLI. “Adesão e Permanência de Mulheres no Boxe em Curitiba-PR”. In: *Motrivivência*, vol.27, n.45, 2015.
- CARATTI, Jônatas M. “Quando o boxe era caso de polícia”: Espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922). In: *Vozes, Pretérito & Devir*, vol.5, n.1, 2016.
- CARDOSO, Berta L. C. C.; SAMPAIO, Tânia M. V.; SANTOS, Doiara S. “Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas”. In: *Movimento*, Porto Alegre, vol.21, n.1, 2015.
- CARVALHO, Isabel C.; STEIL, Carlos Alberto. “Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica”. In: *Revista da PPGA/FURG-RS*, 2013.

- CECCHETTO, Fátima. “Estar lá, escrever lá”. In: *Physis*, vol.13. n.1, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política*. Tradução de Theo Santiago. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia da violência – pesquisas de antropologia política*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- COELHO, Lilian Reichert. “Migração, etnoterritorialidade e pertencimento numa cidade de pequeno porte do interior de Rondônia”. In: *Ponto Urbe* n.11, 2012.
- COMARROF, Jean e John. “Etnografia e imaginação histórica”. In: *Revista Proa*, n.02, vol.01, 2010.
- COOPER, Frederick. “Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África”. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 21-73, 2008
- COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991
- DAS, Veena. “Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, no 40, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, London, 2007.
- \_\_\_\_\_. “O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade”. In: *Cadernos Pagu* no 37, p. 09-41, 2011.
- DE LUCCA, Daniel. “A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua”. *Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social*. São Paulo, 2007.
- DE VRIES, Pieter. “The Inconsistent City, Participatory Planning, and the Part of No Part in Recife, Brazil”. In: *Antipode*, vol.48. n.3, 2016.
- DUNEIER, Mitchell. “Garder sa tête sur le ring ? Sur la négligence théorique et autres écueils de l'ethnographie”. In: *Revue française de sociologie*, vol.47, 2006.

- DURÃO, Susana. “O corpo, o gueto e o Estado Penal: entrevista com Loïc Wacquant”. In: *Etnográfica*, vol.12, n.2, 2008.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FASSIN, Didier. *When Bodies Remember: experiences and politics of AIDS in South Africa*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880 – 1924)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- FITZGERALD, David. “Towards a Theoretical Ethnography of Migration”. In: *Qualitative Sociology*, vol.29, n.1, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013
- FREITAS, Patrícia T. “Bolivianos(as) por entre oficinas de costura na cidade de São Paulo: novos aspectos da dinâmica migratória no século 21”. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Migração internacional*. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.
- FRÚGOLI Jr, Heitor. “Relações entre múltiplas redes no bairro alto (Lisboa)”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.28, n.82, 2013.
- GONÇALVES, Marco A.; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vania Z. (org). *Etnobiografia – subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.
- GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. “Mais além da “cultura”: Espaço, Identidade e Política da Diferença”. In: ARANTES, A. A. *Espaço da Diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- HANDERSON, Joseph. “Diaspora . Sentidos Sociais e Mobilidades Haitianas”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015.
- HANNERZ, Ulf. *Transnational connections: culture, people and places*. London: Routledge, 1996.
- HARAWAY, Donna. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, no 5, p.07-41, 1995.
- HAYDU, Marcelo. “Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração e a segregação”. In: *Revista Ponto-e-Vírgula*, n.5, 2009.

- HEISKANEN, Benita. *The Urban Geography of Boxing: Race, Class, and Gender in the Ring*. New York: Routledge, 2012.
- INGEN, Cathy Van. “Perceber o que enquadra o nosso olhar: procurando histórias sobre lutadoras negras nos primórdios do boxe”. In: *Recorde*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, 2016.
- INGOLD, Tim. “Become persons: consciousness and sociality in human evolution”. In: *Cultural Dynamics*, v.4, n.3, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano”. In: *Ponto Urbe* n.2, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estar Vivo – Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- LAVE, Jean. “Aprendizagem como/na Prática”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n.44, 2015.
- MAGNANI, José Guilherme. “De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092002000200002&script=sciarttext>
- \_\_\_\_\_. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- \_\_\_\_\_. “O circuito: proposta de delimitação da categoria”. In: *Ponto Urbe*, n.15, 2014.
- \_\_\_\_\_. “São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade”. In: *Ponto Urbe* n.18, 2016.
- MAMMÌ, Lorenzo. “Sobre uma velha história de boxe”. In: *O que resta – Arte e crítica de arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MARIANTE NETO, Flávio P. “Da Academia de Boxe ao Boxe de Academia: um estudo etnográfico”. *Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre*. Porto Alegre, 2010.
- MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MBEMBE, Achille. “Afropolitanismo”. In: *Áskesis*, v.4, n.2, 2015
- \_\_\_\_\_. “O tempo que se move”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.24, p. 369-397, 2015.

- MELO, Victor de Andrade. “Esporte, imagem, cinema: diálogos”. Rio de Janeiro: *Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, 2004.
- MELO, Victor de Andrade & VAZ, Alexandre F. “Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade”. In: *ArtCultura*, v.8, n.12, Uberlândia, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. 1994.
- MISSE, M. “Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *Lua Nova*, 79 (1), pp. 15-38, 2010.
- MISSE, Michel; WERNECK, Alexandre, BIRMAN, Patricia, PEREIRA, Pedro Paulo, FELTRAN, Gabriel, MALVASI, Paulo. “Entre palavras e vidas – Um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos: Entrevista com Veena Das”. *Dilemas*, vol. 5, no 2, 2012.
- MIZRAHI, Mylene. “Indumentária Funk : A Confrontação da Alteridade Colocando em Diálogo o Local e o Cosmopolita”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n.28, 2007.
- MOREIRA, Julia Bertino. “Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)”. *Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do Título de Doutor na área de Ciência Política*. 2012.
- MOREIRA, Julia Bertino; BAENINGER, Rosana. “Refugiados no Brasil: visões sobre o apoio prestado por instituições no país”. *Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Latino-Americana de População*, Montevideu, Uruguai, de 23 a 26 de outubro de 2012.
- NASCIMENTO, Silvana. “A cidade no corpo”. In: *Ponto Urbe*, n.19, 2016.
- NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, vol.19, n.1, 2006.
- OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio A. “Ringues de Gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe”. *Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre*. Rio de Janeiro, 2011.
- PALMIÉ, Stephan. *The Cooking of History: How Not to Study Afro-Cuban Religion*. The University of Chicago Press, 2013.

- PATARRA, Neide Lopes. Movimentos migratórios internacionais recentes de/para o Brasil e Políticas Sociais. *Travessias na Desordem Global*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PEIRANO, Mariza. “A favor da etnografia”. In: *Anuário Antropológico*, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.) “Análises de eventos & rituais”. *Série Antropologia 282*, Brasília: UnB, 2000.
- \_\_\_\_\_. "This horrible time of papers". Documents and national values”. *Série Antropologia 312*. Brasília, UnB, 2002.
- \_\_\_\_\_. “O paradoxo dos documentos de identidade: relato de uma experiência nos Estados Unidos”. In: *Horizontes Antropológicos* n.32, 2009.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo”. In: *Revista de Antropologia* vol.56, n. 1. São Paulo, 2013
- PINHO, Osmundo. “Espaço, Poder e Relações Raciais: O Caso do Centro Histórico de Salvador”. In: *Revista Afro-Ásia*, 1999.
- \_\_\_\_\_. “O mundo negro: sócio-anthropologia da Reafricanização em Salvador”. *Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas*. Campinas, 2003
- \_\_\_\_\_. “Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador”. In: *Estudos Feministas* n.13, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Pagodão: Corpo, Historicidade e Contradição”. 2011. Disponível em <http://www.geledes.org.br/osmundo-pinho-pagodao-corpo-historicidade-e-contradicao/#gs.null>
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricas*, vol.2, n.3, 1989.
- PRIOSTE, Marcelo Vieira. “O cinema documentário de Santiago Álvarez na construção de uma épica revolucionária”. *Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais*, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- RESTIER, Henrique. “O mal-estar da masculinidade negra contemporânea”. In: *Justificando*, 2017. Acesso em 26/06/18: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/08/16/o-mal-estar-da-masculinidade-negra-contemporanea/>
- ROLNIK, Raquel. “Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro”. In: *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, n.17, 1989.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

- SARTI, Cynthia. “A vítima como figura contemporânea”. In: Caderno CRH, vol.24, n.61, 2011.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração – ou os paradoxos da alteridade*. Tradução de Cristina Murachco, São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o Corpo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004
- SEVCENKO, Nicolau. “A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista”. In: *Revista USP* n.63, 2004.
- SZTUTMAN, Renato. “As metamorfoses do corpo”. In: *Revista Sexta Feira* n.4, 1999.
- SUGDEN, John. *Boxing and Society: an internacional analysis*. Manchester University Press, 1996.
- TARRIUS, Alain. *La mondialisation par le bas – les nouveaux nomades de l’économie souterraine*. Paris: Éditions Balland, 2002.
- TAUSSIG, Michael. *Mimesis and alterity : a particular history of the senses*. New York: Routledge, 1993.
- TJØNNDAL, Anne. “The Inclusion of Women’s Boxing in the Olympic Games: A Qualitative Content Analysis of Gender and Power in Boxing”. In: *Qualitative Sociology Review*, 2016.
- VENKATESH, Sudhir. “‘Doin’ the Hustle’: Constructing the Ethnographer in the American Ghetto”. In: *Ethnography*, vol.3, n.1, 2002.
- VICENTIN, Maria Cristina G. “Corpos em rebelião e o sofrimento-resistência: Adolescentes em conflito com a lei”. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v.23, n.1, 2011.
- VILLELA, Jorge M. Resenha de WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. In: *Mana*, vol.8, n.2, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”. In: *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n. 32, 1979.
- \_\_\_\_\_. “O Nativo Relativo”. In: *Mana*, vol.8, n.1, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Posfácio: o intempestivo, ainda”. In: *Arqueologia da violência: investigações de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

- WACQUANT, Loïc. “Os três corpos do boxeador profissional”. In: DANIEL SOÁRES et al., *A Dominação Masculina Revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Scrutinizing the street: Poverty, morality, and the pitfalls of urban ethnography”, *American Journal of Sociology*, vol.107, n.6, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais”. In: *Mana*, vol.6, n.2, São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Que é gueto? Construindo um conceito sociológico”. In: *Revista de Sociologia e Política* n.23, 2004
- \_\_\_\_\_. “Habitus como assunto e ferramenta: reflexões sobre tornar-se um boxeador”. In: *Estudos de Sociologia*, vol.2, n.17, Recife, 2011.
- WALLACE, David Foster. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Tradução de Daniel Galera e Daniel Pellizzari. São Paulo:
- WHYTE, William Foote. *Sociedade da Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução de Maria Leia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WOODWARD, Kath. “Rumbles in the Jungle: Boxing, Racialization and the Performance of Masculinity”. In: *Leisure Studies*, vol.23, n1, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Hanging out and hanging about: Insider/outsider research in the sport of boxing”. *Ethnography*, vol.9, n.4, 2008.

## Anexo 1 – Definições de boxe no *Atlas do Esporte no Brasil*

O boxe é uma prática esportiva que consiste em golpear o adversário com os punhos cerrados, gerando-se vantagens ou penalidades de acordo com um código. Algumas evidências sugerem a existência primitiva desta prática desde 1500 anos a.C. em diversas regiões da Europa, Mediterrâneo e Ásia, ressurgindo afinal na Inglaterra onde recebeu o formato atual ao término do século XVIII. A palavra boxe foi formada a partir do verbo inglês *to box*, cujo significado original era “bater”. Mas, por volta do ano 1500 d.C. passou a denotar “bater com os punhos”. Em latim, a palavra *pugillus* indica o punho fechado, em forma de soco. A partir deste nexos foi criada a palavra *pugillatus* (pugilato, em português) para indicar o antigo boxe romano. Nos tempos atuais, na prática, o termo pugilismo indica qualquer luta em que se usam principalmente os punhos, como o boxe inglês, o *savate*, o *pugmachia*, o *mala-yudha*, etc. A palavra boxe frequentemente apenas se refere ao boxe inglês praticado a partir das Regras de Broughton (criadas em 1743), e a palavra pugilismo, no caso, denota qualquer “boxe” anterior a esse período. O nobre inglês Marquês de Queensbury, entusiasta do boxe, resolveu dar-lhe determinadas regras tornando-o mais justo, equilibrado e menos violento a partir do uso de luvas (1867). Esta é a razão do boxe ter a alcunha de Nobre Arte. Geograficamente falando, a história do boxe inglês teve três grandes etapas: (i) origens e desenvolvimentos iniciais: Inglaterra entre 1000 e 1850; (ii) centrado nos EUA: de 1850 a 1920 porque os lutadores ingleses queriam permanecer lutando sem luvas, o que era coibido na Inglaterra; e (iii) difundido pelo resto do mundo, a partir de 1920, aproximadamente. Os grandes estudiosos da História do Boxe costumam dividi-la em, no mínimo, dois grandes períodos: o período do “pugilismo inglês”, que vai até cerca de 1740, e o do genuíno “boxe inglês”, que vai de cerca de 1740 aos dias atuais.

Em sua origem, o boxe não constituía um esporte no sentido estrito e atual do termo, mas uma forma de combate e sobrevivência, dado o seu caráter utilitário. Esta condição explica seu aparecimento em diferentes países e continentes vindo das raízes inglesas, antes de se transformar num esporte regulado por regras e padrões. Este trajeto se repetiu no Brasil, país em que a capoeira já existia e predominava quando o boxe surgiu no final do século XIX. Lutar era sempre associado à coisa de capoeiristas e, então, à marginalidade. Esse preconceito era especialmente forte entre os membros da elite

dirigente do país. As primeiras exibições de boxe em solo brasileiro ocorreram naquela época e só reforçaram esse preconceito: foram feitas por marinheiros europeus, que tinham aportado em Santos e no Rio de Janeiro, e naquela época os marinheiros eram recrutados das classes mais humildes. Entretanto, esta versão livre do boxe brasileiro passou a se subordinar a regras nos anos de 1920, quando surgiram no país as primeiras entidades normativas e de gestão da luta. Tais entidades interventoras manifestaram-se inicialmente em níveis locais (municipal e estadual) desde que não existiam ainda leis federais relacionadas ao esporte à época. Assim sendo, criou-se a Comissão de Boxe do Rio de Janeiro (1925), a Federação Carioca de Boxe (1933), a Federação Paulista de Pugilismo Amador (1936) e a Federação Gaúcha de Pugilismo (1944). Embora somente em 1941, com Decreto Lei 3199, o Governo Federal tenha inaugurado seu papel de agente regulador de esporte brasileiro, em 1935 o boxe já assumia uma postura nacional com a inauguração da Federação Brasileira de Pugilismo, que congregou inicialmente as federações do RJ, SP e MG. Os fatos de memória que se seguem acompanham o trajeto da codificação e organização institucional do boxe no Brasil, enfatizando personalidades influentes neste processo e circunstâncias significativas nele identificadas.

DaCosta, Lamartine (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Confef, 2006.

## Anexo 2 – Uma notável descoberta, ou, considerações sobre algumas relações em campo

A *Street Boxing* permaneceu fechada durante dias, desde que Jotabê adoeceu seriamente, em setembro de 2016. Chego lá para treinar e o chamo pela grade, do lado de fora. Ele me atende, acenando para que esperasse. Aproxima-se, joga um molho de chaves e diz para eu entrar pelo portão de trás. A entrada do fundo, um portão grande, fechado com uma grossa corrente, fica no limite do equipamento, fazendo muro com uma cooperativa de reciclagem que ocupa mais ou menos um terreno de mesma dimensão. Sempre há homens trabalhando, dia e noite. Jotabê me recebe com um punhado de folhas de sulfite dobradas em suas mãos. Achei que eram alguns de seus desenhos. Ele é um excelente desenhista e possui um caderno com diversas de suas criações, entre elas vários modelos de *logo-tipo* da *Street Boxing*, símbolos do Palmeiras (time de futebol para quem torce), paisagens urbanas, entre outras. Desenhos com diferentes temporalidades – alguns feitos dentro do Carandiru – e cada vez que mostra sua pasta relembra diversas passagens de sua vida, enquanto vejo os desenhos: o trabalho como Segurança no *Impróprio* – extinta casa de shows *Punk* localizada no bairro da Bela Vista; o tempo em que foi casado e morava em Santo Amaro, e a posterior separação; uma briga contra três *skinheads* que o ofenderam na porta de um bar; o reencontro com “aliados” e “desafetos” do período em que estava encarcerado. Aliás, reencontrar um “desafeto” pelas ruas da cidade pode ser fatal, dependendo do nível de rivalidade em jogo. A saber: Jotabê reencontrou um e me contou a história, que guardo para outra discussão. O importante desses exemplos é reter a violência, em múltiplas temporalidades, que habitam o cotidiano e a subjetividade de meu interlocutor. E orienta sua presença na cidade, seus deslocamentos, possibilidades de mobilidade e relação com as instituições em diversos níveis. Influencia sua forma de ensinar boxe, o faz refletir sobre racismo e criar possibilidades de agência no mundo.

Nesse dia, ele estava aparentemente melhor de saúde. Com a dispersão da equipe devido ao fechamento da academia, começo a frequentar, e treinar, sozinho, acompanhado apenas de seus olhares, conselhos e silêncios. Entro e ele me chama pra conversar. Pede pra eu sentar e começa a me contar sua peregrinação pelo Hospital Emílio Ribas, no qual estive durante a manhã do dia anterior. Após algum tempo de espera, foi atendido por um clínico geral que o encaminhou para uma série de exames.

Recebeu então uma receita com alguns medicamentos que deveria tomar nos próximos dias, entre eles anti-inflamatórios e antibióticos para tratar uma possível pneumonia. Como não tinha dinheiro para comprar os medicamentos, recebeu uma orientação do médico que deveria procurar a Assistente Social do Hospital para requerer uma solicitação de medicamento gratuito. Mais uma etapa burocrática. Sentado em frente a uma funcionária, precisou se apresentar e expor sua situação para ter direito à gratuidade. O diálogo, segundo Jotabê, foi mais ou menos assim:

– Sou professor de boxe de um projeto, moro no Glicério, me chamo João Batista dos Santos...

– Ah, você é o Jotabê que dá aula de boxe em baixo do Viaduto do Glicério?

– Sim.

– Então você conhece o Michel?

– Sim, ele treina lá comigo, porque?

– Ele está fazendo o mestrado dele, na USP, sobre a academia onde você dá aula, sabe né?

– Sim, ele disse que iria escrever sobre a *Street Boxing*.

– Tenho o projeto dele aqui no meu computador, vou te mostrar.

Imprimiu uma cópia do meu projeto de mestrado e entregou a Jotabê. Era esta cópia que estava em suas mãos enquanto conversávamos e me mostrou assim que terminou de explicar o contexto. Atônito, perguntei: “E aí, gostou?” Respondeu que “sim” e dialogamos brevemente sobre alguns pontos. Por mais que tenhamos conversado diversas vezes sobre minha proposta de escrever sobre o boxe do viaduto, sobre o Glicério e sua história de vida, jamais havia imaginado que Jotabê teria acesso a meu projeto. Durante o treino, após nossa conversa, não saía da minha cabeça: quem é essa pessoa? Jotabê não lembrava o nome dela. Pensei em ir ao Hospital, imediatamente, para descobrir. Qual sua motivação para entregar uma cópia do meu projeto? Provavelmente é alguém ligada à lista de email do NAU, pensei eu.

Pois bem, como era de se esperar, esse acontecimento mudou nosso relacionamento. E não durou muito minha preocupação com o fato de Jotabê ter tido acesso a esse documento restrito. Alguns dias depois, entusiasmado, ele interrompeu o treino e anunciou para a turma: “o Michel estuda na USP e vai escrever sobre a *Street*

*Boxing*, então quando ele conversar com vocês, deem atenção heim!” Todos concordaram, sem nenhuma palavra, apenas balançando a cabeça. Parece que o documento, com a chancela da USP, comprovou a seriedade de minha proposta perante Jotabê. Com o passar do tempo, percebi que essa minha identidade foi se diluindo, tanto entre a turma como pelo próprio Jotabê. Naquele dia, terminado o treino, fui direto pra casa. Até hoje não sei quem é a funcionária do Hospital Emílio Ribas. Mas a situação narrada é um bom exemplo para pensarmos a produção de conhecimento antropológica em suas múltiplas intersubjetividades. Em nosso modelo de antropologia *at home*, é grande a possibilidade de que nossos interlocutores participem de nossas redes sociais e possam espreitar nossas conversas públicas com outros(as) antropólogos(as) no *Facebook*, além de acompanhar, de certa maneira, nosso cotidiano. Aprendamos com isso<sup>102</sup>. A antropologia precisa estar atenta à discussão pública, não apenas com jornalistas e intelectuais de outras áreas, mas também com aqueles(as) a quem chamamos *pesquisado(a)*.

Para Wacquant, a academia onde realizou sua etnografia era um local privilegiado para pensar e escrever sobre o boxe e sobre os boxeadores do gueto americano de Chicago, sendo esta escolha fundamental para o sucesso de sua empreitada. “É provável que eu não tivesse persistido na minha empreitada ou, pior, que eu fracassasse seriamente, caso tivesse feito meu aprendizado em uma das academias anatômicas mantidas pelo serviço de parques e jardins da cidade” (Wacquant, 2002, p.26). Considero esse pressuposto carregado de um empirismo ingênuo, como se as práticas sociais de significação pelas quais definimos nossos objetos de pesquisa simplesmente pairassem pelo mundo. Em vez disso, minha inserção em campo demonstra como tais objetos são ativamente criados, tornados reconhecíveis em sua especificidade e diferenciados de outros recortes, ou seja, treinar boxe enquanto método de trabalho de campo tem permitido construir uma forma de “saber localizado” (Haraway, 1995), demonstrando como a agência do próprio pesquisador faz parte da descrição etnográfica, afetando a construção do objeto, não sendo meramente passiva. Desse modo, afasto-me de uma *ideologia da representação*, que, segundo o antropólogo americano Stepan Palmié,

---

<sup>102</sup> A coletânea britânica *When They Read What We Write: The Politics of Ethnography* (Brettell, 1993), está recheada dessas controvérsias.

encontra-se na noção de que, dado o tipo certo de circunstâncias, qualquer outro agente poderia igualmente ter produzido os mesmos resultados, fatos, idéias, e assim por diante. Este é o corolário da visão de que os mesmos fatos já estavam lá, desfrutando de uma existência atemporal, esperando apenas a chegada de um agente transitório (Palmié, 2013, p.11, tradução minha)

Em meu trabalho de campo, como pretendo descrever na presente dissertação, minha relação com meus interlocutores é constantemente agenciada, pois eu mesmo tomo providências no esforço de formar meu próprio campo, em colaboração mútua com Jotabê para o bom andamento da *Street Boxing*, além de, regularmente, propor discussões, levantar controvérsia e assuntos para serem discutidos. Ou seja, minha própria agência é fundamental para a construção do objeto. *Mediador do conhecimento*, nesse caso, não é o termo mais apropriado para definir o trabalho do antropólogo.